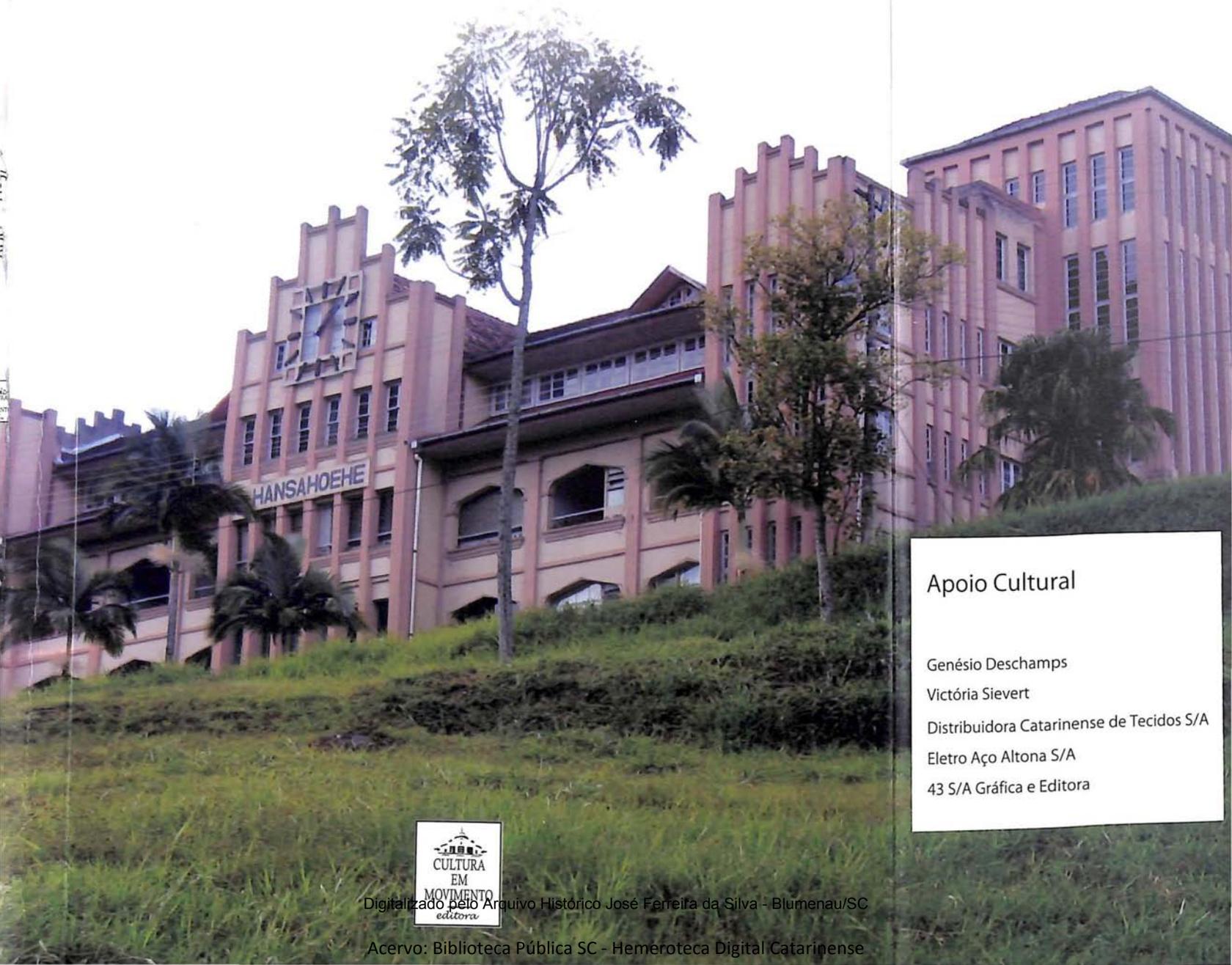


ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

tomo 49 número 1 janeiro/fevereiro 2008



Apoio Cultural

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

43 S/A Gráfica e Editora



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

www.fcblu.com.br



Arquivo Histórico
José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial

Centro Cultural
da Vila Itoupava

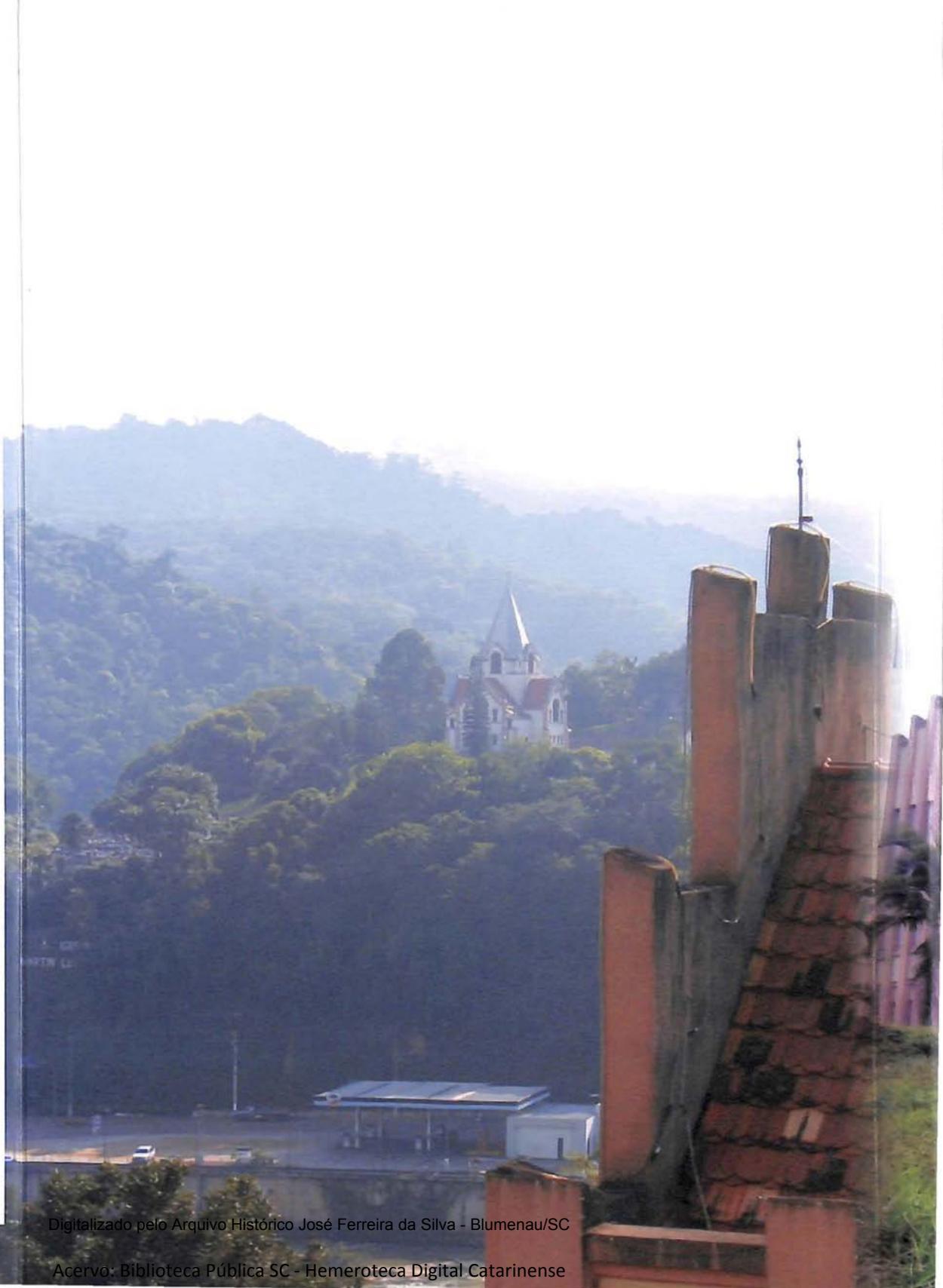
Escola Nº 1

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller
biblioteca@fcblu.com.br

Museu de Arte
de Blumenau
mab@fcblu.com.br

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação
Documentação e
Referência em Leitura
editora@fcblu.com.br



BLUMENAU

em Cadernos

t. 49 n. 1 janeiro/fevereiro 2008 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 49	n. 1	p. 1-128	jan./fev. 2008
---------------	----------	-------	------	----------	----------------

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Edson Brunsfield

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Ivo Hadlich

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli M. V. Petry

Diretor Administrativo-Financeiro | Iury Bugmann Ramos

Diretora do Museu de Arte de Blumenau | Rafaela Hering Bell

Diretor de Cultura | Vinícius Nico Wolff

Blumenau em Cadernos

Editor | Órgão de fomento | Divulgação | Distribuição | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli M. V. Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tesselano Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Viegas Fernandes da Costa

Projeto gráfico | Giba Santos e Sílvio Braga

Capa | Imagens do Hospital Hansaehoehe elaborada por Sílvio Braga

Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir A. Petry Secretária | Mirela A. Nolasco

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras.

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: Érico Ferreira da Silva, Luiz Ferreira da Silva, José Ferreira da Silva, 1957-1973;

Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau,
1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos
45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral
com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração
alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide

Ameida Flori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Impressões de um viajante

Alguns dias na Alemanha

Willi Ule

Tradutora Annemarie Fouquet Schünke

7

Einige Tage in Deutschland

Willi Ule

8

Memórias

A importância de 2007 na história da Sociedade

Evangélica das Senhoras de Blumenau

Brigitte Fouquet Rosenbrock

37

Entrevista

História de vida - Moacir Galliani

Entrevistadores: Luís Antônio Soares/Danilo Gomes

41

Artigos

Considerações sobre a saúde e a história dos hospitais

de Ibirama

Harry Wiese

65

Homenagens do botânico Frederico Carlos Hoehne

ao naturalista Fritz Müller

Luiz Roberto Fontes / Elisabete Aparecida Lopes

101

Autores catarinenses

Uma figura ligada à nossa história: Miguel Calmon

Enéas Athanázio

118

APRESENTAÇÃO

Por tratar-se de uma fonte de pesquisa que revela aspectos do cotidiano, relações de gênero, biografias, educação, sociedade e registros documentais relacionados às questões da História Regional, a revista Blumenau em Cadernos retoma para os seus leitores e pesquisadores.

Iniciamos com a coluna bilíngüe **Documentos Originais – Impressões de um viajante**. Trata-se da tradução de um capítulo da obra publicada no ano de 1925, na Alemanha, que se intitula “*Quer Durch Süd-Amerika*” (*Através da América do Sul*), de autoria do alemão, especialista em ciências marítimas, Willi Ule. O autor fez parte do grupo de alemães que apresentou um plano de nova expedição à Antártica para a Sociedade de Geografia de Berlim. Destacou-se entre os propagandistas do projeto, no entanto participou apenas de parte da viagem. Durante a passagem pelo Brasil, escreveu detalhadamente as impressões de várias regiões do país por ele visitadas, bem como aspectos de sua população. É interessante o relato de sua estadia nas regiões de colonização alemã, onde, desde a sua chegada ao Porto de Itajaí e demais localidades do Vale do Itajaí, foi bem recebido pelos teuto brasileiros, o que o fez sentir-se como se estivesse no seu país de origem. Esta situação o fez escrever o capítulo que se intitula “*Einige Tage in Deutschland*” (*Alguns dias na Alemanha*), sendo traduzido pela senhora Annemarie Fouquet Schünk.

Na seção **Entrevistas**, o depoimento concedido pelo radialista Moacir Galliani para o programa “*Sem Censura*” (Rádio Blumenau), aos jornalistas Luiz Antônio Soares e Danilo Gomes em janeiro de 1982, revelam o registro de um momento da história local vivenciada pelo entrevistado. A transcrição desta fala foi realizada pelo Centro de Memória Oral e Pesquisa (CEMOP), da FURB.

O texto “*A importância de 2007 na história da Sociedade Evangélica das Senhoras de Blumenau*”, relatado por Brigitte Rosenbrock, tem como finalidade

deixar registrada para futuras gerações a atuação de um grupo de senhoras que se empenhou em manter viva uma entidade fundada há cem anos.

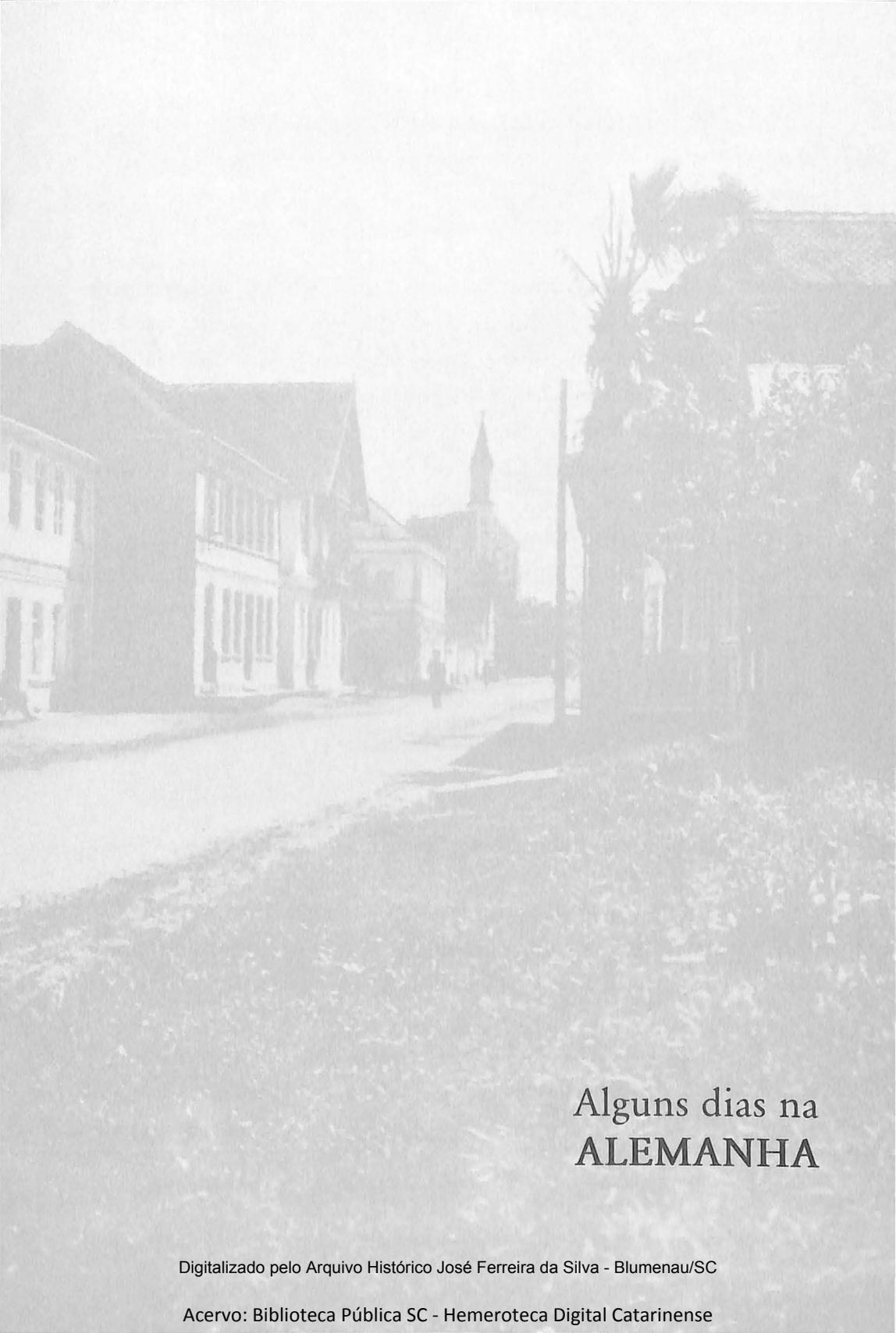
“*Homenagens do botânico Frederico Carlos Hoehne ao naturalista Fritz Muller*”. Com esta chamada publica-se, em **Artigos**, a pesquisa desenvolvida pelo estudioso e pesquisador de Fritz Müller, o médico Dr. Roberto Fontes. O autor focou suas investigações nos trabalhos do botânico de Juiz de Fora – MG, Frederico Carlos Hoehne. Autodidata de formação, ao longo de sua vida Hoehne empreendeu estudos taxonômicos, biogeográficos e ecológicos sobre a nossa flora nativa. Foi fundador do Instituto de Botânica de São Paulo, onde exerceu o cargo de primeiro diretor. Na construção do artigo que ora é publicado, o autor tece considerações sobre Frederico Carlos Hoehne e o cientista Fritz Müller, bem como o quanto o país carece de memória e o pouco valor que dá aos seus cientistas notáveis.

Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau-FURB, o Prof. Harry Wiese publica, na coluna **Artigos**, “*Considerações sobre a saúde e a história dos hospitais de Ibirama*”. Com muita riqueza de fontes e pelo ineditismo da temática, o autor transita com muita propriedade e segurança, revelando para o leitor aspectos das doenças, curandeirismo e ações para a criação de casas de saúde. O autor destaca as dificuldades enfrentadas para a construção do Hospital *Hansaboebe*.

E, para finalizar, o escritor Enéas Athanázio, na sua coluna **Autores Catarinenses**, apresenta um comentário biográfico que se intitula “*Uma figura ligada à nossa história: Miguel Calmon*”.

Conclamamos os leitores e pesquisadores que queiram escrever para as colunas Artigos, História & Historiografia, Memórias, Memórias e Crônicas do Cotidiano que remetam seus textos para o Conselho Editorial desta revista.

Sueli M. V. Petry
Diretora da Revista Blumenau em Cadernos



Alguns dias na
ALEMANHA

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

EINIGE TAGE IN DEUTSCHLAND

Willi Ule¹

Für den folgenden Abschnitt meines Berichtes weiss ich keine bessere Ueberschrift als die: "Einige Tage in Deutschland". Denn ich war für einige Zeit tatsächlich fast nur unter Deutschen, hörte fast nur deutsche Laute, sah nur deutsche Gesichter und wurde auch ganz deutsch gepflegt. Das Ziel war die deutsche Kolonie Blumenau im Staate Santa Catharina.

Schon das Schiff, mit dem ich fuhr, gehörte einer deutschen Reederei. Leider war die Wirtschaft einem Brasilianer übergeben. Das Essen, was dieser den Fahrgästen vorsetzte, war auch nach dem Urteil der mitfahrenden Brasilianer schlecht. Die Butter französischen Ursprung war ständig ranzig, das Fleisch zäh und fast ungeniessbar. Um zu beweisen, dass meine Klage wirklich berechtigt ist, will nur ein Beispiel angeben. Eines Mittags kam auf den Tisch ein verlockend aussehender Braten, der aber einen geradezu widerwärtigen Knoblauchgeruch verbreitete. Er war denn auch so mit Knoblauch gewürzt, dass er ganz süss schmeckte und selbst von den an Knoblauch mehr gewöhnten Brasilianern abgelehnt wurde. Die Reederei hatte den Fehler begangen, den Pächter der Wirtschaft nach der Zahl der Fahrgäste zu bezahlen. Dieser hatte daher einen umso grösseren Gewinn, je einfacheres und billigeres Essen er lieferte und je weniger gegessen wurde.

Unser Schiff war ein kleiner Dampfer, der alle Häfen anlief, wodurch die Fahrt mancherlei Abwechslung erhielt. Zunächst kamen wir nach Paranaguá. Die Stadt selbst lag fast eine Halbstunde Weges landeinwärts. Es führte eine Strassendampfbahn zu ihr. Diese Strassenbahn war das schlimmste, was ich je an verwehrlosten Bahnen gesehen habe. Die Geleise lagen vielfach ganz locker auf der Strasse und ich wunderte mich nur, dass trotzdem unser Wagen ohne Entgleisung

¹ Texto extraído da obra intitulada: "*Quer durch Süd-Amerika*". 2ª edição, Lübeck. Otto Quitzwow – Verlag / Komm. 1925. p. 256-281

ALGUNS DIAS NA ALEMANHA

Willi Ule¹

Annemarie Fouquet Schünke²

Para o meu próximo artigo não encontro um título melhor do que “Alguns dias na Alemanha.” Por algum tempo eu realmente convivi somente com alemães, praticamente escutava só alemão, via somente rostos de alemães e minha alimentação era à moda alemã. O destino foi a Colônia alemã Blumenau, no Estado de Santa Catarina.

Já o navio no qual eu viajava pertencia a uma companhia de navegação alemã. Infelizmente a administração da cozinha estava a cargo de um brasileiro. A comida servida era ruim, até mesmo na opinião dos passageiros brasileiros. A manteiga de origem francesa estava sempre rançosa, a carne dura e intragável. Citarei um exemplo para justificar minha queixa. Certo dia foi servido um assado de aspecto apetitoso, mas exalava um repugnante cheiro de alho. Ele fora temperado com tanto alho que tinha gosto adocicado, sendo igualmente rejeitado pelos brasileiros, que estavam mais acostumados a este tempero. A companhia de navegação cometera o erro em pagar o administrador de acordo com o número de passageiros. Desse modo, seu ganho seria maior se servisse uma comida simples e barata, conseqüentemente, comia-se menos.

Era um navio de pequeno porte, parava em todos os portos e isso proporcionou aspectos diferentes durante a viagem. A primeira parada foi Paranaguá. A cidade se encontrava a uma distância de meia hora terra adentro. Um trem movido a vapor fazia a ligação até lá. Este trem foi o pior entre os mais abandonados trens que já havia visto. Parte dos trilhos estava

¹ Texto extraído da obra intitulada: “*Quer durch Süd-Amerika*”. 2ª edição, 1925. Otto Quit-zow – Verlag / Komm. – Ges. Lübeck, p.256-281.

² Tradutora.

sein Ziel erreichte. Die Stadt machte einen durchaus sauberen Eindruck. Als ich aber einen Laden betrat, um etwas einzukaufen, fand ich denselben dicken Staub und Schmutz wie sonst häufig in den brasilianischen Häusern.

Die zweite Station war São Francisco, ein kleines, schönes Städtchen, die Häuser gruppiert um einen vorspringenden niedrigen Berg, von dem man einen hübschen Blick auf die Stadt, die sie umgebenden, dicht bewaldeten Berge und auf eine dem Ort gegenüberliegende Insel hatte.

Auf der weiteren Fahrt hatten wir eine ziemlich bewegte See. Es liegt hier ein Gebiet, das ebenso verschrien ist wie etwa der Golf von Biscaya an der europäischen Küste. Fast ständig herrscht dort eine starke Dünung und stellen sich heftigere Winde ein. Unser Schiff schlingerte gewaltig, denn es war sehr flach gebaut, um auch in die mit Barren versetzten Flussmündungen einfahren zu können. Die Fahrgäste mussten sehr bald Neptun Opfer bringen, besonders erlagen wieder die Brasilianer stark der Seekrankheit.

Gegen 4 Uhr nachmittags kamen wir vor der Mündung des Itajahy an, des Flusses, an dem 45 km stromaufwärts Blumenau gelegen ist. Die Mündung hat eine eigenartige Form. Der Fluss muss unmittelbar von seinem Eintritt ins Meer infolge eines vorgeschobenen Bergzuges noch eine scharfe Wendung machen, mündet also gleichsam um die Ecke. Der Hafenplatz führt den gleichen Namen Itajahy, er liegt bereits am Fluss selbst. Von hier aus fährt dann ein kleiner Flusssdampfer weiter nach Blumenau. Da dieser erst für den nächsten Morgen fällig war, so musste ich in Itajahy übernachten. Ich stieg in einem deutschen Hotel ab und kam damit wirklich nach Deutschland. Die ganze Einrichtung des Hotels mutete durchaus deutsch an; die Gäste, die Wirtsleute und sämtliches Personal waren deutsch, und der Hausknecht vor der Tür war so der Urtyp eines Hausknechtes des Hotels einer Kleinstadt bei uns, dass man meinen konnte, er sei soeben frisch importiert.

Auch das Essen war durchaus das einer deutschen Küche. Nur der Tee, den ich bei dem Abendessen vorgesetzt bekam, hatte einen fremdartigen

solta e admirei-me que nosso vagão chegou ao destino sem descarrilar. A cidade tinha um aspecto muito limpo, mas quando entrei numa venda para comprar algo, vi a mesma camada grossa de pó e sujeira que encontrei por diversas vezes em casas de brasileiros.

A segunda parada foi na pequena e bela cidade de São Francisco. As casas se agrupavam sobre uma colina, da qual se tinha uma bonita vista sobre a cidade. Era rodeada de morros de densa mata, e em frente havia uma ilha.

Ao seguirmos viagem tivemos um mar bastante agitado. Aqui existe uma região similar ao Golfo de Biscaia da costa européia. Nesse lugar a ressaca é constante, sempre com ventos fortes. Nosso navio balançava muito, sua construção era rasa para poder entrar nas barras dos rios. Os passageiros logo fizeram suas oferendas a Netuno, principalmente os brasileiros.

Por volta das quatro horas da tarde chegamos à foz do rio Itajaí, distante quarenta quilômetros da cidade de Blumenau, localizada rio acima. A foz tem uma forma singular. Pouco antes de desaguar no mar, o rio faz uma curva fechada por causa de um morro que o adentra, em seguida chega ao mar. O porto também se denomina Itajaí e está localizado no rio. Dali parte uma pequena embarcação para Blumenau. Como esta partida estava prevista somente para outro dia, pernoitei em Itajaí. Hospedei-me num hotel de alemães e assim, realmente cheguei à Alemanha. Todo o ambiente era tipicamente alemão, inclusive os hóspedes, os hospedeiros e a criadagem. O porteiro era o protótipo de porteiro de um hotel do interior da Alemanha, tanto que parecia recém importado.

A cozinha também era alemã. Somente o chá servido no jantar tinha um gosto estranho. Isso logo foi esclarecido, não era chá chinês, mas o habitual chá do Paraguai “*Ilex paraguayensis*”, cujas folhas são similares às folhas de uma palmeira nossa (*Aquifoliaceae*). Ele tem certo gosto de

Geschmack. Doch das klärte sich bald auf. Es war kein chinesischer Tee, sondern der landesübliche Paraguay-Tee, der aus den Blättern eines unserer Stechpalme verwandten Strauches, *Ilex paraguayensis*, hergestellt wird. Er hat einen erdigen Beigeschmack. Ich habe ihn, nachdem ich mich daran gewöhnt hatte, gern getrunken und kann es durchaus begreifen, dass Bekannte von mir, die länger in diesen Gegenden gelebt hatten, sich den Paraguay-Tee oder Herva Mate, wie er hier genannt wird, später nach Deutschland nachsckicken liessen, weil sie ihn dem chinesischen Tee vorzogen.

Am nächsten Morgen fuhr ich wieder in durchweg deutscher Gesellschaft auf dem Dampfer "Blumenau" flussaufwärts. Ich erstaunte über die Breite des kleinen Flusses, der auf den Karten unserer Atlanten oft nicht einmal eingezeichnet ist. Er hatte im Unterlauf eine Breite von 300–500 m. Die Fahrt bot viel Interessantes. Die zunächst flachen Ufer steigen landeinwärts immer mehr an und schliesslich treten niedrige Berge, die zuvor bereits in der Ferne sichtbar waren, unmittelbar an ihn heran und schaffen ein recht anmutiges Landschaftsbild, zumal der Fluss in vielfachen Windungen das Land durchfliesst. Das Ufer war bewaldet oder wurde von ausgedehnten Grasfluren mit weidendem Vieh eingenommen. Felder mit Mais, Mandioca, Zuckerrohr und anderen Tropenpflanzen brachten etwas Abwechslung in das Bild. Hier und da stand eine kleine Hütte oder eine primitive Zucker- und Zuckerschnapsfabrik. Der Wald mit seinen Palmen trug noch durchaus tropischen Charakter. Allein in diesem schon ausserhalb der eigentlichen Tropenzone gelegenen Gebiet traten doch häufiger entlaubte Bäume auf. Der vergangene Winter war besonders kalt gewesen. Die Folgen davon waren in den Zuckerrohrpflanzungen deutlich zu sehen, viele Pflanzen hatten durch Frost erheblich Schaden gelitten. Mitten auf der Fahrt kamen wir in einen Heuschreckenschwarm; er war nicht gross und dicht, aber doch so reich an Heuschrecken, dass er wie eine Wolke am Horizont auftauchte. Sie sind in dieser Gegend selten und sollen aus dem Innern stammen.

Weiter stromaufwärts wurde das Flusstal immer enger, der Strom

terra. Acostumei-me a tomá-lo e gostava de seu paladar. Entendi meus conterrâneos que aqui moraram durante algum tempo e mandavam trazer o chá do Paraguai, ou seja erva-mate, para a Alemanha, pois o preferiam ao chinês.

Na manhã seguinte segui de navio para Blumenau, em companhia de alemães. Admirei a largura do pequeno rio, que sequer constava nos mapas do Atlântico. Mais perto da foz ele tinha a largura de trezentos a quinhentos metros. A viagem apresentou muitas coisas interessantes. As margens, a princípio planas, elevam-se mais e mais terra adentro; as colinas que se avistava ao longe agora margeiam o rio, dando uma visão agradável, ainda mais que o rio corre em serpentina. Nas margens havia mata ou extensos pastos com gado. Plantações de milho, mandioca, cana-de-açúcar e outras plantas tropicais alternavam o quadro. Aqui ou acolá um pequeno rancho, um primitivo engenho de açúcar ou alambique. A mata com suas palmeiras davam o caráter tropical. Nesta região, que na verdade não é mais tropical, percebem-se muitas árvores sem vegetação. O último inverno foi excepcionalmente frio. As conseqüências eram visíveis nas plantações de cana-de-açúcar; muitas plantas foram danificadas pela geada. Na metade do percurso nos deparamos com gafanhotos, parecia uma nuvem despontando no horizonte. São raros nesta região, eles vinham do interior.

Rio acima, o vale se tornava cada vez mais estreito, porém a correnteza mais forte. Nosso pequeno navio avançava lentamente. No entanto, a paisagem ficava mais montanhosa e mais atrativa. Chegamos a Gaspar, uma colônia de lavradores localizada numa bonita região, então finalmente, ao longe despontava Blumenau, estendendo-se de modo pitoresco logo após uma curva do rio ao pé de morros.

No trapiche havia quatro senhores. Assim que aportamos um deles logo veio ao meu encontro, dando-me as boas-vindas em nome do

immer stärker. Unser kleiner Dampfer kam nur langsam vorwärts. Zugleich wurde die Landschaft bergiger und reizvoller. Wir kamen an dem hübsch gelegenen Kolonistenort Gaspar vorbei und schliesslich tauchte in der Ferne Blumenau auf, das einer Biegung des Flusses sich malerisch am Fusse höherer Berge ausbreitet.

Am Landungssteg standen vier Herren, von denen einer sofort nach dem Anlegen des Dampfers auf mich zukam und mich im Namen des dortigen deutschen Clubs herzlich willkommen hiess. Also auch hierher war die Ankunft des "Wertpaketes" angemeldet worden. Dieser freundliche Empfang machte mich gleich heimisch in dem neuen Ort, zumal die Begrüssung in dem Dialekt meiner Heimat Sachsen erfolgte. Dieses heimische Gefühl hielt auch in den folgenden Tagen unverändert an; denn ich verlebte sie nur in deutscher Gesellschaft und an einem Orte, wo tatsächlich alles deutsch ist. Dazu kam, dass die Herren vom deutschen Club unermüdlich für mich sorgten, mir überall die Wege ebneten und mir den Aufenthalt in jeder Weise so angenehm wie möglich gestalteten.

Ich stieg in dem Hotel Holetz ab, einem Gasthaus, das hierher aus einer kleinen Stadt Mitteldeutschlands versetzt sein konnte, nicht erstklassig, aber behaglich und nett eingerichtet, ein klein wenig unordentlich, wie wir das bei uns auch zuweilen in kleinen Orten finden, verbunden mit einem grossen Versammlungs- und Tanzsaal, der für gelegentliche Aufführungen und Konzerte mit einer Bühne versehen war.

Wie das Hotel, so mutete mich auch die Stadt mit ihren kleinen meist einstöckigen Häusern wie eine mitteldeutsche Kleinstadt an. Selbst der Stil der Häuser entspricht ganz dem bei uns üblichen. Ein Strassenbild aus Blumenau würde jeder, der nicht weiss, dass es hier aufgenommen ist, nach Deutschland verlegen. (Taf. 28.). Der Ort besass auch zwei kleine Kirchen, eine katholische, mit einem weithin sichtbaren Turm, und eine evangelische, der dieser Schmuck fehlte. Nach einem Gesetz durften früher die evangelischen Kirchen keinen Turm erhalten. Die katholische Religion war allein anerkannt, so dass Kinder evangelischer Eltern als

Clube Alemão. Também aqui, eu havia sido anunciado. Esta simpática acolhida fez com que eu logo me sentisse em casa, ainda mais que fui cumprimentado no dialeto de minha pátria, a Saxônia. Esse sentimento perdurou inalterado durante os dias seguintes, pois permaneci em companhia de alemães, isso num lugar onde tudo realmente era alemão. O que contribuiu para isso foi a atenção dispensada pelos senhores do Clube Alemão, que zelaram pelo meu bem-estar e facilitaram minha permanência da maneira mais agradável possível.

Hospedei-me no Hotel Holetz, hotel este, que poderia ter sido transferido para cá de uma pequena cidade da Alemanha. Não era de primeira classe, porém acolhedor e um pouco desleixado, assim como, vez ou outra encontramos em lugares pequenos na Alemanha. Ainda tinha uma sala de reuniões e dança, na qual aconteciam concertos e para isso havia um pequeno palco.

Assim como o hotel, também as pequenas casas de um pavimento me reportavam a uma pequena cidade do interior da Alemanha. Até o estilo de construção corresponde ao nosso. Uma fotografia das ruas de Blumenau faria com que todo aquele que não soubesse ter sido tirada aqui, transportar-se para a Alemanha. Havia duas Igrejas: uma católica cuja torre podia ser vista de longe e uma evangélica luterana desprovida de tal ornamento. De acordo com uma lei antiga, as igrejas evangélicas não podiam ostentar torre. A religião oficial era a fé católica, tanto que os filhos de pais evangélicos eram considerados ilegítimos.

Como poderia deixar de me sentir totalmente alemão na primeira noite em Blumenau? Afinal, estava tomando cerveja, rodeado de alemães, ouvindo canções alemãs. Por tudo isso essa noite no Clube Alemão será inesquecível.

O que disse sobre Blumenau poderia dizer também de suas imediações, com a ressalva de que estas regiões ainda apresentam a

unehelich galten.

Wie sollte ich mich an dem ersten Abend in Blumenau nicht ganz als Deutscher fühlen? Sass ich doch in einem Kreise deutscher Herren, bei deutschem Bier und dem Gesang deutscher Lieder! Dieser erste Abend im deutschen Clubhaus wird mir gerade deshalb immer unvergessen bleiben.

Was ich von dem Ort Blumenau gesagt habe, könnte ich ohne weiters auch auf seine Umgebung übertragen, nur dass diese, wo sich noch in ihrer unsprünglichen Form erhalten ist, doch ein etwas abweichendes Pflanzenkleid trägt. Aber wo das Land kultiviert ist, sieht man Wiesen und Felder wie bei uns, sieht man nette saubere Bauernhäuser mit einem Garten, sieht man auf der Strasse sogar die vierrädrigen Wagen und auf dem Felde unsere Ackergeräte. Alles wie bei uns! Was mich ganz besonders an den kleinen Bauernsiedlungen erfreute, war die tadellose Ordnung und Sauberkeit, die überall herrschte und die im Gegensatz zu den brasilianischen Verhältnissen wirklich wohltuend wirkte, und sodann die Liebe zu der Heimat, die sich in allem kundgab. In den kleinen Gärtchen vor den Häusern standen all die bekannten Pflanzen aus unseren heimischen Dorfgärten wie Veilchen, Stiefmütterchen, Nelken, Feuerlilien usw., alles sorgfältig gepflegt. Auch die Fenster waren meist mit Blumen wie daheim geschmückt. Trat dann noch der Besitzer mit seiner Frau und seiner meist mehr als sechsköpfigen blonden Kinderschar aus dem Haus, so war das Bild eines deutschen Bauernhauses vollkommen, und in mir lachte das Herz im Anblick desselben. (Taf. 29.)

Und da klagt man daheim noch darüber, dass unsere Landsleute draussen so leicht ihr Deutschtum verlören. Hier haben sie es sich Jahrzehnte hindurch unter schwierigen Verhältnissen und harten Kämpfen treu bewahrt. Selbst durch mehrere Generationen hindurch ist der ursprüngliche Dialekt erhalten geblieben. Da sich vielfach die stammverwandten Auswanderer gemeinsam an der gleichen Stelle angesiedelt haben, so kann man heute noch auf den einzelnen Siedlungen ganz verschiedene, aber noch unverfälschte Dialekt hören.

vegetação nativa em sua forma original. Porém, onde a terra é cultivada vemos pastos e campos como os nossos na Alemanha; vêm-se simpáticas casas e jardins, na estrada podemos encontrar carroças de quatro rodas, e nos campos instrumentos de trabalho iguais aos usados por nós. Tudo como na Alemanha! O que mais me alegrou nas pequenas colônias foi a impecável ordem e limpeza, contrapondo-se às condições brasileiras, deixando assim transparecer o amor à pátria mãe. Nos pequenos jardins em frente das casas havia plantas conhecidas em nossos povoados como: violetas, amor-perfeito, cravos, lírios, etc.. Tudo muito bem cuidado. De um modo geral, também as janelas estavam enfeitadas com flores como lá em casa e, quando aparecia o proprietário, sua mulher mais os filhos, o quadro de uma casa de agricultores na Alemanha estava completo e meu coração se alegrava.

E na Alemanha nos queixávamos que nossos compatriotas de além-mar perdiam rapidamente sua germanidade. Aqui, eles mantiveram durante décadas sua cultura sob condições adversas e com muita luta. Até mesmo o dialeto original foi mantido durante várias gerações. Como os imigrantes com parentesco se estabeleceram em diversos lugares, ainda hoje se ouvem diferentes, porém inalterados dialetos.

E tudo isso sob luta árdua! A luta pela existência contra a repressão dos brasileiros! Quem imigrou para cá teve de dar duro nos primeiros anos até garantir sua existência. Muitos não conseguiram, mas a maioria conseguiu construir um novo lar através de muita labuta. Na realidade, poucos ficaram abastados ou até ricos. Isso em virtude das pequenas propriedades e administração errada, mas também pela falta de capital e inteligência. A maioria que imigrou era pobre, não possuía capital e sobretudo não tinha instrução. A falta de capital e inteligência ainda hoje é visível e muitas vezes ouvi dizer: “Se vocês alemães da Alemanha quiserem nos ajudar, mandem capital e inteligência”.

Unter harten Kämpfen! Kampf um das Dasein und gegen die Unterdrückung durch die Brasilianer! Wer hier eingewandert ist, hat die ersten Jahre schwer zu arbeiten gehabt, bis er sich seine Existenz gesichert hatte. So mancher hat es nicht erreicht, aber die meisten haben sich durchgerungen und sich schliesslich ein neues Heim geschaffen. Freilich nur wenige sind bis zur Wohlhabenheit oder gar Reichtum emporgestiegen. Das machte zum Teil die Kleinheit ihres Anwesens und ihrer Wirtschaft unmöglich, wurde aber auch erschwert durch das Fehlen von Kapital und Intelligenz. Es waren vornehmlich arme Landleute die hierhin auswanderten, ohne Vermögen und überwiegend von geringerer Bildung. Der Mangel an Kapital und Intelligenz macht sich auch heute noch nachteilig bemerkbar und immer wieder hörte ich die Bitte aussprechen: "Wenn ihr Deutschen daheim uns helfen wollt, schickt uns Kapital und Intelligenz!"

Die allgemeine Unbildung zeigte sich gerade, als ich dort war, in den schrecklichen Folgen einer Pockenepidemie. Obwohl in Brasilien die Pocken häufig auftreten, lässt sich kein Mensch impfen, angeblich, weil das Impfen nur gegen die schwarzen Pocken schützen soll. Und man hat dann bei Ausbruch der Epidemie kaum etwas getan, um eine grössere Verbreitung zu verhindern. In völliger Unkenntnis über die Gefahr der Ansteckung haben frische Pockenranke ruhig am geselligen Verkehr teilgenommen. Man erzählte mir, dass ein einziger Kranker auf diese Weise eine ganze Hochzeitsgesellschaft angesteckt habe. Kein Wunder, dass unter diesen Verhältnissen die Krankheit eine erschreckende Ausbreitung fand und dass in einzelnen Siedlungen nicht ein Haus und nicht ein Mensch davon verschont blieb. Die Spuren davon waren auf vielen Gesichtern sichtbar. Ich selbst war froh, dass ich mich vor Antritt der Reise noch einmal hatte impfen lassen.

Sodann der Kampf gegen die Unterdrückung durch die Brasilianer. Diese schätzen den Deutschen als guten Kolonisten und wissen seine Tüchtigkeit wohl zu würdigen, aber sie fürchten zugleich seine Überlegenheit, die ihnen

A ignorância generalizada ficou evidente quando estive lá, refiro-me às conseqüências devastadoras de uma epidemia de varíola. Apesar de a varíola surgir de tempos em tempos no Brasil, ninguém se deixa vacinar, pois acreditam que esta vacina protege somente contra a varíola negra. Quando a epidemia eclodiu, praticamente nada foi feito para evitar seu alastramento. Por desinformação sobre o perigo do contágio, os recém contaminados participavam do contato social. Ouvi dizer que, desse modo, um único infectado contaminara todos os convivas de um casamento. Não é de admirar que sob estas condições a doença se alastrasse de maneira assustadora e, em diversos povoados sequer uma pessoa e casa ficaram ilesos. Os vestígios eram visíveis em muitos rostos. Eu fiquei feliz por ter-me vacinado mais uma vez antes da viagem.

E a luta para superar a opressão exercida pelos brasileiros! Embora admirem o alemão como sendo um bom colono e até valorizam seu esforço, temem sua superioridade e a acham arriscada, enquanto o alemão se sentir como alemão. Por isso desejam ardentemente integrá-lo definitivamente à sua nação. Pouco antes de minha chegada, o Governo fez uma tentativa para misturar o sangue. Um destacamento militar foi enviado para Blumenau, mas nenhuma das moças se relacionou com os odiosos soldados. Logo o Governo se viu frustrado e recolheu o destacamento. A saída dos militares foi motivo de uma festa popular. Os militares se retiraram sob o júbilo dos alemães.

Muitas vezes julgamos erroneamente a conduta dos alemães no exterior. Eles não abrem mão de sua germanidade com facilidade, porém, muitas vezes, são obrigados a fazê-lo, devido à falta de auxílio da pátria mãe. De um modo geral fizemos muito pouco por nossos compatriotas do exterior, não nos importamos com eles, não mantivemos o contato necessário, nem enviamos sangue novo para fortalecer sua posição. Ouvi queixas sobre esta questão, tanto em Blumenau, como mais tarde, dos

gefährvoll erscheint, solange der Deutsche deutsch bleibt und sich als Deutscher fühlt. Sie möchten ihn deshalb gern aufsaugen und ihn aufgehen lassen in ihre eigene Nation. Nicht lange vor meiner Ankunft hatte die Regierung einen solchen auf Blutmischung zielenden Versuch unternommen. Sie hatte nach Blumenau Militär gelegt. Aber keines der deutschen Mädchen hat sich mit den verhassten Soldaten in einen näheren Verkehr eingelassen. Die Regierung sah bald das Erfolglose ihres Unternehmens ein und hat das Militär wieder zurückgenommen. Der Abzug des Militärs gab dann Anlass zu einem wahren Volksfest. Unter dem Jubel der Deutschen zog das Militär ab.

Das Verhalten der Deutschen im Ausland beurteilen wir oft falsch und ungerecht. Sie geben ihr Deutschtum in vielen Fällen durchaus nicht so leicht auf, werden aber oft dazu gezwungen, weil ihnen die nötige Unterstützung vom Heimatland versagt bleibt. Wir haben im allgemeinen viel zu wenig für unsere Landsleute draussen getan und uns zu wenig um sie gekümmert, wir haben zu wenig die Verbindung mit ihnen aufrecht erhalten und nicht dafür gesorgt, dass ihnen zur Kräftigung ihrer Stellung neues Blut zugeführt wurde. Darüber wurde auch in Blumenau geklagt und die gleichen Klagen hörte ich später unter den Deutschen in Chile. Das von der Heydtsche Rescript, das die Einwanderung nach Brasilien verbot, hat die Entwicklung des dortigen Deutschtums mehr behindert und geschädigt, als das je durch die mangelnde Treue unserer Landsleute zu ihrem Heimatland geschehen ist.

Auf die Deutschen in Blumenau dürfen wir jedenfalls mit Stolz blicken. Sie haben es in unermüdlicher Arbeit zu etwas gebracht. Wenn auch unter ihnen kaum Reichtum zu finden ist, so gibt es doch keine Armut. Es herrscht hier keine wirkliche Not, jeder hat zu leben, vermag sich und seine Familie zu erhalten. Sie haben im allgemeinen ein gesundes, kräftiges Aussehen und es prägt sich in ihrem Wesen häufig ein berechtigtes Selbstbewusstsein aus, das in dem Gedanken wurzelt: "Wir haben es trotz alledem geschafft".

In der Tat sind sie vorwärts gekommen und haben besonders

alemães no Chile. O Rescrito de Heydt, que proibia a imigração para o Brasil prejudicou muito mais do que a falta de fidelidade de nossos compatriotas para com a pátria mãe.

Contudo, devemos olhar com orgulho para os alemães de Blumenau. Eles conquistaram muito através de trabalho incansável. Mesmo que não haja riqueza entre eles, também não existe pobreza. Aqui não há necessidade, todos conseguem sustentar a sua família. De um modo geral a aparência das pessoas é saudável, revelam autoconfiança, cuja raiz reside no pensamento: “Conseguimos, apesar de tudo”.

Realmente progrediram e obtiveram grande sucesso econômico. Isso se pode deduzir pelo volume de exportação. O município de Blumenau exportou em 1910 seiscentos mil quilos de manteiga, quatrocentos mil de banha, trezentos mil de açúcar, cem mil de erva-mate, quase trezentos mil de tabaco e mais de duzentas mil unidades em ovos. O fato de a pequena Colônia, com apenas quinze mil alemães, conseguir construir com recursos uma estrada de ferro entre Blumenau e Hamonnia (Ibirama), localizada serra acima, é sem dúvida uma prova do empenho e esforço desses bravos pioneiros da cultura. A instalação de uma cooperativa dos produtos derivados do leite somente confirma isso.

Para os dias de minha permanência foi elaborado um programa intenso e por isso eu estava ocupado da manhã à noite. Como forma de agradecimento, sinto-me na obrigação de mencionar os senhores que, com tanta dedicação, deram suporte aos meus estudos. Em primeiro lugar menciono o senhor Köhler, editor do conhecido jornal “Der Urwaldsbote”; os irmãos Hering, proprietários de uma grande tecelagem; o farmacêutico Meyer; senhor Strohtmann, diretor da Escola Alemã; e o senhor Mummelthey, pastor evangélico. Tive uma surpresa com este pastor, ao constatar que tínhamos algo em comum. Ele estudara em Halle e foi membro ativo de uma corporação de ginástica. Na época, eu era docente e

wirtschaftlich grosse Erfolge erzielt. Das geht schon aus dem nicht unbeträchtlichen Export hervor. Im Jahre 1910 führte das Municip Blumenau 600 000 kg Butter, 400 000 kg Schmalz, 300 000 kg Zucker, 100 000 kg Herva Mate, fast 300 000 kg Tabak und über 200 000 Stück Eier aus. Dass die kleine Kolonie, die höchstens 15 000 Deutsche zählt, aus eigenen Mitteln sogar eine Bahn, die von Blumenau bis Hammonia im inneren Bergland führt, gebaut hat, ist zweifellos nicht minder ein Beweis der Rührigkeit und des Aufstrebens dieser braven Pioniere der Kultur. Die Anlage einer Genossenschaftsmolkerei bestätigt das nicht minder.

Für die Tage meines Aufenthaltes war ein reiches Programm aufgestellt und ich war infolgedessen von morgens bis abends beschäftigt. Es ist wohl eine Pflicht der Dankbarkeit, die Herren namhaft zu machen, die mich bei meinen Studien so aufopfernd unterstützt haben. Es waren in erster Linie Herr Köhler, der Herausgeber des bekannten Urwaldboten, die Gebrüder Hering, die Inhaber einer grossen Weberei, Herr Apotheker Meyer, Herr Strohtmann, der Rektor der deutschen Schule, und der evangelische Pastor, Herr Mummelthey. Der letztere brachte mir insofern eine Überraschung, als wir sofort alte Beziehungen zueinander feststellen konnten. Er hatte in Halle studiert und war dort einer Korporation aktiv gewesen, die unter meiner Leitung – ich war damals Dozent und akademischer Turnlehrer zugleich – geturnt hatte, und seine Frau war zwei Jahre in Rostock in der Klinik des Frauenarztes Dr. E. tätig gewesen.

Am ersten Tag wurde ich bereits um 7 Uhr morgens zu einer Besichtigung der Fabrik der Gebrüder Hering abgeholt. Die Fabrik lag ausserhalb des Ortes in einem Tal jenseits eines Berges und war umgeben von den Wohnungen der Besitzer und ihrer Arbeiter. Die ganze Anlage wurde als Heringsheim bezeichnet. Der Weg dorthin führte mitten durch Urwald hindurch, mit dessen Rodung man bereits begonnen hatte. Es sollte hier der Versuch mit Anbau von Baumwolle gemacht und neues Gelände zur Ansiedlung gaschaffen werden. Wir kamen auch an einer solchen neuen Ansiedlung vorbei, wo der Kolonist eben erst eine kleine Wohnhütte aus Holz errichtet hatte.

professor acadêmico de ginástica. Sua mulher trabalhou durante dois anos na clínica do ginecologista, Dr. E., em Rostock.

No primeiro dia, os irmãos Hering me buscaram às sete horas da manhã para uma visita à fábrica. Esta se localizava fora do centro, num vale detrás de um morro, rodeada pelas casas de seus proprietários e empregados. Todo o complexo era denominado “Heringsheim” (lar dos Hering). O caminho que levava à fábrica passava em meio à mata virgem, agora já haviam começado sua derrubada. Ali, pretendiam plantar algodão e conseguir novas áreas para povoamento. Passamos por um, onde um colono havia recém iniciado a construir seu pequeno rancho de madeira.

Há mais ou menos quarenta anos, os irmãos Hering aqui chegaram munidos de um pequeno tear e, agora possuíam uma grande fábrica equipada com as mais modernas máquinas, que funcionavam a todo vapor. Produziam, principalmente, meias e camisetas. Tudo o que era necessário para a expedição da mercadoria era feito lá mesmo. A energia para o funcionamento das máquinas era conseguida através de turbinas. Com muito empenho, os dois empresários se tornaram abastados, no entanto, continuaram sendo pessoas simples e modestas. Um dos dois senhores idosos se queixou do frio intenso e da geada do último inverno, disse que passara muito frio. Até se surpreendeu quando eu lhe disse que poderia ter mandado construir uma lareira. Ele, em sua modéstia, nem havia pensado nisso.

Do “Heringsheim” fomos até à Escola Alemã. Presenciei a aula de geografia, português e ciências. Gostei demais do ensino. As crianças demonstravam interesse e ânimo no estudo, e os professores eram competentes. Pelo tanto que sei, eles eram enviados para a Escola Alemã pelo Ministério do Exterior. Gostei do método usado no ensino de português, adequado às necessidades locais. Desse modo as crianças aprendiam, principalmente, a falar português, o que para elas era o mais

Als einfache Weber waren vor etwa 40 Jahren die beiden Brüder Hering mit einem Webstuhl hier eingezogen und jetzt besaßen sie eine grosse Fabrik, mit den neuesten Maschinen ausgerüstet und mit regstem Betrieb. Es wurden namentlich Strümpfe und Hemden hergestellt. Aber auch alles, was zum Versand der fertigen Waren erforderlich war, wurde gleich dort angefertigt. Die Kraft für die Maschinen wurde durch eine Turbinenanlage gewonnen. Die beiden Besitzer hatten sich wirklich emporgearbeitet und waren sogar zu Reichtum gekommen. Sie waren aber schlichte, einfache Leute geblieben, überaus anspruchslos. Der eine der beiden alten Herren beklagte sich mir gegenüber, dass er im letzten Winter, der besonders kalt gewesen war und mehrmals sogar Frost gebracht hatte, so sehr hätte frieren müssen. Als ich darauf erwiderte, dass er sich doch wohl hätte einen Ofen setzen lassen können, war er geradezu erstaunt. In seiner Anspruchslosigkeit war er gar nicht auf diesen Gedanken gekommen.

Von Heringsheim ging es zur deutschen Schule. Ich wohnte hier dem Unterricht in Geographie, in Portugiesisch und in Naturgeschichte bei. Der Unterricht gefiel mir ausgezeichnet. Die Kinder machten einen frischen und lernfreudigen Eindruck und die Lehrer waren durchweg gute Kräfte. Sie werden der Schule von Deutschland, soviel ich weiss vom Auswärtigen Amt, überwiesen. Bei dem Unterricht in Portugiesisch gefiel mir die angewandte Methode, die den dortigen Bedürfnissen vortrefflich angepasst war. Die Kinder lernten nach dieser vor allem portugiesisch sprechen, was für sie ja auch das wichtigste ist. Wer hier sagen wollte, was brauchen denn die Kinder überhaupt portugiesisch zu lernen, lässt sie doch deutsch sprechen, der würde die Verhältnisse ganz falsch beurteilen. Für den Verkehr mit der Regierung und für die Stellung des Deutschen in dem fremdsprachigen Staate ist eine gute Kenntnis der Landessprache dringend erforderlich. Geradezu ein Genuss aber war die naturwissenschaftliche Stunde, in der der Lehrer besonders die biologischen Erscheinungen in den Vordergrund gestellt hatte. Im Schulhof sah ich mir dann noch den Turnbetrieb an und zum Schluss wurden von mehreren Klassen gemeinsame Lieder vorgetragen, wodurch

importante. Para aqueles que diziam “Por que as crianças precisam falar português? Deixem-nas falar alemão”, estariam julgando erradas as condições existentes. É necessário ter um bom conhecimento do vernáculo, a fim de ter contato com o governo e também para o emprego dos alemães. A aula de ciências foi a que mais apreciei. O professor deu maior ênfase às questões biológicas. No pátio, ainda assisti a uma aula de educação física, e depois, algumas classes apresentaram canções. Desse modo, a visitação da escola teve um encerramento festivo. O diretor ainda fez uma brincadeira perguntando às crianças: “Como se chama o morro mais alto do Brasil?”, obtendo prontamente como resposta: “Itatiaia!” “E quem o escalou?” “O senhor professor!”. O diretor havia lhes contado sobre a minha escalada no Itatiaia.

Muitas crianças têm um longo caminho para a escola. Normalmente o fazem a cavalo. Por isso, havia uma fileira de cavalos em frente à escola, esperando pelos pequenos cavaleiros.

Para a tarde estava previsto um passeio de trem até a Colônia Hammonia, da companhia colonizadora Hanseática. Um dos senhores Hering se colocou cordialmente à minha disposição. Surpreendi-me ao chegar à estação de trem, era realmente um trem alemão, tanto no visual quanto no manejo. Os funcionários até usavam os mesmos uniformes como na Alemanha. A linha do trem se estendia ao longo do Itajaí rio acima. Ali, o rio não é mais navegável; corredeiras e saltos inviabilizam a navegação. A princípio atravessamos pastos e lavouras, tendo ao fundo as simpáticas casas campestres, passamos por bonitas estações, mas não pretendo enumerar todas. Interessei-me mais pela estação de Warnow, localidade fundada por imigrantes de Mecklenburg. Rio acima, as encostas dos morros iam se tornando gradativamente mais altos, o vale mais estreito e o rio mais turbulento. Em certos lugares os morros de rocha escarpada beiravam o rio. A paisagem era extraordinariamente bela: o rio espumante

die Besichtigung der Schule einen geradezu feierlichen Abschluss fand. Der Rektor erlaubte sich dabei noch einen Scherz. Er fragt die Kinder: “Wie heisst der höchste Berg von Brasilien?”, worauf er prompt die Antwort erhielt: “Itatiaja!” “Und wer hat ihn bestiegen?” Antwort: “Der Herr Professor!” Der Rektor hatte ihnen vorher von meiner Tour auf den Itatiaja erzählt.

Zur Schule haben manche der Kinder einen weiten Weg. Sie legen ihn meist zu Pferd zurück. Vor dem Schulhaus standen daher eine ganze Reihe Pferde, die auf die kleinen Reiter und Reiterinnen warteten.

Für den Nachmittag war eine Bahnfahrt nach der Kolonie Hammonia der Hanseatischen Kolonialgesellschaft in Hamburg vorgesehen. Als Begleiter und Führer stellte sich mir in liebenswürdiger Weise einer der Herren Hering zur Verfügung. Als ich auf den Bahnhof kam, war ich wieder geradezu überrascht. Das war wirklich eine ganz deutsche Bahn, sowohl in der Anlage wie im Betrieb. Die Bahnbeamten trugen sogar dieselbe Uniform wie bei uns. Die Bahn führte an dem Itajahy aufwärts. Der Fluss ist hier nicht mehr schiffbar, Stromschnellen und Wasserfälle machen das unmöglich. Es ging zunächst durch ein breiteres Tal mit viel Wiesen und Kulturland, aus dem die netten Landhäuser freundlich herüber grüssten, an vielen oft hübsch gelegenen Stationen vorbei, die ich aber nicht alle aufzählen will. Mich persönlich interessierte nur die Station Warnow, eine Gründung von Mecklenburgern. Weiter stromaufwärts wurden die Uferberge immer höher, das Tal enger und der Fluss immer reissender. Vielfach stiegen die Berge als schroffe Felsen unmittelbar aus dem Fluss empor. Landschaftlich ein ausserordentlich schönes und abwechslungsreiches Bild: der aufschäumende Fluss mit seinen zahlreichen Krümmungen, die schroffen Uferfelsen, die starkdurchtalte Berglandschaft von dichtestem Urwald bedeckt! Man hat die Gegend, wie das bei uns üblich ist, mit dem Namen “Die Schweiz” belegt.

Kurz nach Sonnenuntergang erreichten wir die Endstation. Eine halbstündige Wagenfahrt brachte uns zu unserem Gasthaus im Stadtplatz Hammonia. Dieses war ganz aus Holz aufgeführt, wie auch die einzelnen

com suas inúmeras curvas, as rochas escarpadas e os morros cobertos pela densa mata virgem. Esta região foi denominada “Suíça”, assim como é usual na Alemanha.

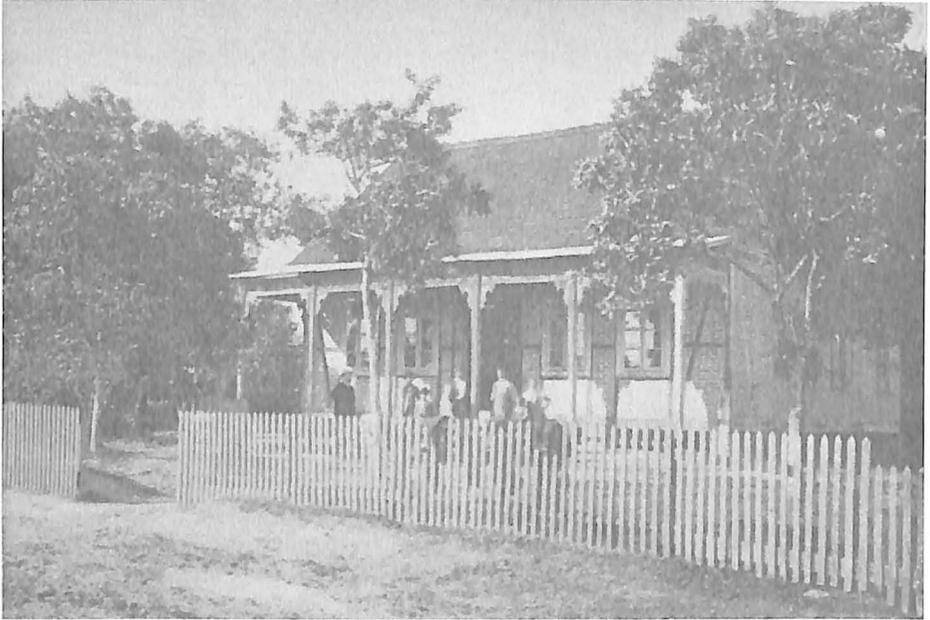
Ao entardecer, chegamos à última estação. Mais uma meia hora de carroça e então chegamos à hospedaria no Stadtplatz de Hammonia. A construção era de madeira, assim como as demais casas dos colonos. O povoado ainda se encontrava em estado precário, mas desenvolveu-se muito desde lá. Ficamos sabendo na hospedaria a que perigos os colonos estavam expostos. Havia certo nervosismo entre os hóspedes, motivado por um ataque dos bugres, assim como são denominados os índios. Um dos colonos fora atingido por uma flecha durante o trabalho, felizmente foi atingido somente na calça e não se machucou. Estes ataques são comuns na região montanhosa. Durante dias os bugres cercam as propriedades mais afastadas, esperam os homens saírem de suas casas, então eles tentam entrar para roubar, mas muitas vezes sem sucesso porque as mulheres também sabem manusear armas para defender a propriedade. Aqueles índios que vêm de muito longe, sendo uma parcela do Paraguai, são uma praga terrível e o pior é que o Governo, apesar das reivindicações dos colonos alemães, não toma nenhuma providência em relação a eles, mas num acesso de humanidade até lhes dá proteção especial.

Não é fácil para o jovem colono. No início ele sofre a ação do clima quente e ao mesmo tempo é atormentado pela praga de mosquitos, bicho do pé, carrapatos, traças e ácaros. É preciso se aclimatizar, nem tanto ao clima, mas adquirir certo grau de insensibilidade contra as mencionadas pragas. É preciso ter cuidado com as cobras, numerosas na terra recém preparada e ainda presentes nas colônias mais antigas. Realmente um perigo! O Pastor contou que mata quatro a cinco cobras todo ano e o funcionário do trem falou que elas sempre aparecem quando os caixotes do depósito são remanejados.

Kolonistenhäuser nur Holzbauten waren. Die Ansiedlung machte noch einen sehr unfertigen Eindruck, hat sich aber seitdem kräftig entwickelt. Welchen Gefahren hier die Kolonisten ausgesetzt sind, sollten wir im Gasthaus erfahren. Hier herrschte unter den Gästen eine gewisse Aufregung. Sie war veranlasst durch einen Ueberfall der Bugre, d. s. die wilden, umherschweifenden Indianer. Einer der Kolonisten war bei der Arbeiter von einem solchen Indianer angeschossen worden. Der Pfeil war jedoch nur durch die Hose gegangen und hatte ihn selbst nicht verletzt. Weiter im Bergland sind solche Überfälle häufig. Die Bugre umschleichen dort tagelang die einsam gelegenen Höfe, warten, bis der männliche Teil der Bewohner das Haus verlassen hat, und versuchen dann in das Haus einzudringen, um es auszuplündern, oft allerdings erfolglos, weil auch die Frauen verstehen, mit den Waffen umzugehen und Hab und Gut zu verteidigen. Die Indianer, die weiter aus dem Innern, zum Teil aus Paraguay kommen, sind eine furchtbare Landplage und das schlimmste ist, dass die Regierung trotz aller Vorstellungen der deutschen Kolonisten nichts gegen die Indianer unternimmt, sondern in einer falschen Anwendung von Humanität ihnen sogar besonderen Schutz gewährt.

Überhaupt hat es der junge Kolonist nicht leicht. Er leidet zunächst unter der erschlaffenden Wirkung des warmen Klimas und wird zugleich von zahlreichen tierischen Plagegeistern wie Moskitos, Sandflöhen, Zecken und verschiedenen Milben gepeinigt. Er muss sich erst, wie man dort sagt, akklimatisieren, worunter man weniger die Anpassung an das Klima als an die Erlangung einer gewissen Unempfindlichkeit gegen die vielen genannten Plagen versteht. Auch vor Schlangen muss er sich hüten, die draussen im frischen Lande recht häufig sind und selbst in den älteren Kolonien noch eine Gefahr bilden. Der Pastor erzählte mir, dass er in seinem kleinen Garten jährlich vier bis fünf Schlangen töten müsse, und von einem Bahnbeamten erfuhr ich, dass jedesmal, wenn im Güterraum Kisten weggeräumt würden, eine oder einige Schlangen zum Vorschein kämen.

Acho que nem preciso frisar que também no Stadtplatz de Hammonia tudo era alemão. Fiquei contente ao descobrir uma cancha de bolão na hospedaria. Isso foi para mim um sinal evidente de que o amor pelos hábitos e pela pátria mãe ainda não se perderam.



Vista de uma residência no interior de Blumenau.

O tempo estava maravilhoso ao retornarmos na manhã seguinte. Para a tarde já estava marcado outro passeio. O carro chegou à uma hora, era puxado por um conjunto de quatro cavalos! Subi orgulhoso, era a primeira vez que andaria de quadriga. Deixamos a Colônia Altona para trás e chegamos ao campo aberto onde a labuta do agricultor era visível. Pastos e lavoura, casas bonitas e ordeiras emolduravam o caminho. Nosso destino era o Salto do Norte, uma bela queda d'água do Itajaí. Pouco antes de alcançá-lo tivemos de deixar o carro e ir a pé através da mata. Para encurtar caminho, resolvemos atravessar a mata em linha reta. Imaginar foi mais fácil do que realizar. Somente agora percebi a profusão e

Dass in dem Stadtplatz Hammonia ebenfalls alles deutsch war und deutsch anmutete, brauche ich wohl kaum besonders zu berichten. Gefreut hat es mich, als ich bei dem Gasthaus eine Kegelbahn entdeckte. Sie ist für mich ein sicheres Zeichen dafür, dass mit der Vorliebe für die heimatlichen Gewohnheiten auch die Liebe zur Heimat noch nicht erloschen ist.

Am nächsten Vormittag erfolgte bei herrlichstem Wetter die Rückfahrt nach Blumenau. Für den Nachmittag war bereits ein neuer Ausflug angesetzt. Mittags 1 Uhr kam der Wagen vorgefahren. Mit vier Pferden! Stolz bestieg ich den Wagen, zum ersten Male in meinem Leben sollte ich vierspännig fahren. Nachdem wir die Kolonie Altona hinter uns hatten, kamen wir hinaus ins freie Land, das überall die Spuren der Kulturarbeit unserer Landsleute zeigte. Wiesen und Felder sowie viele saubere und schmucke Häuser begleiteten den Weg. Unserer Ziel war der Salto do Norte, ein schöner Wasserfall des Itajahy. Kurz bevor wir ihn erreichten, mussten wir den Wagen verlassen und zu Fuss durch den Urwald wandern. Um den Weg abzuschneiden, beschlossen wir, gerade durch den Wald hindurchzudringen. Aber das war leichter gesagt, wie getan. Jetzt erst sah ich, wie unentwirrbar dicht dieser von Pflanzenwuchs erfüllt ist. Wir mussten uns zuweilen mit dem Messer den Weg bahnen oder durch die Lianenstränge uns hindurchwinden. Das war gefährlich, denn manche der Schlingpflanzen war mit scharfen Dornen ausgerüstet. Aus diesem Urwald stammt das beigefügte Bild. (Taf. 30). Die Platte wurde zwei Minuten exponiert, so sehr war das Licht abgedämpft.

Als wir aus dem Urwald wieder heraustraten, lag vor uns der Wasserfall. Ein prächtiger Anblick! Etwa 12-15 m stürzt hier der Fluss in seiner ganzen Breite herab, brausend und donnernd, in wildem Gischt aufschäumend und die Luft mit Wasserdampf erfüllend. In Brasilien sind derartige Wasserfälle nichts Seltenes, weil die Flüsse noch kein gleichmässiges Gefälle vom Hochland zur Küste geschaffen haben. Alle diese Wasserfälle stellen gewaltige Kraftquellen dar, und man hat sie vielfach, wie bei Sao Felix, bereits zur Krafterzeugung

o emaranhado das plantas. De vez em quando precisávamos usar os facões para abrir caminho e nos espremer pelos cipós. Isso era perigoso porque alguns continham espinhos afiados.

Quando saímos da mata, a queda d'água se estendia diante nós. Uma visão deslumbrante! O rio despencava em toda sua largura de uma altura de doze a quinze metros com estrondo e muita espuma, formando uma névoa que preenchia o ar. Estas quedas d'água não são raras no Brasil porque os rios ainda não escavaram uma descida mais regular do planalto até o litoral. Todas estas quedas são fontes de geração de energia, como já foi feito em São Félix. Também em Blumenau havia um projeto para aproveitamento de energia no Salto do Norte.

Na volta visitamos a Colônia Altona e o grande comércio de exportação Salinger e Companhia que mais uma vez demonstrou o que o alemão pode conseguir através de esforço e empenho. Depois visitamos o Museu de Blumenau. Isso mesmo, a pequena cidade até tem um Museu, na verdade mais uma sala de curiosidades. Uma iniciativa de um cervejeiro. Nisso também vi uma demonstração do espírito alemão. O imigrante trouxe para cá a tendência para colecionar, o interesse vivo pelas singularidades da natureza e por documentos históricos, hábito este que se encontra entre nós na Alemanha.

Jantei com Pastor Mummelthey e tive de contar muito sobre Rostock para sua mulher. Logo depois encerrei minha estada em Blumenau no Clube Alemão, em boa companhia, com canto e cerveja. Senti-me profundamente agradecido ao despedir-me de meus simpáticos acompanhantes e guias.

Na manhã seguinte, acordei cedo devido ao aglomerado de pessoas em frente do hotel. Eram ginastas que neste domingo faziam um passeio e estavam vestidos de branco como na Alemanha. Também um pedaço da Alemanha!

O navio que me levaria a Santos estaria neste domingo à noite

verwendet. Auch in Blumenau ging man mit dem Plan um, den Salto do Norte für technische Zwecke auszunutzen.

Auf dem Rückzug besuchten wir in der Kolonie Altona noch das grosse Exportgeschäft von Salinger & Co., das auch wieder Zeugnis davon ablegte, was ein Deutscher durch Fleiss und Rührigkeit erreichen kann. Und dann erfolgte die Besichtigung des Blumenauer Museums. Ja, der kleine Ort besitzt sogar ein Museum. Es war aber mehr ein Kuriositätenkabinett, angelegt übrigens von einem Bierbrauer. Ich erblickte darin ebenfalls einen Ausdruck deutschen Wesens. Die Neigung der Deutschen zum Sammeln, ihr lebhaftes Interesse für Merkwürdigkeiten der Natur und für historische Dokumente, die man auch bei uns allgemein findet, hat sich mit den Einwanderern hierher verpflanzt.

Das Abendessen nahm ich bei Herrn Pastor Mummelthey ein, dessen Frau ich viel von Rostock erzählen musste, und dann fand mein Aufenthalt in Blumenau mit einer gemütlichen Sitzung im Clubhaus bei Bier und Gesang sein Ende. Es war wirklich ein tiefempfundenes Dankgefühl, das mich bewegte, als ich mich von meinen lebenswürdigen Begleitern und Führern verabschiedete.

Am Anderen Morgen wurde ich früh durch das Ansammeln vieler Leute vor dem Gasthaus geweckt. Es waren Turner, weiss gekleidet wie bei uns, die an dem Tage – es war Sonntag – eine gemeinsame Turnfahrt unternehmen wollten. Auch ein Stück Deutschland!

Der Dampfer, mit dem ich nach Santos zurückkehren wollte, war an diesem Sonntag abend in Itajahy fällig. Dorthin zu gelangen bot jedoch einige Schwierigkeit. Der Flussdampfer fuhr nicht, und zu Pferd oder mit dem Wagen die weite Strecke zurückzulegen, war wegen der schlechten und nach den starken Regenfällen der letzten Tage sicher stark aufgeweichten Wege nicht ratsam. Es wurde schliesslich eine Kombination getroffen. Ich fuhr mit dem Wagen – natürlich wieder vierspännig – zunächst nach Gaspar, und von dort sollte ich mit dem Kanoë nach Itajahy befördert werden. Ehe ich die Kanoëfahrt antrat, bat ich den Posthalter in Gastpar um etwas Wegekost, da ich bis zum späten Nachmittag

em Itajaí. Chegar até lá tinha suas dificuldades. O navio a vapor não iria sair de Blumenau; fazer o trajeto a cavalo ou de carro não era aconselhável, devido às más condições da estrada em virtude da chuva intensa dos últimos dias. Enfim se chegou a um acordo. Eu fui de carro, naturalmente, puxado por quatro cavalos até Gaspar e dali de canoa até Itajaí. Antes de partir, pedi ao cocheiro, em Gaspar, para comprar alimento, pois até a tarde não teria oportunidade de parar em lugar algum. Ele trouxe um pacote grande por pouco dinheiro. Seria impossível eu comer tudo aquilo sozinho, assim resolvi repartir com os meus remadores. Mas quando abri o pacote e vi o pão com manteiga, presunto e lingüiça à moda alemã, lá se foi minha boa intenção. Comi tudo sozinho, sendo esta minha última lembrança desta região de colonos alemães.

Minha alegria foi grande em relação a esta jornada. Foi realmente um pouco cansativo, pois precisei ficar sentado quieto numa tábuca estreita durante sete horas. Entretanto, pude apreciar calmamente a beleza da paisagem tropical. O empenho dos canoieiros foi admirável, remaram sem parar em pé, e na chegada não davam sinais de cansaço. Também os admirei pelo seu ouvido perfeito. Estávamos navegando no meio do rio bastante largo, na margem alguns indivíduos lidavam com uma embarcação. Ao passar, o meu pessoal conversou com eles, eu não consegui escutar um tom sequer. A conversa durou até os perdermos de vista. Como nossos sentidos estão enfraquecidos diante destas pessoas da natureza!

Meu navio já estava ancorado em Itajaí. Partimos no mesmo dia e depois de dois dias estava em São Paulo, onde pretendia permanecer algum tempo. Por engano fui informado que meu navio, com o qual viajaria do Rio até Buenos Aires, sairia um dia antes do previsto. Por isso segui viagem e isto foi minha sorte, pois o trem com o qual deveria ter ido sofreu um grave acidente. O medo pela minha vida não era infundado, por confiar num trem brasileiro, pois a viagem para o Rio também não transcorreu

keine Gelegenheit hatte, irgendwo einzukehren. Er überreichte mir für wenig Geld ein grosses Paket, das ich unmöglich aufessen zu können meinte, und daher beschloss, meinen Ruderen einen Teil davonabzugeben. Als ich dann das Paket öffnete und darin lauter deutsche Butterbrote, belegt mit Schinken und Wurst, fand, war es vorbei mit diesem Entschluss. Ich ass alles allein auf als letzten Gruss aus diesem deutschen Kolonistenlande.

Auf die Kanoefahrt hatte ich mich besonders gefreut. Sie war freilich etwas anstrengend, denn ich musste fast 7 Stunden auf einem schmalen Brett still sitzen, aber dafür konnte ich in aller Ruhe die Schönheit der umgebenden Tropenlandschaft geniessen. Staunenswert war die Leistung meiner Bootsleute, sie haben die ganze Zeit ohne Unterbrechung stehend gerudert und machten am Schluss durchaus nicht den Eindruck irgendwelcher Ermüdung. Bewunderung erregte in mir auch ihr unglaublich feines Gehör. Wir fuhren in der Mitte des stellenweise recht breiten Flusses, am Ufer waren einige Leute an einem Boot beschäftigt. Während des Vorüberfahrens unterhielten sich nun meine Leute mit diesen, ohne dass ich überhaupt einen Laut von den Leuten am Ufer vernahm. Die Unterhaltung hielt noch an, als wir fast schon die Leute aus dem Auge verloren hatten. Wie sind doch unsere Sinne gegenüber diesen Naturmenschen abgestumpft!

In Itajahy lag mein Dampfer bereits vor Anker. Noch an demselben Tage ging es abends in See. Zwei Tage danach war ich wieder in Sao Paulo, wo ich mich noch einige Zeit aufhalten wollte. Allein ich erhielt dort die falsche Nachricht, dass mein Dampfer, auf dem ich von Rio nach Buenos Aires fahren wollte, bereits einen Tag früher, als mir bisher angegeben war, abginge. Infolgedessen musste ich sofort weiterreisen, wie ich nachher ergab, zu meinem Glück. Denn der Zug, mit dem ich sonst gefahren wäre, verunglückte unter schweren Verlusten. Meine Angst um mein Leben, wenn ich mich einer brasilianische Bahn anvertraut hätte, war doch nicht unberechtigt. Denn meine Bahnfahrt nach Rio ging ebenfalls nicht ohne Störung ab. Ein uns entgegenkommender Güterzug entgleiste, und

tranqüila. Um trem de carga que vinha ao nosso encontro descarrilou pelo mesmo motivo do trem da linha para Ouro Preto. A pesada máquina empurrou os trilhos para o lado numa curva. Sob estas condições, fiquei agradecido à pessoa que deu a notícia errada. Ainda lhe sou agradecido por outro motivo. Assim, fui obrigado a percorrer o trecho São Paulo - Rio de dia, na vinda havia sido à noite. Desse modo, pude ver a extensão dos cafezais que se estendiam a perder de vista em ambos os lados. Ao mesmo tempo tive mais uma vez a oportunidade de me alegrar com a natureza tropical, principalmente com a magnífica visão das montanhas. O trem passa pelo vale do Paraíba, onde matas isoladas ainda não foram vítimas do desmatamento. Porém, estas sobras da mata virgem não vão resistir durante muito tempo. Vimos vários incêndios na mata. Um espetáculo magnífico as labaredas iluminarem o céu escuro; aterrador, quando o fogo beira a ferrovia, dando a impressão do trem passar por este mar de fogo.

Cheguei tarde da noite ao Rio de Janeiro, era sábado, vinte e três de Setembro. Despedi-me deste pequeno paraíso que se me apresentava numa beleza estonteante com o brilho das luzes da iluminação das ruas.

zwar aus demselben Grund wie der Güterzug auf der Linie nach Ouro Preto. An einer Kurve hatte die schwere Maschine die Geleise einfach zur Seite geschoben. Unter diesen Umständen musste ich dem Ueberbringer der falschen Nachricht noch dankbar sein. Ich bin es ihm auch noch aus einem anderen Grunde. So wurde ich veranlasst, die Strecke Sao Paulo – Rio, die ich auf der Hinreise im Dunkel der Nacht zurückgelegt hatte, nun bei Tage zu durchfahren. Dabei lernte ich erst die ungeheure Ausdehnung der Kaffeepflanzungen kennen, die sich oft unübersehbar zu beiden Seiten der Bahn ausdehnten. Zugleich hatte ich noch einmal Gelegenheit, mich an dem herrlichen Bild der tropischen Natur und hier insbesondere der grossartigen Berglandschaft zu erfreuen. Der Zug fährt durch das breite Tal des Parahyba, in dem der Wald nur vereinzelt noch nicht der Rodung zum Opfer gefallen war. Aber auch diese Urwaldreste werden nicht lange mehr bestehen. Auf unserer Fahrt sahen wir mehrfach den Wald im Brand, bei der Dunkelheit ein grossartiges Bild, wenn weithin durch die Nacht die Feuerlohen aufleuchteten, fast beängstigend, wenn das Feuer bis nahe an die Bahnlinie sich erstreckte und es schien, als ob der Zug selbst mitten in dieses Feuermeer hineinführe.

Spät abends traf ich in Rio de Janeiro ein und am Sonnabend, dem 23. September, abends nach 10 Uhr, nahm ich Abschied von diesem kleinen Paradies, das sich mir im Lichtglanz der Strassenbeleuchtung in ergreifender Schönheit darbot.



A importância de 2007 na história da
**SOCIEDADE EVANGÉLICA DAS
SENHORAS DE BLUMENAU**

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A IMPORTÂNCIA DE 2007 NA HISTÓRIA DA SOCIEDADE EVANGÉLICA DAS SENHORAS DE BLUMENAU

Brigitte Fouquet Rosenbrock¹

Em 27 de abril, festejamos os 25 anos do Lar Elsbeth Koehler, com um “culto festivo” nas dependências do lar, ministrado pelo Pastor Valmor Weingärtner, Pastor Breno Willbrich, a Diácona Hildegard Mathies e com a participação dos moradores e diretoria. Enquanto era realizado o culto, na cozinha aconteciam os preparativos para o almoço, para o qual Egon Ern e turminha preparavam um suculento galetto que juntos podemos saborear. À tarde aconteceu o Café de Confraternização com homenagens.

O coral da Caritativa (que neste ano também festejou seus 50 anos de atividades), apresentou-se sob a regência de Denilson Cruz. Estiveram presentes e foram homenageados: Annelore Günther, primeira administradora do Lar; Pastor Meinrad Piske e Resilde, idealizadores juntamente com a diretoria, na instalação de um lar para idosos. Pastor Bruno Gottwald e Mirta, Pastor Hugo e Simone Westphal, Pastor Valmor e Sonia Weingärtner e Pastor Breno e Betty Willbrich. Homenageada também Gisela Posluschny, moradora desde o início do Lar. Tarde de Alegria, lembranças, lágrimas e saudade!

Dia 8 de maio reunimos, à noite, um pequeno grupo de senhoras, dando início ao 3º grupo de reuniões da SESB. Este grupo é formado por senhoras, profissionalmente ativas, liderado pela Diácona Hildegard e a participação de integrantes da diretoria. Este e os demais grupos são abertos para receber senhoras que deles queiram participar. Já em 10 de maio, a

¹ Vice-presidente da Sociedade Evangélica das Senhoras de Blumenau.

Ala Jovem festejou seus 35 anos de atividades. Em 1972, Pastor Meinrath Piske e Resilde juntamente com um grupo de senhoras davam início ao 1º grupo em língua portuguesa. Com um café festivo no salão de reuniões, confraternizaram as convidadas fundadoras da Ala Jovem, o grupo atual e os pastores que nos acompanharam em nossa caminhada!

A Montagsgruppe, o grupo “mãe”, vem crescendo com a participação de senhoras que ainda preservam o idioma alemão. Este grupo tem o Pastor Valmor como seu orientador. Em 13, 14 e 15 de julho aconteceu a grande inauguração do restaurado “Johannastift”, o prédio de 1923, em decadência nos anos 90. Assumido pela CDL de Blumenau (Câmara dos Dirigentes Lojistas de Blumenau) para seu restauro, em 1997 e entregue em 2007, graças à Lei Rouanet e às diretorias da CDL. Foi uma inauguração que marcará a história da cidade. Foram 3 noites de festa, sendo que a 1ª para todos aqueles que trabalharam na obra; a 2ª noite, em jantar festivo para 300 convidados, entre eles a diretoria da SESB. Teve como participação musical a Banda do 23º BI, Batalhão de Infantaria. Na 3ª noite ocorreu a inauguração oficial.

O prédio envolto em sua fachada com tecido branco e um enorme laço vermelho: “um presente a ser aberto”. Para esta noite foi oferecido um coquetel para mais de mil pessoas, autoridades, governador, prefeito e doadores através da Lei Rouanet. E esta noite teve o brilho musical da Orquestra da Furb, sob a regência do maestro Frank Graf. A noite foi de brilho! As luzes coloridas iluminando o prédio, o céu estrelado, noite de temperatura amena e que culminou com um espetacular show de fogos de artifício!

Com certeza, quem assistiu, não esquecerá! E a SESB ganhou o presente, embora não fará uso dele nos próximos anos, mas ele está lá, lindo e majestoso! Dia 26 de agosto iniciaram os festejos do centenário com o “Dia da Igreja” no Setor 1 da Vila Germânica, Centenário da SESB – OASE; 150 anos comemorando o 1º culto pelo Pastor Oswaldo Hesse; 130 anos da Igreja do Espírito Santo. Dia festivo com presença de autoridades políticas,

eclesiásticas e militares e a presença maciça de grupos de coordenadoras e representantes de grupos de OASE sinodal e nacional, e a grande presença de senhoras que participam dos grupos de OASE da cidade e cidades vizinhas! Na mesma ocasião foi lançado o livro do Centenário da SESB.

Dia 30 de agosto o grande culto festivo da SESB com homenagem às dirigentes na Igreja do Espírito Santo, culminando com um coquetel no salão paroquial, com a participação de convidados e associadas.

Dia 2 de setembro, o “Dia do Centenário”, pela manhã sob muita chuva, os Pastores Valmor, Breno e Jerry e a Diácona Hildegard e integrantes da diretoria da SESB homenagearam as ex-presidentes já falecidas: .Elsbeth Koehler, Irmgard Haffner, Hertha Hildebrand, Ilse Hueskes, Ruth Koschel e a doadora do terreno para a construção da maternidade “Johannastift”, senhora Johanna Hering. Foram depositadas flores em suas sepulturas debaixo de muita chuva!

Mais tarde, no mesmo dia, agora já sem chuva, aconteceu o grande desfile em comemoração ao aniversário da cidade. A comunidade luterana teve seu destaque no desfile histórico e a grande participação de associadas da OASE. Este evento encerrou as festividades. Além disso, aconteceram no Lar Elsbeth Koehler promoções adicionais como o “galeto” que reuniu mais de 500 pessoas. Em outubro, como em todos os anos, uma banda alemã animou uma tarde no Lar, durante a Oktoberfest. E em 12 de novembro com café para moradores e convidados, com o toque musical do conjunto de gaitas de boca do Clube 25 de Julho festejou-se o aniversário do mais idoso morador do Lar, Sr. Leonhard Balinski, que nasceu em Kiel, na Alemanha, e completou 107 anos. Foi um ano de trabalho e envolvimento de muitas pessoas, mas marcou profundamente a história gloriosa das mulheres que fizeram a Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau! Vale aqui ressaltar que para dar seqüência aos seus projetos em 2007, a SESB adquiriu um terreno anexo ao do Lar, onde será erguido um prédio de cinco andares, projetado pelo arquiteto Bruno Werner Metzler.



História de vida
MOACIR GALLIANI

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

HISTÓRIA DE VIDA - MOACIR GALLIANI

Apresentamos nesta seção entrevista realizada com o radialista e funcionário do Senac, Sr. Moacir Galliani. O depoimento ocorreu no programa de rádio intitulado “**Sem Censura**”, apresentado pelos jornalistas, Luiz Antônio Soares e Danilo Gomes, em janeiro de 1982.

O trabalho de transcrição do K7 foi realizado pelo Centro de Memória oral e Pesquisa do Curso de História da FURB, pelos monitores: Jonathan Gaulke e Raquel Brombilla. O Entrevistado faleceu em 31 de julho de 2000.

L.A.S. Bom dia, amigos! Estamos reiniciando esta série de debates do programa Censura Livre em 1982, depois de uma justa e merecida pausa, não é, Danilo! Convidamos o radialista Moacir Galliani para reabrir os trabalhos deste ano, prestando assim, uma homenagem a um dos mais antigos profissionais do rádio de nossa terra. Homem que há vinte anos vem liderando a audiência no seu horário, com apresentação de um programa que já tem dezessete anos de manutenção, programa “Bom Dia Blumenau”. E, como responsável e diretor do Centro de Formação Profissional do Senac em Blumenau, onde atua há trinta anos, tem certamente muita coisa para nos dizer. Bom dia, Galliani! Você vai bem?

M.G. Bom dia, Luiz, bom dia, Danilo. Meus cumprimentos aos ouvintes da Rádio Blumenau, e ao meu ex-companheiro Renato Maba, agora nova aquisição da Rádio Blumenau, já dizendo para vocês que eu tenho certeza absoluta, pelo que conheço, o Renato, que vocês fizeram uma bela aquisição.

L.A.S. Agora ele fez um estágio lá na...[Interrompido]

M.G. Perfeitamente, como homem, tem lealdade às cores que ele veste, é um radialista muito bom, tem boa comunicação. Fizeram uma boa aquisição.

L.A.S. Falando em cores, você é Flamengo?

M.G. Eu sou Botafogo.

L.A.S. Não fica nem vermelhinho.

M.G. Não fico nem vermelho, sou sofredor mesmo.

D.G. Teu final do ano poderia ter sido bem melhor, não é?

M.G. Eu até que torci, no final, muito pelo Flamengo, viu! Porque naquelas alturas nós estávamos pensando em termos de Brasil. A própria valorização do futebol brasileiro, pois está vindo em seguida a Copa do Mundo. Mas eu queria dizer para vocês aqui, Luiz e Danilo, que ontem quando vinha da praia de Bombinhas, vinha pensando na responsabilidade que teria na minha vinda a este programa. Tenho ouvido e acompanhado as entrevistas que vocês têm feito aqui. Uma melhor que a outra. Gente maravilhosa tem vindo aqui, e tem alertado a gente, estão transmitindo ensinamentos e conhecimentos. E eu me sinto com muita responsabilidade por estar hoje aqui neste programa. Poxa, fico me perguntando o que eu posso dar também? Não sei, é uma interrogação e mais ainda quando vocês me colocam como primeiro entrevistado de 1982. A minha responsabilidade redobra.

L.A.S. Tem que ser alguém com experiência de rádio já, não é?

M.G. Pretendo transmitir uma mensagem de otimismo a todos. Em princípio, é minha filosofia de vida, inclusive.

L.A.S. Moacir, nós temos aqui o objetivo de divulgar um pouco mais o Senac. Sabemos que o mesmo é uma instituição prestadora de serviços a Blumenau e nossa região. E por força das circunstâncias é uma entidade pouco divulgada, no nosso entender. Nem todo mundo sabe o que é o Senac, então nós queremos aproveitar essa oportunidade do programa de hoje para que você diga tudo a respeito do Senac.

D.G. É, e vamos começar pelos objetivos da questão. Por exemplo, quais são os objetivos da escola local do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial?

M.G. Nós tiramos do plural e colocamos no singular. O objetivo principal e único do Senac é a profissionalização. Foi criado em 1946, pelos empresários brasileiros para que o Senac fizesse formação profissional, como é o caso do Senai também. Então, em 1946 ele foi criado, porque depois da última Guerra Mundial houve assim uma rebordosa, como dizemos nós, no comércio, uma explosão comercial no Brasil e não havia homens especializados para venda. Especialmente para venda. E foi criada esta instituição com essa finalidade. de formar mão de obra. O Senac forma mão de obra, faz profissionalização para o setor terciário e serviços. O setor terciário, nós sabemos, é comércio e similares como hotelaria, casas de saúde etc. O setor secundário, Senai, faz para indústria. E o primário, que é a agricultura, é atendido pelo Senar, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, que é o nosso irmão mais novo, com cinco anos de vida. Está engatinhando. E nós estamos aí, com trinta e seis anos.

L.A.S. Vocês são Caxias, não é Galliani, porque estou vendo aqui que no mês de janeiro tem uma programação que você me deu aqui. Aliás, já tínhamos recebido aqui pelo departamento de notícias: Um

curso de datilógrafo copista, auxiliar de escritório, limpeza de pele, desenho básico, letrista e cartazista, relações humanas, oratória, técnica de entrevista, dinâmica de grupo, telefonista, informações turísticas, pintura em porcelana e atendente. Há frequência neste mês de janeiro? Mês quente, mês de praia, mês de férias.

M.G. Você nos chama de Caxias? É o seguinte. Nós temos uma pesquisa, porque estamos sempre preocupados com a nossa clientela. Por clientela entenda-se o nosso aluno. Porque sem ele não haveria razão de ser da própria casa, não é mesmo? Do próprio trabalho. Para o ano que vem nós chegamos à conclusão de que temos que abrir mais turmas. Porque o que tem agora foi tudo, não sobrou uma vaga. Quinze dias antes de iniciar o curso não tinha mais nenhuma vaga para auxiliar de escritório, nem datilógrafo copista. São dois cursos com 240 horas. Então nós chamamos de curso de férias, porque o aluno é aquele moço que quer uma formação profissional que não pode fazer na época comum, porque faz o colégio noturno e de dia trabalha, ou o contrário, trabalha de dia e á noite faz uma faculdade e vai para o Senac fazer a sua formação profissional.

L.A.S. O Moacir, quais são os requisitos para que as pessoas possam fazer um desses cursos.

D.G. Quem pode estudar no Senac?

M.G. A comunidade. O Senac é aberto, uma vez preenchido o pré-requisito.

L.A.S. Mesmo que ele não seja comerciário?

M.G. Não, nada. Nem perguntamos a ele. O Senac é aberto à comunidade realmente. Por exemplo, para datilógrafo copista, auxiliar de escritório, precisa ter no mínimo a 8ª série do Primeiro Grau.

Porque se não ele não acompanha o curso. Vejam vocês que todos esses cursos são feitos em laboratório. O curso do Senac é dado por pedagogos, por técnicos em ensino profissionalizante que sabem a carga horária necessária para o ensinamento, o básico. E também qual o grau de instrução necessário. Você, Danilo, já foi professor no Senac, sabe disso perfeitamente. Aliás, não sei se você sabe Luís, o Danilo já colaborou conosco lá, em redação comercial e correspondência comercial.

L.A.S. Me diga uma coisa, Galliani. O moço ou a moça que faz esses cursos, pela sua experiência, consegue facilmente um emprego, uma colocação?

M.G. Essa é uma pergunta inteligente e muito boa para nós também. Porque isso, no sentido de divulgação do Senac, é muito bom. Sabe, Luiz, nós temos um setor de colocação, encaminhamento e acompanhamento do nosso aluno. Então nós temos uma funcionária, a Rosa, que para todo aluno que tem interesse em trabalhar, ela faz um ficha do mesmo. Então, na proporção que as empresas comerciais e industriais da nossa cidade começam a solicitar, encaminhamos. Por exemplo, a empresa pede: Quero um auxiliar de escritório. É lógico que nós vamos mandar o melhor auxiliar de escritório. Melhor aluno, porque ele vai representar nosso trabalho lá fora. Então, só para você ter uma idéia, no ano passado, talvez vocês iriam me perguntar, mas eu antecipo, nós encaminhamos para emprego efetivamente 1100 alunos. Agora se você me perguntar se os 1100 ficaram empregados? Aí é um número que deixa até uma interrogação. Talvez 800 alunos. Porque nós fizemos uma pré-seleção e o cidadão faz uma outra seleção.

L.A.S. Quanto tempo leva um curso desse, de auxiliar de escritório?

- M.G.** Quando o curso é normal, dá 120 horas em quatro meses. É uma hora e meia por dia. Agora, que nós estamos fazendo três horas por dia, por ser um curso de férias, intensivo, ele leva dois meses.
- D.G.** Vamos fazer uma variação, se o Luiz e o Galliani me permitem. Como radialista há mais de 20 anos, dá um giro de 180 graus. Quais são no seu entender as diferenças do trabalho de rádio de hoje, para aquele trabalho que era realizado, por exemplo, quando você iniciou no rádio há cerca de 20 anos?
- M.G.** Comecei meu trabalho na rádio, com o Renato, na Rádio Difusora. Mas comecei meu trabalho por casualidade. Não conhecia uma rádio em Blumenau, e naquela época só havia três rádios: tinha a Rádio Nereu, a Rádio Clube e a Rádio Difusora, se não me engano. E faço uma homenagem aqui ao nosso amigo Jacobsen, que foi um colaborador de vocês aqui na rádio Blumenau.
- L.A.S.** Ele é a voz do nosso prefixo.
- M.G.** E que voz! Então o Osni era o gerente da Rádio Nereu Ramos. Ele sabia que eu gostava muito de música antiga, música brasileira. Cantinho da saudade, aquelas frescuras todas. Um dia, ele me encontra na rua e diz assim: “Galliani, por que não vai lá na rádio e faz um programa de música antiga?” Eu disse: “Estás brincando? Nem conheço rádio por dentro”.Ele disse: “Amanhã vai lá”. Por curiosidade, fui lá na rádio Nereu Ramos. Aí comecei a encontrar direto as pessoas, conhecendo uns e conhecendo outras como Ademar Annuseck, Nelson Tófano, Luiz Gutierrez. Então...
- D.G.** Então também sou antigo, trabalhei com o Ademar Annuseck, Nelson Tófano...

L.A.S. Não olha para mim que eu não estou...

D.G. Você ainda é muito menino.

L.A.S. Aliás, nós vamos dar uma interrompida aí, dizendo aos nossos ouvintes que podem fazer perguntas ou desfazer dúvidas a respeito do Senac.

Propaganda do Patrocinador

L.A.S. Bem, Galliani a pergunta do Danilo é sobre as diferenças do trabalho em rádio com experiência de 20 anos.

M.G. E aí comecei a fazer um romance, parecia que...

L.A.S. Uma nostalgia.

M.G. Parecia à hora da saudade...

D.G. Gostei do prefácio.

M.G. Então comecei a trabalhar fazer um programa lá. Chamava-se “Um Cantinho da Saudade”. Música do passado etc. Às dez horas da noite. Nelson Gonçalves, Anísio Silva... Mas você me pergunta a diferença. Eu acho que a diferença está na profissionalização do rádio. Na época, era mais um amadorismo, como se dizia, era mais o romantismo. Era mais romântico o rádio. Mais camisa, é lógico. Lembro-me de nós saindo e transmitindo futebol lá no bairro do Garcia, por exemplo, no Amazonas. Puxava-se fio, dois ou três campos de fios, nas mãos, nas costas. Puxava por cima de árvores, aquela briga para passar a Rádio Clube para trás. A Rádio Clube queria passar a Rádio Nereu para trás, aquela coisa. Onélio Cavaco que trabalhava no [interrompido].

- D.G.** O Jessi? Ele transmitia até briga de galo.
- M.G.** Até briga de galo. O Cavaco, um senhor pista, na época. Então saíamos o Pedro Hoffman e eu. Ele dizia: “A hora que o Cavaco passar, tu pisas em cima do fio dele que eu passo na frente dele, e eu entrevisto o cara que ele quer entrevistar”.
- D.G.** Então vocês faziam isso?
- M.G.** Essas manobras todas nós fazíamos.
- L.A.S.** Sujeira!
- M.G.** Sujeira nada! E aquilo para nós depois inclusive foi motivo de chacota, brincadeira que todo mundo observava. Então nós pulávamos arquibancadas, só para poder chegar primeiro. Íamos para o alambrado. Levávamos a torcida para Brusque. Nós fazíamos horrores para podermos ter a sintonia das coisas. Bom, então a diferença que eu acho é que era de mais amorismo, mais amor. Hoje há profissionalização mais efetiva do rádio. Acho, inclusive, que não está no meu gosto o rádio atual.
- L.A.S.** Também nós deveríamos levantar um fenômeno que ocorreu, não é, Galliani? Que o advento da televisão prejudicou muito a atividade do rádio.
- D.G.** Eu não sei! Acho que o fator profissionalização, também, o fator automatização. Antigamente, você só contava praticamente com o recurso do disco. Eles faziam o rádio com aquele toca-fitas de vinil, de teclas.
- L.A.S.** Justamente o avanço tecnológico acomodou o profissional. O profissional hoje conta com mesa de gravação. Tem uma série de

recursos que antigamente não havia. Antigamente exigia-se dele todo o esforço [Interrompido].

M.G. Você quer ver alguma coisa, só para ver a diferença? O Zeca estava acostumado aqui a transmitir em Gaspar, Tupi de Gaspar, puxava fio e fazia aquelas manobras todas. O Ademar Annuseck, quando foi para a Jovem Pan, eu estive no Pacaembu com ele. Aquele dia que estava em férias, aliás, uma coisa maravilhosa no Ademar, não perdeu as raízes de Blumenau e não deixou de ser amigo simples e {interrompido}.

L.A.S. E humilde.

M.G. Uma humildade espetacular. E ele é o segundo locutor da Jovem Pan. Não é o primeiro por falta até de dedicação.

D.G. Questão política.

M.G. Porque tem outro emprego também. Por isso também. Mas, continuando, o Ademar Annuseck chega no Pacaembu ou no Maracanã, ele só pega o microfone na hora em que diz assim: “Aqui está Ademar Annuseck”. Ele chega e senta fresquinho. Tudo prontinho, tudo armado, o esquema para ele. Passa na tesouraria, recebe a diária, recebe a passagem e vai embora e vai tranqüilo. Já fez duas Copas do Mundo. Então o rádio hoje, você vê, os recursos técnicos que têm, você coloca o eco. O Renato é especialista nisso aí. Quer dizer, os efeitos mirabolantes.

D.G. Isso aí é novidade de 1982. Telefone não tocava aqui dentro.

L.A.S. É vamos esperar que alguém atenda no ar.

D.G. O Galliani, você acha que a TV, como o Luiz levantou a hipótese, ela prejudica o rádio? Até que ponto?

M.G. Não, eu achei isso no início. No início do advento da televisão, ela realmente prejudicou o rádio. Você lembra que até caiu o faturamento das rádios, quando a televisão apareceu para nós aqui em Blumenau. Mas depois, o povo foi se acostumando com rádio e TV. E a verdade é a seguinte: rádio é aquele que você leva aqui no ouvido, leva para a cozinha, leva para a copa, leva para o automóvel, leva no ônibus etc. Porque canal de televisão é um só, o resto vai ouvir no rádio. Então o que está difícil para nós em Blumenau, a dificuldade que nós sentimos em Blumenau, Luiz e você Danilo, é a parte financeira das emissoras. Porque são cinco emissoras AM, duas FM, uma televisão que gera aqui de Blumenau, duas que entram com a bandeira do Estado, a de Florianópolis, mais dois jornais do Estado, mais os jornais da periferia, Gaspar, Indaial, e agora Pomerode. Timbó também vai ter. Então aí onera muito, tira muito de Blumenau. Uma briga e nós temos que correr. Quem estava andando devagar, está correndo em Blumenau. Então é essa dificuldade que estamos encontrando. Agora em audiência, você sabe, o rádio, acho que nunca foi tão ouvido como atualmente.

L.A.S. Acho que está voltando.

M.G. Ah, não tenha dúvida disso. Rádio tem lugar reservado, sempre.

D.G. O Galliani, você além do seu programa Bom dia Blumenau, se destacou no meio radiofônico de Blumenau através das suas atividades no campo esportivo. Aí eu faço a mesma pergunta. As coberturas esportivas no seu tempo eram mais completas ou inferiores às de hoje, em termos de Blumenau?

M.G. Em termos de Blumenau, como?

D.G. Em termos de Blumenau, cidade de Blumenau.

M.G. Hoje são mais completas. Nós temos mais emissoras trabalhando, inclusive com mais requinte técnico. Antigamente, nós fazíamos [interrompido].

L.A.S. Isso aí melhorou.

M.G. Antigamente, era mais trabalho. Você se doava mais, para poder dar um pouco de qualidade ao ouvinte. Hoje a qualidade técnica melhorou. Veja os recursos que você tem no campo de futebol. É uma loucura e você sabe disso. A própria Telesc, e você sabe disso. Para conseguir uma linha, para o som conseguir chegar até a rádio era um inferno. Hoje está lá no Oeste catarinense, a Telesc está lá com o cidadão. “Pode falar?” “Alô Blumenau, tudo bem contigo?” Beleza, é uma maravilha.

L.A.S. Por que você não atua como comentarista esportivo, Galliani?

M.G. Luiz, esse é um ponto onde gostaria de chegar.

L.A.S. Não vai me dizer que está cansado.

M.G. Não! Eu estou muito triste com o futebol. Ele se profissionalizou muito, então há elementos que jogam futebol que não mereceriam ganhar dez mil cruzeiros e ganham setenta. Há uma inversão de valores que...[interrompido].

D.G. Tem esses casos aqui em Blumenau, por exemplo?

M.G. Temos. Eu acho que temos. Há três anos e meio que não acompanho futebol. Quer dizer, não estou em cadeira para falar de futebol em Blumenau. Três anos e meio, e não vou mais a futebol em Blumenau.

L.A.S. Você não viu Blumenau jogar?

M.G. Não vi Blumenau jogar. Não conheço o Blumenau, porque ele nasceu Palmeiras. E acho ainda, eu Galliani, que a pior coisa que poderiam ter feito foi desativar o Olímpico. Porque, já pensou? Um clássico Olímpico e Palmeiras hoje, no meio do campeonato? Três clássicos por ano, nós iríamos colocar gente pelo ladrão.

L.A.S. Não há estrutura.

M.G. Até hoje não há. Ficamos aí em oitavo lugar entrando assim pela tangente, pela...[interrompido].

D.G. A empresa tem uma parte de culpa nisso aí, uma parte de motivação.

M.G. Eu fui assistir ao Come-Fogo em Ribeirão Preto. Botafogo e Comercial. Jesus amado! É uma coisa. É de babar em cima. Que espetacular, o que se faz em termos de futebol e promoção de futebol. O Come-Fogo de São Paulo, Botafogo de Ribeirão e Comercial, é espetacular. Fui assistir agora, estava por coincidência em São Paulo. Assisti São Paulo e Ponte Preta, o último jogo. Toró em cima do Morumbi, uma loucura o que chovia. Uma verdadeira festa! A dignidade da Ponte Preta de saber perder o jogo. São Paulo jogando bonito com aquele Renato, acabando com o jogo de futebol. Fernando Marinho novamente jogando futebol. É uma coisa maravilhosa. De encher os olhos, me deu saudades. Porque nós víamos espetáculos de futebol maravilhosos aqui em Blumenau!

L.A.S. E a propósito de esporte, você então não acredita no BEC, Blumenau Esporte Clube?

M.G. Acredito, fazendo as modificações necessárias. Trabalho talvez agora com um técnico novo, com contratações melhores. Eu acho

que Blumenau teve um bocado de neguinho encostado por aí. Não sei. Neste ano não fizeram um monte de contratação, mas mesmo assim “come e dorme”. Porque tem aquele tipo que só come e dorme, nem filhos querem mais fazer esses malandros.

L.A.S. O Galliani, nós que trabalhamos em imprensa, temos pouco tempo de parar e pensar em nós próprios. Quero fazer uma pergunta a você, é uma pergunta pessoal. Neste fim de ano eu e o Danilo demos uma parada. Comecei a meditar lá pelo fim do ano, começo de 1982. Andei a meditar que, poxa, andei enfrentando um monte de brigas em um passado, briga de cartório, problemas com seu Burle Marx, andei brigando com a Rádio Cultural da cidade, e a gente chega assim a ponto de ter medo de perguntar. Não sei se acontece isso com você. A gente fica assim meio naquela, será que vale a pena esse esforço todo? Você vai criando inimigos aqui, leva adiante. Depois de vinte anos de atuação em rádio, fazendo programas que realmente trazem o debate, os problemas da comunidade, como é que você tem compensado as mágoas, decepções? Valeu a pena? Porque sei que você, tanto quanto eu, não fazemos da nossa profissão assim um meio de ganhar dinheiro, ficar rico. Nosso objetivo é outro, nós temos um outro ideal.

M.G. Uma pergunta também maravilhosa, pois eu me proponho já há dezoito anos, através do meu programa, enviar de manhã, das seis às oito horas, uma mensagem de otimismo para quem está me ouvindo. Então a minha música romântica, o cara começa de manhã e já fica até arrepiado (se referindo ao Renato Maba). Começa de manhã com uma música romântica.

L.A.S. Ele pergunta tudo para o Renato.

M.G. Sabe por quê? Porque nós nos identificamos muito.

D.G. Assessor dele.

M.G. Nós nos identificamos muito, eu e o Renato. Nós trabalhamos muito tempo juntos. O Renato era o técnico de som, foi ele que me ensinou muitos trambiques de rádio, está me entendendo? Por incrível que pareça. Ele era jovem, mas com conhecimento de rádio. Eu me proponho a transmitir uma mensagem otimista. No gosto de dar no meu programa nem notícia policial. O Danilo sabe disso também. Então eu gosto de fazer um programa alegre, me proponho nos dezoito anos que venho fazendo isso, me sinto gratificado, sou feliz por isso. Tenho arrumado mais amizades, também não tenho inimigos. Quero dizer uma coisa para você, você é autêntico. Gostaria que você continuasse sendo assim, Luiz.

L.A.S. Você não precisa fazer elogios para mim também.

M.G. Se você mudar, você estará se prostituindo. E eu acho que a pessoa não deve se prostituir em nenhuma profissão. Você tem que ser autêntico. Fazer aquilo que gosta. Como por exemplo, vamos voltar um pouquinho ao Senac. É uma coisa que eu faço e sou apaixonado pelo meu trabalho. Adoro, tenho um amor por aquilo lá. Trabalho de manhã, à tarde e à noite, Três vezes por dia, igual a remédio, que tem que tomar três vezes ao dia. Tem dia que ouço minha mulher no telefone: “Escuta, tu não vens jantar?” Eu digo: “Que horas tem?” Oito horas, oito e meia, eu nem me lembro. Às vezes estou tão envolvido no sistema lá que esqueço. Então o homem faz por amor. Beto Stodieck vendia o Jornal do Estado através da sua coluna, lembra disso perfeitamente. O Jornal do Estado não deixou de ter o seu valor, como tem até hoje, mas perdeu aquela

pimentinha gostosa que tinha a coluna do Beto Stodieck. E assim estava sempre no Jornal de Santa Catarina, também na sua coluna O Ponto de Vista. Eu, quantas vezes já usei, sabe disso, com a sua autorização, a sua coluna no meu programa. Tem comentários ali maravilhosos. E você tem uma pena assim que sabe dar umas alfinetadas aqui, um elogio ali, está me entendendo? Agora, você é autêntico.

L.A.S. Galliani, a gente vai falar um pouco sobre política. Você é um homem de imprensa, tem a obrigação de acompanhar. Oitenta e um foi um ano cheio de altos e baixo. Inflação, doença do presidente, aquele episódio do Rio Centro, greves no ABC, desemprego em massa. Mas para ficar assim mais a nível local, nós tivemos aí uma série de envolvimento da câmara, brigas. Como é que você vê o quadro? A oposição em Blumenau está há doze anos comandando o destino do nosso município. Eu sei que você não é político, não tem partido, pelo menos diz que não tem. Como é que você vê o quadro para oitenta e dois? Este é um ano de eleição. Um pacote eleitoral de novembro aprovado por decurso de prazo. Qual é a sua opinião como homem neutro?

M.G. Em primeiro lugar são coisas que eu nem gostaria de falar, não faz o meu gênero, mas vou contar o porquê também.

L.A.S. Você foi até cogitado aí [interrompido]...

M.G. Todas as vezes em que há eleição, que há possível eleição municipal, me convidam para ser candidato a vereador. Mas sou vacinado contra esse negócio. Não adianta, não vou ser nunca candidato. Posso ser popular aqui na rua, mas não na urna. Mas também não é só por isso não. Porque eu não gosto mesmo de política.

Não faz o meu gênero e já vou explicar o porquê. No tempo em que nós éramos garotos, meu pai era integralista. E na época do Integralismo, você sabe que havia muitas prisões etc. E meu pai era um homem que trabalhava hoje para comer amanhã. Ele foi preso três vezes. E das três vezes, se não fossem as irmãs, minha mãe, os tios e as tias, nos levar “papa”, comida em casa, teríamos ficado sequinhos. Não estaria aqui falando, nós teríamos morrido à míngua. Ninguém nos ajudou na época, está entendendo? Então aquilo parece que ficou gravado em mim, na minha irmã e no meu irmão. Nós somos em três. Nenhum de nós três tem tendência para política. Não sei se nós fomos vacinados, naquela época, contra esse vírus.

D.G. Talvez pelo fator injustiça.

M.G. Meu pai era um idealista. E você sabe que o idealista é que toma cacete, não é? Sabe disso melhor do que eu.

L.A.S. O Galliani não é blumenauense. Galliani é de Lages. Conta sua história para nós, como é que você...

M.G. Sou nascido em Lages e registrado em Florianópolis. E blumenauense por adoção, de coração.

L.A.S. Você veio para cá quando?

M.G. Sou um bairrista tremendo. Eu morei em Blumenau de 1942 a 1946. Depois teve um hiato, voltei a Blumenau em 1971 e aqui fiquei.

L.A.S. Em 1945 era o fim da Guerra.

M.G. Em 1944 fiz tiro de guerra com Evilásio Vieira...[interrompido].

L.A.S. Então quer dizer que você é testemunha ocular de certas histórias?

M.G. As histórias de “bonecos” ainda não contada. Se um dia vocês quiserem um depoimento, tenho ainda muito vivo na minha lembrança que eu era jovem e vibrava com aquilo tudo e achava até...[interrompido].

L.A.S. Aquela história que fizeram as pessoas tomarem óleo cru.

M.G. Isso era verdade sim.

L.A.S. Você ajudou a dar óleo ou...

M.G. Que é isso? Eu era muito jovem para isso. E sempre tive um coração muito grande. Então sou contra as injustiças, sou contra a violência física.

L.A.S. A polícia estava sendo muito arbitrária.

D.G. Não, mas espera aí. Vamos voltar um pouco, antes das injustiças físicas.

M.G. Ah, sobre política, não é?

D.G. Falou, falou.

M.G. Mas você está me pegando.

D.G. A oposição há doze anos está à frente na prefeitura, e você como observador acredita que ela vai continuar na frente?

M.G. Acho que sim.

M.G. Mas, Luiz, há um dito popular “A voz do povo é a voz de Deus”. Então o povo está nessa de ser contra, não está satisfeito. Ontem fui à praia e vi um quadro maravilhoso. Então para começar eu não conhecia, fiquei conhecendo Bombinhas, para ver como eu sou atrasado em praias.

L.A.S. Sua companheira estava junto?

M.G. Minha companheira sempre está junto. Há 27 anos, é uma mulher só.

L.A.S. É mesmo?

M.G. Sim de bom que eu sou.

L.A.S. Você foi à praia...

M.G. Então o que eu vejo de gente na praia, de gente de automóvel para lá e para cá. Eu me pergunto: onde está a crise? Nós somos uns grandes chorões. Acho que não há crise. Vou lhe contar, há gente vivendo muito bem.

L.A.S. Mas o que você vê na praia é uma minoria.

M.G. Não, mas a gente vê, nós vivemos em uma região abençoada.. Eu, por exemplo, acho que não temos ainda a realidade da coisa, porque vivo confiando em Blumenau. Eu amo Blumenau, não gosto de sair de Blumenau. Então o que nós vemos em Blumenau não é a realidade de outros estados, de outras cidades. Vemos gente passando fome, nós sabemos que há problemas. Não acredito que haja uma eleição geral para 1982, até acredito que possa haver eleição para prefeito e para vereadores. É pelo que leio, pelo que acompanho e pelo que a gente ouve dos mais entendidos de política, que não é o meu caso. Prorrogação de mandatos. Há essa possibilidade.

D.G. Quer dizer então que o partido do governo, no caso de Blumenau, não tem candidato de oposição?

M.G. Ele não criou candidatos.

L.A.S. Um momentinho, Galliani. Você sabe que se ocorrer aquilo que

você está presumindo, que realmente não está fora de cogitação a prorrogação de mandatos de governadores...

D.G. Eleição municipal teremos.

L.A.S. Vamos admitir que haja eleição em todos os níveis. E o eleitor blumenauense, você inclusive, vai ter que votar em um candidato a vereador, candidato a governador de Estado, um candidato a deputado estadual, um candidato a deputado federal e num candidato a senador do mesmo partido. Quer dizer, não pode você querer votar assim, porque é amigo de um candidato a vereador do PMDB e outro de outro partido...

D.G. Não pode votar no amigo, ou achar que é bom. É voto vinculado.

L.A.S. Essa coisa toda, votar em um candidato do PMDB, outro do PPS, outro do PT não pode. É de cima a baixo na mesma sigla. O PDS já se orientou em termos de lançar os candidatos de Blumenau para prefeito. O nome do ex-vice-governador e atual presidente da Codesc, Marcos Henrique Buechler. O pré-deputado estadual, o presidente da Celesc, o engenheiro Paulo Melro. Para governador do Estado há o nome do secretário dos transportes, Esperidião Amin, levando como vice o deputado Vitor Fontana. E para senador, o governador Jorge Bornhausen. Então essa é a chapa, é um time forte. Um time de peso. Especialmente o Marcos Buechler e o Dr. Paulo Melro são dois candidatos de peso. Até pela estrutura física. O PMDB não tem uma definição ainda, mas vamos admitir hipoteticamente o senador Jaison Barreto para governador. O deputado Álvaro Corrêa para deputado Estadual. Um candidato a deputado federal, e o Borbinha como candidato a prefeito. Você acha que com essas duas chapas o PDS não tem chance?

- M.G.** Não, eu não disse que não vai ter chance. Estou achando que vai ser um pega, vai ser uma loucura!
- D.G.** Você disse que a oposição continua. Se a oposição continua no governo, o PDS não tem chance?
- M.G.** Eu falei no sentido municipal. Falei a nível do município. Mas acontece que você vê uma coisa que o Luiz está colocando agora em temos de...
- L.A.S.** Não, mas é que você provocou.
- M.G.** Mas no voto vinculado, eu agora me perdi também porque não entendo mais nada. Eu estou igual o povo. O povo não está entendendo isso também. O voto vinculado estão entendendo? E eu também não estou entendendo. Aí me corta as minhas asas, as do Danilo, as suas, de quem quiser. Você não pode mudar, você não pode escolher.
- D.G.** Galliani, o Dr. Maurício D'Ávila, Juiz da Vara Criminal de Blumenau, pergunta ao Sr. Moacir Galliani o que acha do trânsito de Blumenau. Porque há uma grande quantidade de delitos de trânsito registrados nos últimos tempos aqui na cidade.
- M.G.** Maurício, você me dá um prazer muito grande em ser ouvido. É uma pessoa de quem nós gostamos demais. Dr. Maurício, o trânsito, não só de Blumenau, mas de maneira geral, é criminoso. Ele é criminoso por nós não termos consciência do respeito à vida alheia. Essa que é a verdade. Ontem ainda, Dr. Maurício, eu vinha da praia naquele 70,80 KM/h, bonitinho, e um cidadão de Pick Up, o que ele fez nesta estrada é coisa de maluco. Mas quando passamos pelo posto policial aqui perto da Ceval, ele estava preso lá.

D.G. Nem tudo está perdido.

M.G. Nem tudo está perdido. Acho que deve haver um rigor maior, não sei se é através da guarda municipal ou da própria polícia do Detran, que diz que vai mudar, não sei.

D.G. Acho que deve mudar?

M.G. Também não sei. O que acho é o seguinte: a conscientização daquele que dirige. Eu sempre digo, não se deve fazer do automóvel uma arma contra ninguém. O automóvel deve ser motivo de prazer e de lazer. Daí, você vê o cara xingando você por qualquer coisa no automóvel, buzinando! Tem neguinho que o agride com buzina.

L.A.S. O problema todo é a educação.

M.G. A educação do povo.

L.A.S. O pedestre ficou muito renegado.

M.G. Também. O pedestre agora atravessa na sua frente e de uma maneira até sintuosa, meio de gozação...

L.A.S. De reação natural contra automóvel. Porque todas as vias são feitas para o automóvel...

M.G. Para o pedestre nada. Eu inclusive tive uma pessoa da família que veio dos Estados Unidos, onde morou três anos. O respeito que se tem lá ao pedestre é uma coisa fora de série.

L.A.S. E aqui praticamente não existe.

D.G. Os absurdos dessa Rua Sete, na frente dos colégios Santo Antônio e Sagrada Família. O dia em que o guarda de trânsito não está presente...

M.G. Agora se vê o grande valor da guarda, assim na hora de atravessar. Agora você quer ver uma coisa? O que se vê de automóvel correndo nesta Rua XV. Você fica assim estarrecido. Eu já tenho medo de andar do lado de cá da Rua XV, da Rádio Blumenau.

L.A.S. E você que é um jovem. Agora imagine uma pessoa idosa.

M.G. Jovem? Jovem cinquentenário.

L.A.S. Nós vamos, estamos chegando à reta final. Você quer fazer alguma pergunta para o Danilo ou para mim?

M.G. Eu só quero dizer que tive um prazer enorme de estar aqui com vocês e ter tido a honra de ser o primeiro em 1982 para participar desse programa. Eu acompanho vocês. E tê-los como amigos é uma coisa muito boa para mim, é uma dádiva inclusive. Gosto de só fazer amigos nesta minha vida. Gosto de ser querido, como gosto de querer bem às pessoas. Então, se deixei aqui, para alguém alguma mensagem ou alguma coisa boa que, for de utilidade para alguém, fico satisfeito e regamente gratificado. Agradeço pela gentileza do convite, de poder falar da instituição de que eu gosto, onde trabalho, e também falar um pouco sobre rádio, sobre generalidades que nós abordamos aqui. Fiquei tão à vontade porque no meio de amigos a gente só pode se sentir à vontade. Luiz, muito obrigado. Danilo, muito obrigado. Ouvintes da Rádio Blumenau, muito obrigado.

L.A.S. Nós é que agradecemos ao nosso companheiro Moacir Galliani, radialista de mérito de nossa cidade. Homem que orgulha e enriquece a classe profissional a que pertencemos, pela sua presença hoje no programa Censura Livre. Em nome da Rádio Blumenau, a nossa satisfação em tê-lo aqui como diretor do

Centro de Formação Profissional do SENAC, uma instituição que vem prestando relevante serviço em nossa comunidade, através da formação de jovens das mais diversas carreiras profissionais, preparando inclusive esses jovens para o futuro profissional que lhes permite ter uma vida mais digna, no âmbito de nossa comunidade. Nós convidamos a todos para estarem aqui, daqui a um minuto com o programa Valmira Simas, e amanhã a partir das...

D.G. Oito horas e quinze minutos

L.A.S. Mais uma apresentação de Programa Censura Livre. Um bom dia a todos!



Considerações sobre a saúde e a história dos **HOSPITAIS DE IBIRAMA**

CONSIDERAÇÕES SOBRE A SAÚDE E A HISTÓRIA DOS HOSPITAIS DE IBIRAMA

Harry Wiese¹

“O Brasil é um vasto hospital.”²

ASPECTOS PRELIMINARES

Este artigo tem o propósito de apresentar, de forma sucinta, aspectos relacionados à saúde de Ibirama, desde a antiga Colônia Hammonia, hoje compreendendo os municípios do Vale do Rio Itajaí do Norte: Ibirama, Presidente Getúlio, Dona Emma, Witmarsum, José Boiteux e Vítor Meireles. O texto foi inicialmente publicado com o título “Saúde” no livro “Terra da Fartura: História da Colonização de Ibirama”, de autoria deste autor e posteriormente adaptado em forma de artigo científico para publicação nesta revista.

Nos primeiros tempos da colonização de Hammonia, as questões referentes à saúde eram muito complexas.³ Os imigrantes estavam isolados e não tinham atendimento médico. A ausência de um profissional da área trouxe insegurança para os habitantes. De acordo com Miguel Pereira, “no início, os imigrantes eram privados de quaisquer recursos médicos. Em casos de doenças graves, os enfermos deviam, forçosamente, ser conduzidos a Blumenau. Os meios de transporte eram difíceis, somente mais tarde, foi construída a estrada de ferro.”⁴

¹ Professor e escritor. Contato: wiese@ibnet.com.br

² Miguel Pereira – médico sanitaria, com referência à precariedade da saúde do homem da roça.

³ Hammonia foi fundada em 8 de novembro de 1897 por Alfred Wilhelm Sellin e Emil Odebrecht e comitiva. Os primeiros imigrantes se estabeleceram em fins de 1899.

⁴ Comunidade Evangélica de Ibirama. Tipografia e Livraria Blumenauense, 1954, p. 26. A Estrada de Ferro Santa Catarina, entre Blumenau e Hammonia, foi inaugurada em 1909.

Além disso, a inexperiência dos novos habitantes, num ambiente hostil, proporcionou um grande número de acidentados. Houve também suicídios e casos de depressão. A descrição de Otto Wille oferece um entendimento sobre a hostilidade do ambiente. “Nossos sapatos não podíamos usar mais, pois com a doença de aclimatação nossos pés estavam inchados e de tanto passarmos sebo, o couro ficara duro. Nós agora, como todos os outros, andávamos descalços.”⁵

Assim, aos poucos, pelas circunstâncias ambientais, os imigrantes aprenderam a usar a medicina natural e a homeopatia. Já por volta de 1905, ou mesmo antes, no outro lado do Rio Hercílio em relação ao Rancho dos Imigrantes, o colono Hager praticava medicina natural com o preparo de grande número de pomadas. De acordo com Willy Gossow, “havia uma pomada para cada doença.”⁶ O Rancho dos Imigrantes tinha a capacidade de abrigar aproximadamente 100 famílias.

Devido às dificuldades de locomoção e a grande distância até Blumenau, houve, também, a prática intensiva da automedicação. Quando possível, remédios eram enviados da Alemanha diretamente para os imigrantes. “Enviem jornais, também os remédios solicitados. Os meus distribuí quase todos entre os vizinhos.”⁷

Vários imigrantes trouxeram livros que continham informações sobre doenças e tratamentos através da medicina natural. “Mesmo com todo trabalho, a nossa mãe, ainda arranjou tempo para ler e estudar os poucos livros que trouxemos da Alemanha.”⁸ Tratava-se de dois enormes volumes denominados “Bilz-Bände” que tinham a descrição de doenças e seu respectivo tratamento através da medicina alternativa.

⁵ WILLE, Otto. *Minha imigração para Hansa-Hammonia – hoje Ibirama*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1994, p. 141.

⁶ GOSSOW, Willy. *Die Grosse Reise*. Inédito, (cópia xerografada) 1973, p. 102.

⁷ Der Hansabote, n. 7, abril, 1905.

⁸ GOSSOW, Willy. *Die grosse Reise* (cópia xerografada). Inédito p. 128.

De maneira geral, os imigrantes possuíam um bom nível intelectual. A preocupação com a leitura e livros era intensa. Eis a citação que comprova o fato: “Não havia muito que se transportar, trouxeram apenas uns cinco ou seis caixotes de utensílios, uns 150 livros, [sem grifo no original] roupas, utensílios domésticos, bordados, toalhas e uma enorme bagagem de esperança de melhor futuro.”⁹ Certamente, entre os livros, havia aqueles referentes ao tratamento de doenças.

Diante da situação, a Sociedade Colonizadora Hanseática¹⁰ começou a preocupar-se com a saúde dos imigrantes. “A Companhia é ativa no campo da assistência social, construindo escolas, fornecendo assistência espiritual e médica, sem fins lucrativos.”¹¹ Em julho de 1903, quando Hammonia contava com 858 habitantes, com 317 crianças menores de 10 anos, foi contratado o médico Dr. Franz Kübel. O profissional desenvolveu suas atividades médicas até 30 de julho de 1905, quando deixou a Colônia.

Cabe ao médico Dr. Franz Kübel o título de primeiro médico de Hammonia. Foi substituído pelo Dr. Ernst Sappelt¹², que iniciou suas atividades clínicas em 15 de julho de 1905. Permaneceu na função até 15 de abril de 1906. Em 15 de abril de 1906, o Dr. Franz Kübel retornou e voltou a atender a população da colônia.

Os locais de atendimento, na época, eram os seguintes: na residência do Sr. Hoppe no Rio Sellin, na Escola do Rio Rafael, no Rancho

⁹ <http://geocities.yahoo.com.br/antoniogemballa/avoquenaconheci>. Acessado em 30/12/04.

¹⁰ A Sociedade Colonizadora Hanseática era proprietária de 4 distritos, entre os quais o Distrito Itajahy-Hercílio, formador da Colônia Hammonia. Leia mais em *Terra da Fatura: história da colonização de Ibirama*.

¹¹ LACMANN, Wilhelm. *Cavalcadas e impressões no sul do Brasil*. In: Blumenau em Cader-nos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, n. 11, novembro, 1997, p. 43.

¹² O Dr. Ernst Sappelt veio 15 dias antes da saída do Dr. Kübel, com o intuito de conhecer a região e a população de Hammonia. Sappelt foi também o primeiro médico do Hospital Santa Isabel, de Blumenau. Esta casa de saúde foi inaugurada em 4 de outubro de 1909. Permaneceu no cargo durante 10 anos. Faleceu em 8 de outubro de 1919.

dos Imigrantes de Neu Bremen e em Hammonia.¹³ De acordo com José Deeke, o Rancho dos Imigrantes também serviu de Hospital, nos primeiros tempos. “Como hospital serviram algumas dependências do galpão dos imigrantes.”¹⁴

Além do atendimento aos doentes nos locais descritos, era comum o médico realizar atendimentos domiciliares. Otto Wille bem denota a característica ambulante dos médicos: “Quando a notícia do ataque, chegou a nós através de um vizinho, já vinha o empregado de Paul Krause, a Nova Bremen, para dali ir a Hammonia, buscar o Dr. Kübel, o médico. (...) À meia noite chegaram o médico Dr. Kübel, o Pastor Dr. Aldinger, o diretor Mörsch e José Deeke com o seu fiscal Bruno Wehmuth e seu assistente Albert Koglin.”¹⁵

As dificuldades, naquela época, eram muitas. Eis o relato de Peter Schelle, morador da localidade de Rio Rafael Alto: “Então enfrentamos outras dificuldades, como doenças, partos sem auxílio médico, e quando havia complicações eram levadas para Hammonia, no Hotel Berg, onde ficavam no sótão. Em lugar de um médico havia um curandeiro e nos sentíamos gratos por tê-lo, pois dava consolo. No saguão do hotel as pessoas bebiam, dançavam e se divertiam, enquanto no sótão havia mortes e nascimentos.”¹⁶

¹³ As localidades de Rio Sellin, Rio Rafael e Neu Bremen eram localidades do interior da Colônia e de difícil acesso na época. As denominações hoje ainda existem, exceto Neu Bremen, que foi mudado para Dalbérgia, em homenagem ao nome da filha do “pacificador dos índios” Eduardo de Lima e Silva Hoerhan.

¹⁴ DEEKE, José. *A Colonização da Região do Itajaí*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, fevereiro, 1988, p. 324.

¹⁵ O texto se refere ao episódio da morte de Helena Krause, provocada por um ataque dos índios à propriedade de Paul Krause na localidade de Rio dos Índios, em Neu-Zürich, hoje Presidente Getúlio, no dia 28 de outubro de 1906.

¹⁶ IDEKER, Walter. *Bodas de diamante de Peter Schelle*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997, p. 40-41. Este desabafo de Schelle foi feito ao Dr. Friedrich Kroener, em 1933. Trautchen Berg, de 95 anos de idade e nascida em Hammonia nos primeiros anos da colonização, desmentiu esta informação em conversa informal com o autor deste artigo.

Já nos primeiros anos de colonização, Adolf Pfeilsticker era dentista prático, em Hammonia. De acordo com o anúncio encontrado no jornal “*Der Hansabote*”¹⁷, o dentista estava habilitado para realizar os seguintes serviços odontológicos: dentaduras, reparações, restaurações com metal, porcelana e cimento e extrações de dentes sem dor e sem perigo.

No dia 7 de janeiro de 1905, foi inaugurado o Hotel Lämmermeier, na localidade de Neu Berlin, hoje Bela Vista. Era uma construção do tipo enxaimel, de boa apresentação e se destinava, também, para a recuperação e descanso de pessoas doentes. Segue a descrição do local feita por Carl Gossow, no livro *Die Grosse Reise*: “O restaurante era a atração. O Sr. Lämmermeier vendeu sua primeira colônia nos fundos do Rio Sellin e adquiriu uma colônia em Neu Berlin. Ali, ele desmatou e queimou parte do terreno. Construiu uma casa do tipo enxaimel e a seu redor limpou a mata, deixando somente as grandes árvores e as palmeiras. Plantou, ainda, um belo gramado. Tudo isso deu a impressão de uma verdadeira floresta alemã, com mesas, bancos e cadeiras.”¹⁸

A Sociedade Colonizadora Hanseática, como já se mencionou, se preocupou com a saúde dos imigrantes. Lacmann, em seu relatório, confirma: “A Companhia é ativa no campo da assistência social, construindo escolas, fornecendo assistência espiritual e médica, sem fins lucrativos. [...] Em 1904, a Companhia gastou a importância de 4.927 mil réis com médicos, remédios e tratamento de doentes pobres.”¹⁹

Muitos imigrantes morreram por causas fúteis, principalmente por inexperiência com o trabalho como a derrubada da floresta virgem. Aconteciam, ainda, as picadas de cobras venenosas, conseqüências pós-

¹⁷ O jornal “*Der Hansabote*” foi publicado em Hammonia de outubro de 1904 a setembro de 1913.

¹⁸ Tradução de Harry Wiese.

¹⁹ LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e impressões no sul do Brasil*. In: Blumenau em CADERNOS, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, n. 11, novembro, 1997, p. 43.

parto, convulsões ou espasmos, varíola, cólera, ataques dos indígenas e outras. Há vários registros sobre um mal denominado de doença de adaptação, cujos sintomas eram inchaços e feridas nos pés e pernas. Muitas vezes, esses incidentes levavam as pessoas a óbito. Carlos Pabst, ex-prefeito municipal de Ibirama, fez um criterioso levantamento sobre acidentes, suicídios e crimes acontecidos entre 1900 e 1920. Eis os casos:

Quadro de óbitos não naturais de 1901 a 1920 de Hammonia

NOME	DATA	MOTIVO	OBSERVAÇÃO
Johann Denk'	18.07.1901	Acidente em Hammonia.	Agrimensor, solteiro, católico.
Hermann Zimke	03.11.1902	Flechado por um índio.	Atingido durante a construção de uma casa, em Neu Bremen.
Fritz Danner	07.09.1903	Enforcamento.	A ossada foi encontrada mais tarde num matagal no Rio Sellin.
Christian Steinbrecht	11.08.1904	Queda de árvore.	Durante derrubada de mata em Rio Sellin.
Gustav Carl Dosse	11.07.1904	Queda de um tronco de árvore ao atravessar o Rio Rafael.	Tinha 5 anos de idade.
Gustav Gebhardt	02.08.1905	Afogamento.	Era um jovem. Acidente ocorrido na balsa de Hammonia.
Anna Wille	31.12.1905	Afogamento.	Queda de canoa no Rio Krauel.
Alexander Leitis	26.04.1906	Acidente em construção de casa.	Tinha 37 anos. A fatalidade ocorreu no Rio Krauel.
Michael Krämer	14.02.1906	Carbonizado.	Acidente em queimada de roça em Hammonia.
Helena Krause	29.10.1906	Morta a pauladas.	Jovem de 13 anos morta por índios, no Rio dos Índios, em Neu-Zürich.
Joseph Gottstein e Carl Gottstein	20.01.1907	Afogamento	Fatalidade ocorrida no Rio Hercílio, em Scharlach, hoje, José Boiteux. Eram irmãos.
Heinrich Siewert	15.03.1908	Queda de carroça	Caiu debaixo de uma carroça em movimento, em Scharlach.
Ernst Bockmann	22.05.1909	Homicídio	Morto a tiros pelo jovem Weinwurm, em Neu Bremen.
João S. Cordeiro	02.07.1911	Afogamento	Morreu afogado na Barra do Rio Hercílio.
Robert Pletz	02.07.1911	Flechado por um índio	Atingido na roça, em Rafael Alto.
Bruno Bree	03.02.1912	Acidente no pasto.	Morto por um touro em Neu Bremen.

* Johann Denk foi a primeira pessoa falecida em Hammonia. Era funcionário da Sociedade Colonizadora Hanseática.

Heinrich Selbmann	29.03.1912	Queda de carroça	Menino de 7 anos, queda de uma carroça no Rio Rafael.
Johann Horak	10.08.1913	Ataque indígena	Morto pelos índios.
Heinrich Bozzan	15.01.1914	Queda de árvore	Criança morta em Hammonia.
Primo Sepilli	27.01.1914	Acidente	Na Serraria Aichinger.
Robert Wünsche	15.08.1914	Suicídio	Tiro de revólver em Nova Stettin.
Bertha Pens	29.09.1914	Afogamento	Na Barra do Rio Hercílio.
Emil Strauch	24.05.1915	Afogamento	Rio Hercílio, em Nova Bremen.
Adam Mohr	02.10.1916	Afogamento	Caiu da balsa em Nova Bremen.
Olga Düsterhöft	22.11.1916	Queimadura	Queimou-se no fogão.
Giuseppe Filagrana	06.01.1917	Acidente	Tiro acidental com arma de fogo.
Olimpio Pá-Ara	29.05.1917	Acidente	Na serraria do Posto Indígena
Antônio F da Silva	29.05.1917	Afogamento	No Rio Hercílio, no centro de Hammonia
Rudolf Langer	22.10.1917	Afogamento	Em Nova Berlim
Virgínia Zuave	11.11.1917	Envenenamento	Picada de cobra em Ribeirão da Anta.
Bertha Krüger	06.06.1918	Envenenamento	Picada de cobra em Mirador.
Carl Kipfer	19.04.1919	Acidente	Tiro acidental. Tinha 6 anos.
Wilhelm Schlüter	02.12.1919	Suicídio	Enforcamento em Rio Scharlach.
Carl Schmidt	18.01.1920	Suicídio	Enforcamento em Hammonia.
Augusta Gries	10.05.1920	Acidente	Queda de árvore.
Johann Schmarantzer	17.06.1920	Desconhecido	Achado morto no rancho depois de 6 dias.
João A. Francisco	06.07.1920	Acidente	Queda de árvore.

FONTE: PABST, Carlos. Hansa Hamônia. Apostila, s/d.

Um outro caso de morte cuja vítima foi atingida por um touro, foi narrado por Otto Wille: *“Um outro trabalhador de Vanselow, de nome Nicolai foi atacado no pasto por um touro e quando quis salvar-se pulando uma cerca, o touro o apanhou com os chifres atirando-o no chão e pisoteando-o até a morte.”*²¹

Sobre o caso dos óbitos dos irmãos Gottstein, Otto Wille também fez seu registro. *“Numa pequena ilha do Rio Hercílio foi encontrada a canoa dos irmãos Gottstein. Quando foram procurar os tripulantes da mesma, viram-nos boiando mortos na água e puderam ser recolhidos.”*²⁰

²¹WILLE, Otto. *Minha imigração para Hansa-Hammonia – hoje Ibirama*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1994, p. 141.

Eis o resumo das principais causa-mortis dos imigrantes:

a) *Wochenbett* (resguardo): Em regiões onde não havia médico ou parteira formada, verificou-se que de cada três mulheres sepultadas, numa delas constava *Wochenbett* como causa de morte. Certamente eram problemas relacionados com infecções ou congêneres. Assim, havia um grande número de órfãos de mãe, contudo, não havia crianças abandonadas em Hammonia, porque padrinhos de batismo e até vizinhos ajudaram a criá-las e educá-las.

b) *Krämpfe* (convulsões): O número de óbitos de crianças cuja *causa mortis* era *Krämpfe* foi muito grande. Em algumas regiões, cada segunda criança que morria era vítima desse mal. Parecia ser um tipo de paralisia infantil, mas a causa mais provável, segundo vários pesquisadores, era o tétano, por falta de esterilização de instrumentos de parto ou em ferimentos causados principalmente por objetos cortantes. Grande número de óbitos de gestantes foi pelo mesmo motivo.

c) *Pocken* (varíola): Várias pessoas faleceram em consequência da varíola. A varíola atacava periodicamente em quase todas as comunidades, com mais freqüência durante o século XIX. Como Hammonia foi fundada no final daquele século, os casos na colônia foram de freqüência menor.

d) *Rote Ruhr* (cólera): Nos registros das várias localidades do Vale do Itajaí constam dezenas de óbitos, provocados pela cólera.

e) *Picadas de cobras*: Muitas pessoas de Hammonia morreram em consequência de picadas de cobras. Outras permaneceram com seqüelas para o resto da vida. Nem sempre o soro antiofídico chegava a tempo. Em muitas ocasiões, nem chegou, para o desespero da população atingida.

f) *Derrubadas da mata virgem*: Os imigrantes tinham pouca ou nenhuma experiência com a derrubada de gigantescas árvores e esqueciam das normas práticas que deveriam ser obedecidas. Não observavam que elas estavam entrelaçadas umas com as outras com cipós e taquaras. Em

Hammonia, há vários registros de pessoas que foram esmagadas por árvores, como pôde ser visto no quadro de óbitos não naturais, acima citados.

g) *Intoxicação por remédios*: Embora os remédios fossem poucos, ainda assim havia vítimas por intoxicação. O motivo era o uso incorreto deles, ou o uso exagerado em circunstâncias de desespero. Um caso dessa natureza, acontecido em Neu Bremen, foi narrado por Otto Wille:

O irmão de nosso vizinho Kipfer sofria muito com os ataques de malária e apesar do constante uso de quinina, estes não queriam ceder. Certa ocasião de visita a Vanselow, (que neste meio tempo havia casado e cuidava do negócio da Cia., estando instalado no Rancho dos Imigrantes), para ali comprar quinina, este reclamou para Vanselow, que era droguista formado na Alemanha, que não conseguia se livrar da febre e pediu a ele que lhe desse um outro remédio, e não quinina. Vanselow levemente lhe respondeu, que então comprasse um vidrinho de creolina, misturasse com a água e tomasse. Kipfer comprou um vidro de creolina, e na viagem de volta no Rio Krauel, quando foi acometido por um ataque de febre, abriu o vidrinho, chegou até a queda d'água do Rio Krauel, onde pelas pedras se podia alcançar a propriedade de seu irmão, bebeu um gole de creolina. Com isto queimou a garganta e estômago, morrendo logo em seguida sob horríveis dores.²¹

g) *Afogamentos*: Muitos óbitos ocorreram em função de afogamentos. Nos primeiros tempos, os rios de Hammonia tinham maior volume de águas e estas exerceram verdadeiro fascínio sobre as pessoas. Um caso de afogamento também foi narrado por Otto Wille:

No dia de São Sivestre, à tarde, do ano de 1905, minha irmã Anna queria visitar meu cunhado Strauch. Como a estrada até a nossa colônia não estava transitável, meu pai queria levá-la Rio Krauel abaixo até a propriedade dos Koschel. Ao embarcar na canoa ela escorregou, bateu

²¹ WILLE, Otto. *Minha imigração para Hansa-Hammonia – hoje Ibirama*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1994, p. 141.

a cabeça na borda da embarcação, perdeu os sentidos e caiu na água. A margem do rio estava entulhada de galhos e ela não pôde voltar à tona d'água, não podendo ser salva. O corpo só foi encontrado bem mais tarde no dia de Ano Novo à tarde. O mesmo destino teve mais tarde o filho Emil, de meu cunhado Strauch, que ao atravessar o Rio Hercílio na outra margem, na hora de desembarcar escorregou na canoa, ficou inconsciente, caiu na água e morreu afogado.²²

Problemas com a saúde também se manifestaram em função das picadas de aranhas, mosquitos e outros tipos de insetos. As conseqüências eram feridas, principalmente nas pernas. Também, havia grande quantidade de “bichos do pé” e carrapatos que tiravam o sossego das pessoas.

Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, o “pacificador” dos índios, possuía conhecimentos de medicina e de farmácia e atendia a indígenas e a brancos que estavam doentes.

(...) mas numa época difícil de ausência de médicos e farmacêuticos, todos, no caso de doenças, recorriam a ele, que afastado de suas funções no Posto, passou a residir nas imediações da Reserva. Independentemente da hora que fosse: nove, onze ou meia-noite, ele atendia todos. Muitas vezes ia até verificar pessoalmente na casa do paciente se o mesmo estava recebendo o tratamento adequado. O remédio, por ele descrito, vinha do governo para os índios e, era vendido barato aos colonos que, sem recursos, o procuravam.²³

Outro fato digno de registro aconteceu no início do ano de 1921. Os moradores da localidade de Boa Vista, em Neu Breslau, hoje Presidente Getúlio, foram atingidos pela febre tifóide. Na ocasião, morreram dois homens. Os demais doentes foram transportados para o Hospital de Hammonia e atendidos pelo Dr. Gielow. Este encaminhou a maioria para

²² WILLE, Otto. *Minha imigração para Hansa-Hammonia – hoje Ibirama*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1994, p. 141.

²³ CUNHA, Roseli. *Colonização de José Boiteux*. Itajaí: Editora da Univali, 2003, p. 65.

Blumenau. Na localidade, em função da paralisação dos trabalhos, houve até fome. Praticamente todos os colonos abandonaram o lugar após o surto.

Assim, foram registradas, de forma geral, as principais doenças, tratamentos, óbitos e circunstâncias múltiplas, relacionadas à saúde, nos primeiros tempos de colonização de Hammonia.

A ASSOCIAÇÃO DE AUXÍLIO A ENFERMOS HANSA

Como já foi mencionado, os doentes de Hammonia foram tratados por médicos em locais de atendimento fixos e em domicílios. Assim, o médico, em certos momentos, tornou-se médico-ambulante. Percebeu-se, também que no sótão do Hotel Berg e em alguns quartos do Rancho dos Imigrantes, houve tentativas de improvisação de hospitais. Há, ainda, relatos, embora com poucos detalhes, de outras casas que abrigavam doentes, inclusive com tratamento médico. Em Neu Bremen, o droguista Arthur Vanselow teve um Parque de Saúde. Ali, atendeu a muitas pessoas, com remédios, banhos e produtos da medicina natural.

Por volta do final da primeira década do século XX, as preocupações com a saúde foram mais concretas e consistentes. Em 24 de abril de 1909, foi fundada a *Kranken-Unterstützungs-Verein Hansa* (Associação de Auxílio a Enfermos Hansa), com 30 sócios fundadores. Os objetivos desta associação eram: dar atendimento médico de qualidade à população, contratar uma parteira, adquirir remédios e construir um hospital. A jóia (ingresso na Associação) foi fixada em 10\$000 (dez mil réis) e a mensalidade era de 1\$000 (um mil réis).²⁴ A primeira diretoria teve os seguintes membros: H. B. Schmidt, Walter Schön, Johann Müller, Werner Weber, Heinrich Berg e Fritz Kröplin. Tiveram destaque também os seguintes sócios fundadores: Hermann Koepsel, Adolf Frankowia e Peter Schelle.

²⁴ Em termos comparativos, em 1909, um operário ganhava 2\$500 (dois mil e quinhentos réis) por dia.

Com a fundação da Associação de Auxílio a Enfermos Hansa, a questão relativa à saúde tornou-se mais sólida. O jornal *Der Hansabote*, de 3 de julho de 1909, escreveu: “Que a atividade de uma Associação assim idealizada só traz benefícios à coletividade é inegável por quem quer que seja. Porém, para alcançar os objetivos plenamente, torna-se necessário um maior número de associados e se espera que cada morador da Colônia faça o possível de participar da causa.”

A segunda Assembléia Geral realizou-se no dia 5 de junho de 1910, no Hotel Berg. Havia um problema de grandes proporções a ser discutido. O médico destinado para Hammonia que havia chegado ao porto de Santos, retornou logo em seguida à Europa. Sobre esta questão o jornal *Der Hansabote*, de 10 de setembro de 1910, registrou a seguinte: “Parece-nos que o médico, apesar dos minuciosos relatos da situação reinante na Colônia, esperava certamente, ou talvez imaginasse encontrar situações mais cômodas quanto às colônias no Brasil e manifestou apreensão quanto a sua capacidade de adaptação aqui na Colônia Hansa-Hammonia.” Sobre as questões administrativas, o mesmo jornal também informou: “Os objetivos da Associação não serão abandonados. Deverá passar algum tempo até que estes sejam concretizados. As jóias pagas à Associação serão restituídas, quando solicitadas. As outras importâncias recebidas pela Associação, permanecerão em depósito.”

A ASSOCIAÇÃO HOSPITAL CARIDADE DE HAMMONIA E O PRIMEIRO HOSPITAL

Em 23 de julho de 1911, em função da paralisação gradual da *Kranken-Unterstützungs-Verein Hansa*, foi criada a Associação Hospitalar de Hammonia, com a denominação *Associação Hospitalar de Caridade em Hammonia*, pelos senhores Peter Schelle, José Deeke, Ferdinand Kraemer,

Max Zierhold, Johann Müller, Richard Bahr, Fritz Zimmermann, Adolf Frankowia, Alfred Germer e Werner Weber. A fundação da *Associação* aconteceu na residência de Max Zierhold. A primeira diretoria ficou assim constituída: Presidente - Peter Schelle; Vice-Presidente - Max Zierhold; Tesoureiro - Johann Müller; Secretário - Werner Weber e Vice-Secretário - Alfred Germer. O objetivo maior era construir um hospital. A associação, na época, já tinha a importância de 2:000\$000 (dois contos de réis) e o número de associados era de 200.²⁵ Conforme os estatutos, ficou estabelecido que a contribuição de cada membro fosse de 100 réis a ser cobrado trimestralmente, a partir de agosto daquele ano.

Em outubro de 1911, começaram as chuvas torrenciais em Hammonia e em todo o Vale do Itajaí. O mau tempo se prolongou durante todo o mês. De 28 de outubro até 1º de novembro choveu continuamente, elevando o nível das águas em 16,60 metros em Blumenau. Grande parte do material de construção do primeiro hospital, que estava nos fundos das ruas, hoje denominadas de Rua Blumenau e Rua D. Pedro II, foi levado pelas águas. A balsa que fazia a ligação entre Hammonia e Subida no Rio Itajaí-Açu, nas proximidades da foz do Ribeirão do Cocho foi arrastada pelas águas. Os prejuízos de Hammonia atingiram a cifra de 50:000\$000 (cinquenta contos de réis).²⁶ Para amenizar os prejuízos da Associação e Hospital de Caridade, a Sociedade Colonizadora Hanseática doou 500\$000 (500 mil réis). O Tenente Vieira da Rosa, agente do SPI (Serviço de Proteção ao Indígena) e interventor estadual na época, também doou a importância de 20:\$000 para a construção do hospital.

Mesmo com o material de construção perdido, em março de 1912, aconteceu a Festa da Cumeeira do Hospital, situado nas proximidades

²⁵ Der Hansabote, 19/08/1911, p. 3.

²⁶ Esta cifra foi considerada altíssima levando-se em consideração que em 1911, Hammonia ainda era uma colônia frágil, com aproximadamente 2.300 habitantes.

da atual cadeia pública de Ibirama, na Rua Blumenau. O terreno do hospital foi doado pela Sociedade Colonizadora Hanseática.

O término da construção aconteceu em novembro de 1912. O prédio era de dois andares, tipo enxaimel. Seu primeiro provedor foi Peter Schelle, que trabalhou incansavelmente para a realização deste ideal. O primeiro administrador foi Hermann Koepsel.

De acordo com o Dr. Afonso Balsini, no primeiro hospital trabalharam os seguintes médicos: Dr. Kübel, Dr. Troll, Dr. Gielow, Dr. Bergama, Dr. Foester, Dr. Weiss, Dr. Fechter, Dr. Neumann, Dr. Degen e Dr. Cocholl.²⁷

Em 1933, o Dr. Friedrich Kroener veio a Hammonia. Ele iniciou seus trabalhos clínicos no antigo hospital. A impressão do médico sobre o nosocômio era de consolo e também de preocupação. Eis as palavras do novo profissional: “Para iniciar pelo menos tinha um hospital, se bem que quando chovia era obrigado a abrir o guarda-chuva para não me molhar.”²⁸

O Hospital da Associação Hospitalar de Caridade permaneceu em pleno funcionamento de 1913 a 1935. Devido ao crescimento do número de habitantes de Hammonia e também do interior do município, o hospital não atendeu mais as necessidades da população. Assim, a Associação resolveu construir um novo hospital. Para este empreendimento, o Pastor Dr. Paul Aldinger doou uma área de terras, aproximadamente, de 27.000 metros quadrados. Este terreno era parte do *Palmenhof*, do Dr. Paul Aldinger.

Durante a existência do antigo hospital, foram feitas reformas

²⁷ Entre os médicos apresentados pelo Dr. Balsini consta também o nome de Dr. Sappelt. Sabe-se que o Dr. Sappelt deixou Hammonia antes da construção do referido hospital. Por outro lado, sabe-se também que na época, houve constante troca de médicos, portanto, é possível, que tenha ocorrido omissão de alguns profissionais, na nominata apresentada. O próprio Dr. Kröner chegou a trabalhar neste hospital.

²⁸ IDEKER, Walter. *Bodas de diamante de Peter Schelle*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997, p. 41.

e uma ampliação. Apreciando as fotografias da época, é possível verificar profundas modificações ocorridas com o passar do tempo.



Primeiro hospital de Hammonia – construído em 1912.



Primeiro hospital de Hammonia – após reforma.

O HOSPITAL HANSAHOEHE

Como já foi mencionado, para a construção de novo hospital em Hammonia, o Pastor Dr. Paul Aldinger, doou parte do seu *Palmenhof* à *Associação Hospitalar de Caridade de Hammonia*. Este terreno deveria ser utilizado exclusivamente para a edificação do hospital. Isto foi rigorosamente obedecido, conforme constava nos estatutos da Associação da época. As condições foram as seguintes:

— Que fosse construído um hospital sobre o terreno doado, com proporções maiores em relação ao anterior;

— Que o terreno doado fosse exclusivamente propriedade da *Associação Hospitalar de Caridade de Hammonia* e que de maneira nenhuma poderia ser vendido ou trocado pela mesma.

— O Dr. Aldinger ficaria com a garantia de ter acesso aos fundos do terreno, que era de sua propriedade.

Coube, assim, à Sociedade Hospitalar, a tarefa de dividir a responsabilidade da construção do novo hospital. No entanto, a maior parte coube a Peter Schelle, pois ele era o construtor, ou o chefe de obras. O arquiteto da construção foi Simão Gramlich.

O grande problema, na época, era a constante troca de médicos. Não foi fácil para os profissionais da saúde atuarem no interior de uma colônia com precárias condições de trabalho. Neste panorama, entre a necessidade da construção de um hospital que realmente atendesse às necessidades do povo e a mudança constante do corpo clínico já evidenciado, surgiu a figura do Dr. Friedrich Kröner.

O Dr. Kröner veio a Ibirama no dia 30 de março de 1933. Ele veio com determinação e pulso firme para dar rumo ao frágil empreendimento em construir um moderno hospital. O próprio Dr. Kröner descreveu o início ousado do projeto: “Minha mulher e eu começamos a planejar um hospital para 100 leitos que sob todo ponto de vista atendesse às exigências médicas, um projeto que para muitos moradores de Hammonia parecia utopia e que os colonos do interior nem sequer conseguiam imaginar. A construção foi iniciada. Quando surgiram as dificuldades financeiras, muitos “lavaram as mãos”, pois isto era simples, já que o dinheiro havia terminado.”²⁹

Na hora das dificuldades, principalmente, nas relacionadas com as finanças, Peter Schelle, prontamente, dizia: “Juntos construímos a

²⁹ IDEKER, Walter. *Bodas de diamante de Peter Schelle*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997, p. 41.

escola, a casa paroquial, erguemos a igreja, construimos a ponte sobre o Rio Hercílio e juntos também vamos terminar a construção do hospital.”³⁰

Muito tempo depois da saída do Dr. Kröner de Hammonia, do Rio de Janeiro, o médico empreendedor enviou para Walter Ideker suas recordações dos tempos em que trabalhou na região. Particularmente, aqui, transcreve-se excerto referente à sua vinda, bem como as primeiras dificuldades em relação à construção do Hospital *Hansaboebe*.

Quando chegamos a Hammonia, em 30 de março de 1933, o mundo andava conturbado, e o tempo em Hammonia tempestuoso, pois havia enchente e era aconselhável o uso de botas para sair do Hotel Becker. Mas a Sociedade Hospitalar também passava por dificuldades e sem previsão de mudanças. (...) Os senhores da Sociedade Hospitalar não conseguiram administrar as contas. No entanto, as senhoras da Associação de Caridade e Hospital Hammonia, como era chamada oficialmente esta instituição, tentavam manter o que na realidade já não lhes pertencia, pois as dívidas haviam ultrapassado o valor real da mesma. Deste modo dever-se-ia liquidar a massa falimentar, pois sempre quando perguntava a alguém o que ocasionou tal situação e pedia conselho de como dar um novo rumo ao hospital, recebia a mesma resposta: o interlocutor não tinha culpa da situação e haviam sido feitas propostas que não foram aceitas, deste modo afastou-se, deixando para os outros resolverem.

Após ter-me informado com os moradores de Hammonia, e me refiro a todos, desde o mais ilustre ao “gringo”, e este como eu, havia recém chegado da Europa, ninguém foi capaz de dizer o porquê da situação e como poderíamos reerguer o hospital. Eu mesmo tive que fazê-lo, embora tenha vindo para curar pessoas. [sem grifo no original] Mas desde o início, meu trabalho não foi visto com bons olhos, pois o primeiro

³⁰ IDEKER, Walter. *Bodas de diamante de Peter Schelle*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997, p. 41.

paciente morreu, o segundo não melhorou e o terceiro também faleceu.³¹

Quando o Dr. Kröner chegou, pelas situações já narradas, ele não estava convicto em permanecer em Hammonia. Então apareceu a figura de Peter Schelle. Na citação a seguir, observa-se o primeiro encontro narrado pelo próprio médico:

Eu estava lá em Hammonia há 14 dias e neste momento de profunda depressão veio um homem, para quem tive a impressão de que poderia falar das minhas aflições. Por sua expressão preocupada, deduzi que sua vida não era um mar de rosas, pois todos já haviam me dito que ele era o único “culpado” da situação em que se encontrava a construção que orgulhosamente se denominava de Hospital Hammonia. Não imaginei que ele pudesse me ajudar, ainda mais que sua aparência era frágil, pois já naquela época era chamado de “Velho Schelle”.

Queixei-me que havia sido persuadido por colegas e pessoas que ostentavam títulos, inclusive um diretor, para que viesse clinicar aqui e na opinião deles até fazer cirurgias, mas não havia encontrado sequer condições materiais para isto.³²

Nas entrelinhas do texto abaixo do Dr. Kröner, percebem-se costumes da época e como a vida passava em Hammonia e a idéia de construir o novo hospital.

Sr. Schelle e eu sentamos num banco perto do portão do jardim da velha casa. Este também era usado pelos colonos para amarrarem seus cavalos, por falta de coisa melhor. Então contavam qual doença o curandeiro, o farmacêutico e a Sra. Strese encontraram em sua mulher e que agora gostariam de um novo remédio, pois os outros não adiantaram nada. Em meio de crendices populares, desconfiança dos colonos em

³¹ IDEKER, Walter. *Bodas de diamante de Peter Schelle*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997, p. 37.

³² IDEKER, Walter. *Bodas de diamante de Peter Schelle*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997, p. 38-39.

relação ao doutor, arrastar de patas de cavalo e cheiro de tangerinas, expus ao “Velho Schelle” minhas preocupações e lamentei que não pudesse me responsabilizar em atender pacientes e operá-los nestas condições. Melhor seria construir num lugar onde tivessem mais chance, do que manter a idéia em mudar as atuais condições, ainda mais que as classes dirigentes de Hammonia não compreendiam a necessidade de melhoria, pois para elas seria menos oneroso e estafante ir a Blumenau do que se empenhar num novo empreendimento. [sem grifo no original].

Apesar do pessimismo do Dr. Kröner e as dificuldades expostas, a população de Hammonia e região contribuiu significativamente para que o sonho da construção do novo hospital se tornasse realidade. De um folheto apócrifo, s/d, ligado à Associação Hospitalar, transcreve-se excerto para a confirmação do exposto:

Desde a fundação da Sociedade Hospitalar, entraram nos cofres da mesma, verba que vieram da população, todas estas para fins de uma futura construção de um novo e grande Hospital. No decorrer dos tempos, cresceram estas ofertas, até enormes somas. Grandes ofertas de dinheiro foram dadas, no dia da colocação da pedra de canto, festa da cobertura e na inauguração, do qual o Livro de ouro dos doadores é testemunho. Além destas ofertas em dinheiro, a população de Ibirama no tempo da construção, se dedicou ao máximo de auxílio possível, ajudando com material de construção, tijolos, telhas, instalações internas, roupas, etc, etc.

Carroças e cavalos estiveram à disposição constante. E assim sendo, pode-se dizer sem exagero que o hospital de Hamônia foi construído com sacrifício da população local.

Além do auxílio das pessoas da comunidade, houve doações significativas de entidades e pessoas. Eis a relação: *Volksbund für das Deutschtum im Ausland*, Pastor Dr. Paul Aldinger, Sociedade Colonizadora

Hanseática, *Weltvereinbund Deutschprechender Katoliken Neu Breslau, Schulverband Santa Catarina und Kreisleitung*, Escola Neu Berlin, Padre Aloísio Kampmann e C. Tillmann. Da OASE (Associação das Senhoras Evangélicas), o hospital recebeu as roupas de cama, mesa e banho, talheres e louças.

A pedra fundamental do novo hospital, denominado de *Hospital Hansaboehe* (Altos da Hansa)³³, foi lançada no dia 12 de maio de 1935. O Hospital foi concluído após 18 meses e foi construído num terreno de 27.000m². Portanto, em 20 de setembro de 1936 foi concluída a construção do *Hospital*, de aproximadamente 3500m². O novo prédio era o mais belo e imponente hospital do Médio e Alto Vale do Itajaí.

Com referência a Peter Schelle, é preciso ainda dizer que ele “era solicitado para construir, não só em Ibirama, mas em Blumenau e em todo o Estado de Santa Catarina. Ainda hoje encontramos igrejas, escolas, hospitais, fábricas e moradias por ele edificadas. No entanto, a mais importante obra de sua vida foi o Hospital Hansaboehe.”³⁴

No final do ano de 1935, Hammonia possuía os seguintes profissionais da saúde: Médico – Dr. Friedrich Kroener; Farmacêuticos – Dr. Ivo Muller e Adolpho Friedrich; Dentistas – Gustavo Goeden (Hammonia), Arthur Largura (Hammonia e Nova Berlim), Eduardo Maenich (Nova Breslau) e Reinhardt Ettl (Gustavo Richard).

No dia 13 de outubro de 1936, pela Lei Municipal n. 16, o Prefeito Municipal Rodolpho Koffke foi autorizado pela Câmara Municipal de Vereadores a adquirir por compra, por 15:000\$000 (quinze contos de réis) o prédio antigo pertencente à Associação de Caridade Hospital de Hammonia, para ser instalada a cadeia pública da Comarca de Ibirama.

³³ A atribuição do nome *Hansaboehe* ao hospital de Hammonia coube ao seu idealizador Dr. Friedrich Kröner.

³⁴ IDEKER, Walter. *Bodas de diamante de Peter Schelle*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997, p. 35. O artigo de Walter Ideker *Bodas de Diamante de Peter Schelle* foi, inicialmente, publicado no Almanaque Wille, 1965.

A reunião dos vereadores aconteceu no dia 8 de outubro de 1936. Pouco tempo depois, em 29 de outubro do mesmo ano, o patrimônio da Associação Hospitalar de Caridade foi transferido ao patrimônio do município, este por sua vez transferiu-o ao Estado de Santa Catarina, servindo de cadeia pública, moradia do carcereiro e policiais. Mais tarde, o histórico prédio enxaimel de dois pavimentos foi demolido para dar lugar à construção da cadeia pública.

Por motivos políticos, no dia 24 de maio de 1938, o Prefeito Municipal de Hamônia, Rodolpho Koffke, em correspondência dirigida ao Presidente da Associação da Caridade Hospital Hamônia, ordenou que fosse substituída a denominação *Hospital Hansaboebe* para Hospital Hamônia, em função da Campanha de Nacionalização que estava em pleno vigor.³⁵ Esta providência teria que ser tomada, pelo presidente da Associação, até o dia 29 de maio, dia da presença de altas autoridades civis e militares estaduais e federais em Hamônia, inclusive o Interventor Federal em Santa Catarina, devido à inauguração do Grupo Escolar Eliseu Guilherme programada para esta data.

Evidentemente, o hospital não recebeu essa denominação. O novo nome adotado foi Hospital e Maternidade Miguel Couto.

Na data marcada, dia 29 de maio de 1938, foi inaugurado o Grupo Escolar Eliseu Guilherme. Na oportunidade, veio o Interventor Federal Dr. Nereu Ramos; o General de Brigada José Meira de Vasconcellos; Dr. Ivo de Aquino, Secretário da Educação e outras autoridades constituídas da época. Hugo Bethlem, que também esteve presente, descreveu assim o Hospital *Hansaboebe*:

É este aliás o contraste mais chocante e impressionante, que assalta o viajante desprovido. Em pleno vale, longe do ambiente civilizado, pois Hamônia está muito aquém de Blumenau, numa cidadela de poucas almas, de ruas de barro, de aspecto à primeira vista tosco, ver-se um hospital

³⁵ Arquivo Histórico de Ibirama.

extraordinariamente rico, em que o automóvel vai por uma estrada de cimento armado até o quinto andar, onde tudo que a técnica moderna possui ao serviço da ciência médica, existe.³⁶

No ano de 1941, de acordo com o Guia do Estado de Santa Catarina, Hamônia possuía três médicos: Dr. Friedrich Kroener, Dr. Fernandes Maugy e Dr. Paulo Carvalho. O Dr. Paulo Carvalho atendia na localidade de Presidente Getúlio.

Em 8 de junho de 1941, o então Interventor Federal em Santa Catarina, Dr. Nereu Ramos, visitou as dependências do Hospital Hansahoehe. E em 27 de fevereiro de 1942, o Governo do Estado decretou a intervenção no hospital indicando como interventor o Dr. Vítor Mendes, Major-médico da Polícia Militar. No dia 19 de junho de mesmo ano, o patrimônio (prédio e terreno) foi confiscado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, através do Decreto nº 2459. Eis o teor:

DECRETO N. 2.459

O Doutor Nereu Ramos, Interventor Federal no Estado de Santa Catarina, no uso de suas atribuições que lhe confere o art. 6º e com fundamento no art. 5º, letras *a* e *b* do decreto-lei federal n. 3.365, de 21 de junho de 1941,

DECRETA:

Art. 1º — São declarados de utilidade pública pela Fazenda do Estado, nos termos do art. 10º do decreto-lei federal n. 3.365, de 21 de junho de 1941:

a) — o terreno e respectivas benfeitorias, pertencentes a “Associação e Hospital de Caridade em Hamônia” e situados nessa cidade, com as confrontações constantes da escritura lavrada em 30 de junho de 1935, pela qual Paul Aldinger doou aquele imóvel à referida associação.

b) — o edifício do hospital e seus acessórios, pertencentes

³⁶ BETHLEM, Hugo. Vale do Itajaí. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1939, p. 205.

a mesma associação e situados no referido terreno, com as seguintes características: alvenaria de tijolos, cinco pavimentos e área edificada de 1.000m².

Art. 2º _ Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governo, em Florianópolis, 19 de junho de 1942.

Nereu Ramos

Ivo d'Aquino

Altamiro Guimarães

Antônio Carlos Mourão Ratton

Artur Costa Filho

Depois de sua dedicação e esforço, o povo de Hamônia viu o seu trabalho cair em mãos alheias. O Dr. Friedrich Kroener³⁷ foi obrigado a deixar o Hospital e foi para o Rio de Janeiro. Lá, tornou-se proprietário do hospital *Casa de Santa Catarina*.

A Associação Hospital de Caridade em Hammonia manteve o hospital durante trinta anos, durante os quais construiu, mesmo com todas as dificuldades, mas com a ajuda da população, dois prédios de grande porte.

Em 27 de setembro de 1942, em Assembléia Geral Extraordinária, a Associação deliberou com 81 sócios presentes, a doação do Estado de Santa Catarina, de todos os acessórios e demais pertences do Hospital, uma vez que não havia mais razão de continuar a manter e administrar um patrimônio que fora desapropriado.

O hospital foi transformado em sanatório estadual para tuberculosos. A instalação do sanatório foi justificada, pelos políticos e

³⁷ O Dr. Kroener faleceu no Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1985. Seu corpo jaz no Cemitério São João Batista. Escreveu a obra *“Das Hospital auf den Palmenhof”* (O Hospital no Horto das Palmeiras). Deste livro, extraiu-se a seguinte citação: *“Im Frieden und im Krieg/ Behält Einigkeit den Sieg.”* (Vence a união em tudo o que se faz/ Seja na guerra ou na paz).

médicos da época, em razão do clima saudável existente em Ibirama. O ar puro vindo das montanhas era uma perspectiva de cura para muitos pacientes, que de perto e de longe vieram à procura do restabelecimento de sua saúde.

No final da década de 50, de acordo com o Dr. Balsini, “o Hospital Miguel Couto possuía capacidade para 90 leitos, raios X, laboratório de pesquisas, ondas curtas, choques elétricos, pneumotórax, jacobeus, sala de partos, aparelho elétrico para secreções e sala de operações com abundante material cirúrgico.”³⁸

Em função dos problemas havidos e descritos, no dia 23 de março de 1958, a pedido da maioria dos associados, foi alterado, em Assembléia Geral Extraordinária, a denominação da Associação, que passou, então, a chamar-se *Associação de Caridade e Hospital Ibirama*. Na oportunidade, também, foram modificados os estatutos. A diretoria foi composta pelas seguintes personalidades: Franz Blohm, Frederico Schmidt, Martin Ganal, Alfredo Wegner, Hermann Koepsel e Otto Herweg. Na mesma Assembléia, Peter Schelle foi proclamado Presidente de Honra, pelos seus serviços relevantes prestados à Associação e ao hospital.

Para que as mudanças pudessem ser conseguidas com respaldo legal, no dia 22 de março, um dia antes da Assembléia, foi redigida e registrada em cartório, uma Declaração, que bem traduzia as aspirações e as necessidades da época. Eis o referido texto:

³⁸ BALSINI, AFONSO. *Obras assistenciais*. In: Centenário de Blumenau. Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 310.

DECLARAÇÃO

Nós, Peter Schelle, alemão, casado, lavrador³⁹; Hermann Koepsel, brasileiro, viúvo, comerciante; Adolfo Frankowia, brasileiro, casado, lavrador, todos residentes e domiciliados no Município de Ibirama, Estado de Santa Catarina, sócios fundadores da “Associação de Caridade e Hospital Hamônia”, considerando que a sociedade referida deseja retomar novamente a antiga atividade após estar adormecida há anos, considerando que fatores anormais fizeram desaparecer todos os livros existentes então, considerando que se faz necessário uma relação dos sócios antigos, para que em obediência às disposições estatutárias se proceda à reorganização e reforma estatutária e sendo os abaixo assinados fundadores e conhecedores da vida social da associação, para preencher aquela lacuna, nesta ou na melhor forma de Direito e para todos os fins a que se servir,

DECLARAMOS:

Que a sociedade foi fundada legalmente no dia 25 de julho de 1911⁴⁰, data em que começaram as atividades e vida da associação.

Que são os seguintes sócios hoje ainda existentes, fundadores, beneméritos e outros sócios, todos tendo desenvolvido atividades enquanto a associação se encontrava desperta e que desejam ver atualizada e reerguida a antiga sociedade: Emil Bahr; Eduardo Schifter; Emil Dietrichkeit; Marcus Ganal, Fritz Schmidt; Willy Egerland; Hermann Wegner; Rudolf Koffke; Artur Krambeck; Walter Grahl; Rudof Fromm; Walter Ideker; Erich Jost; Artur Schifter; Ibá Goitacazes dos Reis; Henrique Hardt; Henrique Machota; Siegfried Reiner; José Prachthäuser; Johann Wortmeyer; Carl

³⁹ Mesmo como exímio construtor, a profissão de Peter Schelle, neste documento, consta como lavrador. Quando Schelle veio a Hammonia, estabeleceu-se como lavrador na localidade de Rio Rafael.

⁴⁰ De acordo com o Jornal *Der Hansabote*, a fundação da Associação ocorreu no dia 23 de julho de 1911. É possível que a data constante na Declaração seja a data do início das atividades propriamente ditas, como o documenta também evidencia.

Baucke; Mansueto Isolani; Adolfo Fiedler; Hermann Radloff; Paul Siegle; Otto Herweg; Georg Zimmer; Johann Schmidt; Hermann Hergert; Bruno Schacht; Hermann Stoll; Paulo Bertold; Paul Niessner; Ingo Metzger; Alfredo Koepsel; Oscar Koepsel; Alfredo Brodwolf; Carlos Schlegel; Willy Radloff; Carlos Weidmann e Alfredo Radloff.

Todos os nomes acima transcritos são de sócios e por ser verdade, e para que em qualquer época produza seus jurídicos e legais efeitos, mandamos datilografar esta Declaração, por nós assinada, juntamente com testemunhas que por tudo conhecerem, põem suas assinaturas, Ibirama, vinte e dois de março do ano de mil novecentos e cinqüenta e oito.

(Assinaturas)

O desejo da devolução do hospital para a comunidade ibiramense sempre foi a bandeira de muitas pessoas. Assim, no ano de 1959, em requerimento dirigido a Heriberto Hülse, então Governador do Estado de Santa Catarina, pediu-se o retorno de seu patrimônio. A pretensão, no entanto, foi indeferida. O governador, entre outras considerações, no seu despacho, datado em 19 de setembro de 1959, de acordo com o ofício nº 301.453, de 17 de novembro do mesmo ano, da Secretaria da Saúde, assim determinou: “No processo de desapropriação foram os bens avaliados e, paga a indenização, passou o referido nosocômio ao patrimônio do Estado, sob a denominação de Hospital Miguel Couto. Esse estabelecimento vem prestando relevantes serviços à coletividade, pois o seu objetivo é de socorrer e tratar gratuitamente os enfermos sem recursos.”

As tentativas de restituição do patrimônio do Hospital junto ao Governo Estadual continuaram. Em 15 de setembro de 1960, Franz Blohm, então presidente da Associação, dirigiu carta ao candidato a Governador Celso Ramos, pedindo, caso eleito fosse, a devolução do hospital ao povo de Ibirama. As palavras do Blohm foram as seguintes: “Entendo que o Estado de Santa Catarina deve entregar à Sociedade Hospitalar de Ibirama o Hospital Miguel Couto. Esta medida, que é de justiça, se impõe, sobretudo,

pelo fato de que o hospital é o resultado das contribuições e dos esforços do povo de Ibirama.”⁴¹ Celso Ramos, em resposta, afirmou o seguinte: “Eleito Governador, e eu espero sê-lo, quero ter a honra, para mim imensa, de devolver a Ibirama, por intermédio da Sociedade Hospitalar Hamônia, a propriedade e a *administração do Hospital Miguel Couto*.”⁴² Todavia, sabe-se que Celso Ramos foi eleito Governador e que o hospital não foi devolvido.

Enquanto que a devolução do Hospital não acontecia, o povo ibiramense continuava a luta pela reconquista de sua antiga propriedade. Num folheto apócrifo e sem data, encontra-se o seguinte enunciado:

O interesse atual da população de Ibirama no “Hospital Miguel Couto” poderá ser explicado em poucas palavras: o povo ibiramense quer que aquele Hospital, que foi construído com recursos próprios, esteja aberto para o atendimento médico hospitalar para toda a região. O povo deseja que o Hospital não seja transformado em um sanatório de tuberculose e que o chefe Médico do Hospital seja instalado por contrato por longo período, sem influências políticas e que seja escolhido de acordo conforme a entidade, que representa o povo. Esta é a compreensão unânime da população de Ibirama.

No ano de 1972, o Hospital Miguel Couto passou a fazer parte da Fundação Hospitalar de Santa Catarina. A partir de então, o hospital passou para a categoria de hospital público. Este acontecimento marcou uma importante conquista para a saúde de Ibirama e região. Na época, o nosocômio tinha 82 leitos.

Em 6 de janeiro de 1974, em Assembléia Geral Ordinária, foi eleita a seguinte Diretoria da Associação: Presidente – Carlos Pabst; Vice-Presidente – Franz Blohm; 1º Secretário – Alfredo Wegner; 2º Secretário – Herbert Radloff; 1º Tesoureiro – Alfredo Staudinger e 2º Tesoureiro –

⁴¹ Extraído do folheto *O legado dos primeiros pioneiros e desbravadores da antiga Colônia Hansa Hamônia aos seus descendentes e toda a população de Ibirama e do Vale do Itajaí do Norte*. 1985.

⁴² Idem, *Ibidem*.

Guido Bahr. Para o Conselho Fiscal, foram eleitos os seguintes membros: Carlos Weidmann, Hermann Schlup, Martin Schmoelz e Edgar Gollnick.

Em 16 de outubro de 1983, também em Assembléia Geral Extraordinária, foram eleitos para o quadriênio 1983/87, os seguintes membros para comporem a Diretoria: Presidente: Sigolf Radloff; Vice-Presidente – Carlos Pabst; 1º Secretário – Egon Flores; 2º Secretário – Ehrfriedo Staudinger; 1º Tesoureiro – Wilfried Kindlein e 2º Tesoureiro – Curt Ernesto Leonhardt. O Conselho Fiscal ficou assim constituído: Pedro Wigggenhauser, Fritz Jaeger, Quirino Cristóvão da Silva, Alcides Bertelli, Bertoldo Larsen e Jacy Simão.

Mesmo confiscado, o hospital continuou a servir à população até 20 de setembro de 1986, sob o comando do Governo do Estado de Santa Catarina, quando o prédio foi efetivamente devolvido aos ibiramenses. Todavia, o nosocômio foi desativado em função da inauguração do novo prédio hospitalar, na mesma data.

Durante a existência do hospital, ali, trabalharam os seguintes médicos: Dr. Friedrich Kroener, Dr. Ávila, Dr. Aragão, Dr. Ruttner, Dr. Mayr, Dr. Waldomiro Colautti, Dr. Xavier, Dra. Maria da Graça Magalhães, Dr. Mendes, Dr. Romada, Dr. Luiz Ingleto, Dr. Ibsen, Dr. Luiz Martin, Dr. Hipólito, Dr. Rivadávia, Dr. Ronaldo Libório Magalhães, Dr. Paulo Lopes e Dr. Borba.



Hospital Miguel Couto (Hansahoche) – construído em 1936.

A ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE E FILANTRÓPICA HAMÔNIA

A Associação Beneficente e Filantrópica Hamônia é a sucessora da Associação de Caridade e Hospital de Hamônia. A partir da devolução do Hospital Miguel Couto, em 20 de setembro de 1986, a nova Associação iniciou um trabalho para a conservação e a restauração interna e externa do prédio. Os dirigentes da Associação esforçaram-se sobremaneira, com o auxílio e o apoio da comunidade e do Governo do Estado para transformar o imponente prédio num centro cultural e esportivo.

No dia da devolução do antigo hospital, Victor Kumrow recebeu a medalha Anita Garibaldi pelos serviços prestados a Ibirama e ao Estado de Santa Catarina, como co-construtor do prédio. Foram, ainda, entregues dezenas de diplomas a pessoas idosas que colaboraram na construção do Hansahoehe. A devolução do antigo prédio causou verdadeira euforia entre a população de Ibirama, pois depois de tanto tempo, recebeu de volta o que era seu de direito.

Algum tempo depois, numa cerimônia formal, nas dependências do *Hansahoehe*, mais precisamente, no auditório Dr. Friedrich Kröner, o Dr. Dieter Kröner, filho o idealizador, em seu discurso, assim se manifestou: “*Se meu pai ainda estivesse vivo jamais entenderia que as dependências desse prédio pudessem servir a outras coisas, senão à saúde.*” Para ele, teria sido difícil compreender tamanha mudança.

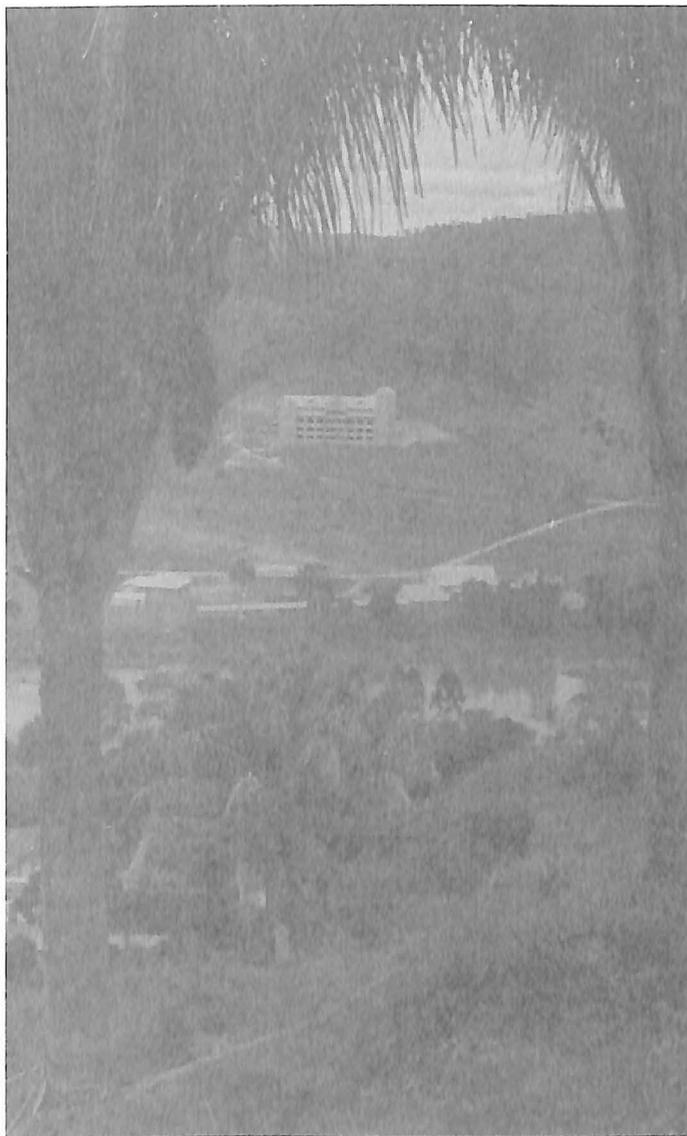
A Associação Beneficente e Filantrópica Hamônia restaurou integralmente o prédio do antigo hospital. No dia 20 de setembro de 1996, aconteceu a inauguração. Na mesma data, aquele monumento lindo e majestoso, como fora em outra época, recebeu novamente seu nome original: *Hansahoehe*. Para que a restauração chegasse a bom êxito, muitas pessoas e entidades se empenharam decisivamente. Todavia, coube a Ingo Boehm a responsabilidade maior, por ter sido o presidente da Associação na época e batalhador incansável em prol das questões comunitárias.

Hoje, no ano da realização da pesquisa, concentram-se e funcionam na sede da Associação os seguintes grupos e associações: um Grupo Folclórico Germânico; um grupo de Teatro “Enigma Teatro & Cia”; o Museu Municipal Eduardo de Lima e Silva Hoerhan; o Museu Memórias de Ibirama, que ocupa o espaço do corredor de acesso com telas pintadas pela artista plástica Suely Beduschi, retratando a arquitetura do município. Detalham ainda o relevo do lugar e a cultura do povo ibiramense. Há, ainda, o Museu do Centenário de Ibirama; o Museu da Igreja Católica; o Acervo da Farmácia Müller; a Sala de Acervo Hermann Baumann; o Acervo Fotográfico; a Escola de Música; Corais; os Escoteiros; a Escola de Línguas; a GEREI (Gerência Regional de Educação); o Grupo à Procura da Paz (A. A.); a Academia de Aeróbica; a ACADEMA; a Sala de Projeções Cinematográficas e o Auditório; IBIART – Instituto de Arte e Cultura de Ibirama e uma Clínica Médica com consultórios de diversas áreas da medicina. Possui, ainda, salão de festas com a realização constante de eventos culturais. O artesanato dos índios da Área Indígena Ibirama também pode ser visto e apreciado.

No museu há uma mesa redonda que foi construída no ano de 1917. Chama a atenção dos turistas e mesmo ao povo do lugar. Os pregos pequenos e grandes existentes em sua superfície identificam o valor da contribuição dos moradores. O total arrecadado foi de 560 mil reis. O dinheiro foi encaminhado para os flagelados alemães da 1ª Guerra Mundial. Em determinada época, durante a 2ª Guerra o Exército Brasileiro foi de casa em casa em busca da mesa por acreditar que era um instrumento do nazismo. Por isso ficou escondida por um longo tempo.

Há de se ressaltar que, graças ao apoio recebido da comunidade ibiramense e também daqueles que se dedicaram e dedicam diuturna e voluntariamente a esta causa, é que hoje funcionam os mais diversos grupos culturais, sociais e esportivos, sem qualquer tipo de distinção político-social-religiosa.

O prédio *Hansaboehle* se destaca pela arquitetura imponente para a época e até mesmo para os dias de hoje. Do alto de onde foi edificado, é possível admirar a belíssima paisagem de parte da área central da cidade de Ibirama, cortada pelo Rio Hercílio, com as suas corredeiras.



Vista do prédio Hansahoehe do alto da colina

O HOSPITAL MIGUEL COUTO

No dia 20 de setembro de 1986, foi inaugurado o novo Hospital Miguel Couto, de Ibirama, com a presença do Governador do Estado de Santa Catarina, Esperidião Amin Helou Filho. Muitas autoridades e populares prestigiaram a cerimônia. Na solenidade de inauguração, também aconteceu a devolução do prédio do antigo Hospital Miguel Couto à comunidade ibiramense, por meio de escritura pública.

O novo hospital está situado no topo de uma colina, num lugar tranqüilo e aconchegante, em um terreno de 9.753m², com um total de 5.259m² de área construída, na época da inauguração. Até o momento atual, o Miguel Couto recebeu várias ampliações.

Em 20 de setembro de 2006, durante o evento comemorativo dos 20 anos de existência do hospital, foi inaugurada a Galeria dos Diretores do Hospital. A galeria foi inaugurada pelo Dr. José Carlos dos Santos. Foram homenageados: Dr. Luiz Ingleto, Dr. Ronaldo Libório Magalhães⁴³, Dr. Waldomiro Colautti, Dra. Maria da Graça de Souza Feijó e Dr. Paulo Roberto Lopes.

Quadro dos Diretores do Hospital Miguel Couto

NOMES DOS DIRETORES	PERÍODO DE ATUAÇÃO
Dr. Luiz Ingleto	De 20/09/1986 a 27/08/1987
Dr. Ronaldo Libório Magalhães	De 28/08/1987 a 22/05/1991
Dr. Waldomiro Colautti	De 23/05/1991 a 20/12/1994
Dra. Maria da Graça Souza Feijó	De 19/01/1995 a 15/12/1998
Dr. Paulo Roberto Lopes	De 17/02/1999 a 30/12/2002
Dr. José Carlos dos Santos	De 01/01/2003 a

Fonte: Jornal Vale do Norte, 23 a 29 de setembro de 2006.

⁴³ Ronaldo Libório Magalhães, o primeiro médico pediatra de Ibirama, no dia 20 de novembro de 2006, no Teatro Álvaro de Carvalho – TAC – em Florianópolis, recebeu a Medalha de Mérito Funcional Alice Guilhon Petrelli, devido às ações desenvolvidas pelo profissional terem ultrapassado a atuação tradicional de seus deveres funcionais. O Dr. Ronaldo atua em Ibirama há mais de 20 anos.

Na época da realização da pesquisa, em meados de 2006, a diretoria do hospital era a seguinte: Diretor Geral – Dr. José Carlos dos Santos, Gerente de Enfermagem - Enfermeira Maria Beber Fronza e Gerente Administrativa e Financeira – Izabel Petersen.

Desde o dia 1º de novembro de 1989, o hospital passou a ser gerenciado pela Secretaria de Estado da Saúde. Em 2006, o Hospital Miguel Couto contava com 100 leitos em uso, 179 funcionários, entre médicos enfermeiros técnicos em enfermagem, auxiliares em enfermagem, agentes administrativos, agentes de serviços gerais, caldeireiros e motoristas.

Atualmente, o objetivo do Hospital Miguel Couto é o seguinte: Propiciar bem-estar ao ser humano através de serviços hospitalares de média complexidade, objetivando a prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e quando possível a reinclusão social do usuário/cidadão.

Os pacientes do hospital são pessoas de ambos os sexos de todas as faixas etárias e classes sociais sem limites geográficos de abrangência. São provenientes do SUS, de empresas de seguros de saúde e pessoas físicas, de forma geral, que necessitam de serviços hospitalares.

Assim, a maioria dos pacientes é oriunda de: Apiúna, Acurra, Benedito Novo, Blumenau, Dona Emma, Ibirama, Indaial, José Boiteux, Lontras, Presidente Getúlio, Rio do Oeste, Rio do Sul, Rodeio, Timbó, Vítor Meireles e Witmarsum. Há, ainda, o atendimento a pacientes, em número mais reduzido, provenientes dos mais diversos municípios do Estado de Santa Catarina.

Em se falando da missão do hospital, é mister registrar que se trata de promover com resolutividade o bem estar através de ações técnicas específicas, éticas, humanizadas e através de um fluxo ordenado de atendimento, voltados para a saúde em consonância com a legislação vigente no país.

Atualmente, as especialidades do Hospital Miguel Couto são: anestesiologia, cardiologia, clínica médica, cirurgia geral, clínica geral,

ginecologia e obstetrícia, pediatria, urologia, oftalmologia, ortopedia e traumatologia. O hospital, ainda, presta grande número de serviços de apoio, tais como: agência transfusional de sangue, radiodiagnóstico, eletrocardiologia, centro cirúrgico, comissão de controle de infecção hospitalar, centro de estudos, comissão de biosegurança, desenvolvimento e capacitação e RH, Associação das voluntárias, nutrição, fisioterapia e serviço social.

Em 2002, o Hospital Miguel Couto de Ibirama recebeu o Prêmio de Qualidade Hospitalar do Ministério da Saúde. Esta avaliação foi realizada pelos pacientes e usuários do SUS através de cartas e entrevistas, na própria instituição.

O Hospital Miguel Couto, desde o início de sua existência, foi referência local e regional no que se refere a procedimentos de promoção de saúde de média complexidade.

REFERÊNCIAS

Arquivo Histórico de Ibirama.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ibirama: municípios catarinenses em cadernos, 1904-1990, Florianópolis, 2006.

BALSINI, AFONSO. *Obras assistenciais*. In: Centenário de Blumenau. Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 310.

BETHLEM, Hugo. *Vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1939, p. 205.

Comunidade Evangélica de Ibirama. Tipografia e Livraria Blumenauense, 1954.

CUNHA, Roseli. *Colonização de José Boiteux*. Itajaí: Editora da Univali, 2003, p. 65.

DEEKE, José. *A Colonização da Região do Itajaí*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, Fundação "Casa Dr. Blumenau", fevereiro, 1988.

DER HANSABOTE, abril, 1905.

DER HANSABOTE, agosto, 1911.

GOSSOW, Willy. *Die Grosse Reise*. Inédito, (cópia xerografada) 1973.

IDEKER, Walter. *Bodas de diamante de Peter Schelle*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997.

LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e impressões no sul do Brasil*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, novembro, 1997.

O legado dos primeiros pioneiros e desbravadores da antiga Colônia Hansa Hamônia aos seus descendentes e toda a população de Ibirama e do Vale do Itajaí do Norte, 1985. (avulso).

PABST, Carlos. *Hansa Hamônia*. Apostila, s/d.

WIESE, Harry. *Terra da fartura: história da colonização de Ibirama*. Ibirama: Edigrave, 2007.

WILLE, Otto. *Minha imigração para Hansa-Hammonia – hoje Ibirama*. In: Blumenau em Cadernos, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1994, p. 141.

<http://geocities.yahoo.com.br/antoniogemballa/avoquenaconheci>. Acesso em 30/12/04.



Homenagens do botânico
Frederico Carlos Hoehne ao naturalista
FRITZ MÜLLER

HOMENAGENS DO BOTÂNICO FREDERICO CARLOS HOEHNE AO NATURALISTA FRITZ MÜLLER

Fritz Müller o cientista consumado, que no trabalho árduo do campo, na labuta quotidiana, encontra lazer para observar, para ler as páginas vivas da natureza. [1940]

Com pequenos recursos realizou ... o que a maioria dos naturalistas não consegue fazer com muitos e bons. [1941]

Frederico Carlos Hoehne

Luiz Roberto Fontes¹
Elisabete Aparecida Lopes²

Frederico Carlos Hoehne³ (1882-1959) nasceu em Juiz de Fora-MG. Era filho de imigrantes alemães e desde criança se interessou pela botânica, inicialmente cultivando e estudando orquídeas, que, com o pai, também comercializava para garantir o sustento da família. Formado no curso secundário, sem curso superior, foi um destacado botânico autodidata, que ao longo de toda a sua vida empreendeu estudos taxonômicos, biogeográficos e ecológicos sobre a nossa flora nativa. Foi também um grande administrador e fundador do Instituto de Botânica de São Paulo, onde exerceu o cargo de primeiro Diretor, de 1942 a 1952, quando se aposentou aos 70 anos. Sua gestão na direção do Instituto foi marcada, entre outras características de sua competência tanto científica

¹ Entomólogo especializado em cupins - Rua Loefgren, 1543, apto. 104 - 04040-032 São Paulo, SP – BRASIL - e-mail: lrfontes@uol.com.br

² Pesquisadora Científica - Instituto de Botânica – Curadoria do Herbário - Caixa Postal 3005 - 01061-970 São Paulo, SP – BRASIL - e-mail: vjelopes@yahoo.com.br

³ Informações biográficas se encontram no artigo: Franco, J.L.A. & Drummond, J.A., 2005. Frederico Carlos Hoehne: a atualidade de um pioneiro no campo da proteção à natureza no Brasil. *Ambiente & Sociedade* 8 (1): 141-166.

como administrativa, por uma peculiaridade: além de detalhar os fatos administrativos, educativos e científicos da instituição em relatórios publicados anualmente, Hoehne permeava os seus relatos botânicos, em outras publicações da instituição, seriadas ou avulsas, de informações variadas, com ricas impressões de pessoas, viagens e paisagens urbanas da época. Seus relatos, portanto, compõem uma fonte para o estudo histórico dos locais por ele visitados e das personalidades que tiveram o privilégio de o conhecer.

Além de notável contribuição ao conhecimento e conservação da natureza e da flora nacionais, sob diversos aspectos, Hoehne se preocupou com a memória da pesquisa botânica em nosso país. Em todas as suas obras e atividades como botânico, buscou Hoehne apresentar informações de interesse histórico, por ele coligidas em viagens ou auferidas de seu vasto conhecimento. Um nome por ele lembrado e elevado à categoria dos grandes botânicos de nosso país foi justamente Fritz Müller⁴ (1822-1897), um naturalista reverenciado na ciência mundial, por seu pioneirismo ao publicar em 1864 o *Für Darwin*, primeiro livro a testar no campo as proposições de Charles Darwin sobre a evolução das espécies. Fritz Müller, imigrante alemão de excelente formação em filosofia, medicina e ciências naturais, chegou em 1852 à colônia fundada havia apenas dois anos pelo Dr. Hermann Blumenau (atual cidade de Blumenau) em Santa Catarina e lá faleceu em 1897, após 45 anos de muito trabalho de subsistência na condição de colono, tendo edificado uma notável obra científica devotada ao estudo da flora e da fauna catarinenses, mundialmente reconhecida. Coincidência

⁴ Fritz Müller foi o mais notável naturalista residente no país, no século XIX, e um dos maiores do mundo. Entre nós, foi pioneiro no estudo de inúmeros grupos botânicos e zoológicos. Seus estudos da flora e fauna brasileiras contribuíram para consolidar a botânica e a zoologia como grandes especialidades dentro das ciências biológicas. Abordamos o pioneirismo de sua impressionante obra sobre cupins no volume 48 (5/6) desta revista.

ou não, tanto Frederico Carlos Hoehne⁵ como Fritz Müller são cientistas de renome internacional, compartilham o mesmo esquecimento ou pelo menos são insuficientemente estudados e cultuados, suas publicações são de difícil acesso e seus livros, apesar da grande aceitação, se tornaram raridades bibliográficas.

Reunimos aqui as três homenagens dedicadas por Hoehne ao botânico Fritz Müller.

1- Fritz Müller, um naturalista no Brasil meridional

Dentro da série de publicações denominada *Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil*, um volume dá a conhecer o litoral do Brasil meridional⁶, com interessantes informações sobre a cidade de Blumenau e o naturalista Fritz Müller nas páginas 74 a 87. Recolhemos os excertos müllerianos, que reproduzimos inalterados, a fim de preservar a bela e esclarecedora redação de Hoehne, e a homenagem ali concedida ao Príncipe dos Observadores, enriquecida de relatos originais daquele que o conheceu pessoalmente e foi sogro de Hoehne. Também é interessante registrar a sugestão feita por Hoehne pessoalmente ao governador Adolfo Konder, de aproveitar a casa de Fritz Müller como museu, sinal da enorme preocupação de Hoehne com a difusão do conhecimento científico à população e com a preservação de um bem de tão marcado interesse histórico.

⁵ Franco & Drummond, *op. cit.*, p. 4. Aproveitamos as considerações dos autores do artigo sobre Frederico Carlos Hoehne, muitíssimo apropriadas também para categorizar a personagem que historiamos, Fritz Müller.

⁶ Hoehne, F.C., 1940. *Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil. IV. O litoral do Brasil meridional. Excursão botânica realizada de 16-9 a 26-10-1929, pela zona litorânea desde Santos até Laguna*. Departamento de Botânica do Estado, São Paulo, 111 pp.

Assim é que, à página 75, após discorrer sobre o pitoresco das habitações de Blumenau, a organização do povo e a beleza da cidade, em tão grande harmonia com a natureza local, onde ... *sente a certeza ... que está entre um povo que bem conseguiu adaptar-se ao ambiente, contribuindo para realçá-lo. As espécies da flora são perpetuadas com especial carinho e tudo quanto a natureza proporciona é aproveitado com sabedoria*, inicia a seguir a sua narrativa sobre o sábio decifrador da natureza:

[p. 75] *Dir-se-ia que FRITZ MÜLLER, o “Príncipe dos Observadores” contribuiu para que isso assim fosse, porque, a começar pela sua casa que ali ainda conseguimos encontrar em estado quase intacto, tudo nele evidenciava esse interesse para as coisas da flora e da fauna. Mas, assim não pode ter sido, porque em Blumenau, o naturalista em apreço sempre foi ignorado, sempre criticado como materialista e ateu, embora o admirassem. Jamais ter-lhe-iam também erigido o monumento que a praça principal da cidade hoje ostenta, se de fora o mesmo não tivesse sido inspirado, se os trabalhos dele, depois do seu falecimento, não tivessem conseguido convencer o povo melhor do seu valor do que o haviam conseguido as suas palavras, quando entre o povo, que sempre o viu em atividade, na roça, na mata, à beira do rio ou na escola.*

Companheiro de BLUMENAU, o fundador da cidade, FRITZ MÜLLER viu nascer o povoado onde florestas obumbraram o solo, onde brasilíndios tinham armado as suas aldeias. Passo a passo seguiu o evoluir da mesma, contribuindo para torná-la cada vez maior, mais interessante. [p. 76] Mas, o que ninguém sabia no seu tempo, é que ele estava fazendo mais para a imortalidade de Blumenau do que o seu próprio fundador. As suas descobertas biológicas, as observações registradas durante a sua existência, contribuíram mais para o conhecimento da cidade de Blumenau no estrangeiro, do que o conseguiram os grandes feitos do abnegado e incansável DR. BLUMENAU. Mas, para que tudo isso ficasse patente e se tornasse notório necessário foi que FRITZ MÜLLER morresse. Só então teve o reconhecimento dos seus amigos, dos seus vizinhos. E assim devia ser, pois a história sempre se repete, assim tem sido e continuará sendo até ao fim do mundo.

Imponente a figura de FRITZ MÜLLER! Nosso sogro, o SR. KUHLMANN, o conheceu porque trabalhou sob as ordens do DR. ODEBRECHT engenheiro a serviço do DR. BLUMENAU, e nos contou, várias vezes, como o vira na roça, descalço, de largo chapéu de palha, mangas arregaçadas, a carpir o milharal, a podar o laranja! [p. 78], à beira do rio Itajaí ou na mata a apanhar insetos, a observar passarinhos, a colher plantas. Em Itajaí a esposa do SR. ALBERTO ZIMMER, já de idade avançada, nos contou o mesmo, pois fora amiga da família KUHLMANN e era filha do DR. ODEBRECHT. E agora, na praça principal, na entrada da cidade para quem vem de Jaraguá, aquele monumento, a pretender apagar tão interessante e animador passado do grande naturalista, com aquela inscrição: “Fritz Müller, 1822-1897, Príncipe dos Observadores, no conceito de Darwin e sábio decifrador da natureza no Brasil. XIX-V-MCMXXIX.”

...

[p. 81; após comentar o monumento do Dr. Hermann Blumenau] *Comparando-se os dois monumentos mais importantes de Blumenau, verifica-se sem dificuldade que o de FRITZ MÜLLER, já referido, é mais imponente do que o do fundador da cidade.*

Em BLUMENAU temos um modelo de homem de iniciativa material, um fundador de cidade, um grande educador.

Em FRITZ MÜLLER o cientista consumado, que no trabalho árduo do campo, na labuta quotidiana, encontra lazer para observar, para ler as páginas vivas da natureza. De fato, o campo, a floresta e o jardim sempre foram o seu livro predileto. Afirmam que sua biblioteca se resumia numa prateleira e não contava mais do que uma dúzia de volumes, mas eram escolhidos, úteis e muito manuseados.

No entanto, — quem houvera de dizer: — BLUMENAU foi filho de um couteiro-mor, chefe de guardas de florestas e minas de um ducado. [p. 82] FRITZ MÜLLER, rebento direto de um pastor protestante da aldeia de Windischholzhausen, neto de um teólogo de nomeada, que foi diretor do ginásio Erfurt. O último professou ateísmo, e o primeiro foi devoto ao ponto de censurar a miúdo ao primeiro, chegando

a acusá-lo de inconveniente para a população da colônia incipiente com as suas idéias materialistas.

São diferentes os filhos dos seus progenitores, os destinos dos homens. Os referidos, ambos filhos da culta Alemanha, tornaram-se porém grandes porque se fizeram úteis aos seus semelhantes, trocando, muito embora carreiras que na infância se lhes haviam augurado.

FRITZ MÜLLER chegou ao Brasil no ano de 1852, BLUMENAU o havia antecipado seis anos porque aportara no Rio Grande do Sul em 1846. A vida e os feitos de ambos foram descritos por J. FERREIRA DA SILVA, nos anos de 1931 e 1933.

Quem lê esses dois livros não pode deixar de reconhecer o grande apego do autor à terra catarinense e o simultâneo interesse que tem em tornar conhecidos os nomes daqueles aos quais ela mais ficou devendo.

...

... em 1850 toda essa região era mata virgem, em que alguns colonos mais audazes se atreviam abrir clareiras para o estabelecimento de benfeitorias. Entre esses estavam BLUMENAU, FRITZ MÜLLER, FRIEDENREICH, [p. 84] KUHLMANN, ODEBRECHT e alguns outros, cujos nomes continuam sempre lembrados nos diferentes setores da nossa história.

Informaram-nos ultimamente que a velha casa de FRITZ MÜLLER foi aproveitada para museu. Isto nos é muito grato, porque foi exatamente o que recomendáramos em 1929 ao DR. KONDER, em Florianópolis, quando lhe falamos como diremos adiante.

...

[p. 86] *Dizem que FRITZ MÜLLER não quis confiar a ninguém a instrução de suas filhas. Quando atingiram a idade escolar, ele mesmo passou a lhes ministrar as lições juntamente com as que dava ao filho de um comerciante seu amigo, que tomara para ensinar particularmente.*

Do seu irmão HERMANO, da Alemanha, recebia os livros necessários

para isso. Mas quando o progresso das crianças o exigiu, compôs, ele mesmo, fábulas e contos em versos, que ilustrou com rara habilidade e assim lhes proporcionou oportunidade para se interessarem pela arte, pelos animais e plantas da nossa terra. O citado biógrafo do naturalista, conseguiu traduzir e publicar várias dessas quadras e poemas bem como muitas das interessantes fábulas. Ao se ler aqueles versos e contos, sente-se o contato do grande observador, porque, em tudo se traduzem simplicidade e sinceridade que tanto o recomendaram como tal.

Mas já nos demoramos demasiado nas considerações sobre Blumenau e seus dois maiores homens. Uma só coisa precisamos dizer ainda e poderemos continuar.

A pequena casa que vemos nos fundos da casa maior de FRITZ MÜLLER, foi a segunda que construiu e na qual morou alguns anos. Mais tarde foi que construiu a maior. A primeira habitação sua foi uma comuna, um rancho alugado por ele com outros.

...

[p. 103] *Florianópolis foi visitada por vários naturalistas botânicos, mas os maiores de entre eles foram, sem dúvida alguma, FREDERICO SELLOW e SAINT HILAIRE, no começo do século 19. Mais tarde, ERNESTO ULE, FRITZ MÜLLER, enquanto lecionou em Florianópolis, correram os arredores na ilha estudando insetos e animais marinhos e plantas.*

2- Fritz Müller entre os grandes botânicos do mundo

Fritz Müller foi homenageado no livro de Hoehne e dois colaboradores, sobre o Jardim Botânico de São Paulo⁷. Pretendiam os autores que esse livro se tornasse um guia didático para o ensino prático de botânica, utilizando os recursos vegetais do Instituto, em numerosas

⁷ Hoehne, F.C.; Kuhlmann, M. & Handro, O., 1941. *O Jardim Botânico de São Paulo*. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, São Paulo, 656 pp.

trilhas consagradas a naturalistas botânicos, a serem demarcadas no Jardim Botânico e na Estação Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba:

O nosso objetivo ... é fazer do Jardim Botânico de S. Paulo uma escola prática de botânica, em que cada interessado, sem o auxílio do mestre, por si, observando e empregando este manual, poderá adquirir conhecimentos de taxonomia e morfologia, com a mesma facilidade com que conquistará noções de fitogeografia e de sinonímia de nomes populares. [p. 16]

É uma obra volumosa, com 656 páginas, biografias em ordem alfabética de 87 botânicos que prestaram vultosos serviços ao conhecimento da flora nacional (41 deles são ilustrados com uma fotografia ou um desenho) e descrições resumidas de várias centenas de plantas. Também apresenta 26 belas pranchas em preto e branco, que retratam dependências do instituto, plantas e outros temas de interesse. Enfim, um livro valioso ao naturalista e ao historiador da ciência, e magnífica tribuna aos memoráveis da botânica.

A homenagem que podemos prestar, dando o nome de um naturalista, a uma das picadas, estradas ou caminhos que atravessam essas matas e capoeiras do Jardim Botânico, é, efetivamente, muito pequena, mas estamos certo que se lhe fosse dado ver isto, muito mais lhe agradaria do que se dedicados lhe houvessem sido rua ou praça urbana, em que a natureza completamente banida não mais consegue estabelecer a relação entre o homenageado e o motivo da homenagem [p. 17]. ... O prazer que isto nos proporciona é muito grande. Até aqui a única lembrança que existia deles, na maioria dos casos, era a abreviação dos seus sobrenomes juntada às espécies que descreveram ou a sua citação nas relações de materiais examinados pelos especialistas ... [p. 21]

Entretanto, as trilhas em que se desenvolveria o estudo prático, as quais seriam denominadas em homenagem aos naturalistas botânicos biografados no livro, em sua maioria não foram demarcadas, nem se localizam na documentação atualmente disponível para consulta no Instituto de Botânica. Apenas aquelas que hoje compõem as principais vias

de acesso e trânsito na área do Instituto de Botânica foram nomeadas e são conhecidas. As demais se perderam na memória, na falta de documentação e nas sucessivas expropriações da área física original, que a partir da década de 1940 perdeu terreno para outras instituições e vias públicas⁸, localizadas dentro do atual complexo do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, onde se localiza a bacia do Ribeirão Ipiranga, cujas águas conheceram o feito histórico do Imperador D. Pedro I, ao determinar a independência do Brasil.

O presente manual será melhorado e reeditado tantas vezes quantas o recomendar o desenvolvimento das coleções e na proporção em que as edições forem sendo esgotadas... [p. 18]

Infelizmente, o sonho do grande educador botânico, Frederico Carlos Hoehne, não prosperou e a instrução popular nesse domínio deverá aguardar nova oportunidade. Talvez as dificuldades financeiras, o curso da segunda grande guerra mundial, ou outros fatores incógnitos o tenham impedido de concretizar seu nobre objetivo educativo. O livro ficou na primeira edição, há muito esgotada e disponível ocasionalmente em sebos, a preço nada popular.

As notas biobibliográficas lá coligidas são preciosas. *Não nos comprometeremos também a falar de todos, mas daqueles que mais fizeram para a parte do Brasil que habitamos [p. 22]* ... e Fritz Müller está entre os homenageados, com a mesma ilustração perenizada no Museu Botânico (veja o próximo tópico). O texto é curto e convém seja aqui reproduzido.

MÜLLER, Fritz — nascido em 31 de março de 1822, na vila de

⁸ Os atuais Instituto Astronômico e Geofísico da USP; Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio; Hospital Psiquiátrico Dr. David Capistrano da Costa Filho; Parque Zoológico de São Paulo; Zôo Safári; Siderúrgica Alliperti; complexo esportivo da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social; Rodovia dos Imigrantes; Avenida Ricardo Jafet; 2ª Companhia de Polícia Ambiental; e áreas de invasão por populares.

Windisch-Holzhausen, perto de Erfurt, na Alemanha, filho do ministro protestante de nome JOÃO FREDERICO MÜLLER, e falecido em 27 de maio de 1897, na cidade de Blumenau, Estado de Sta. Catarina. Destacou-se de entre os pesquisadores como o mais simples e mais arguto. O seu campo de pesquisas foi especialmente o lugarejo onde residiu até a sua morte. Era extremamente simples na sua vida; pouco exigente quanto ao conforto material, mas extraordinariamente metucioso nos trabalhos científicos. O curso ginásial realizou em Erfurt, formou-se depois em farmácia. Sua queda, porém, sempre foi para a História Natural e Matemáticas, por isto fez curso destas matérias na Universidade de Berlim, sob os auspícios dos Botânicos K. S. KUNTH e CH. F. HORNSCHUCH e sob a direção dos zoólogos LICHTENSTEIN⁹ e ERICHSON¹⁰ e do fisiologista JOÃO MÜLLER¹¹. Mais tarde defendeu tese e recebeu o título de doutor em filosofia, em seguida fez concurso para diretor do ginásio de Erfurt. Mas, não se sentiu satisfeito neste cargo e voltou para a Universidade de Greisswald, onde se formou ainda em medicina, e como tivesse então imensa vontade de conhecer regiões e terras novas, procurou ser contratado médico da marinha. Foi, no entanto, impedido neste plano e não o conseguiu realizar. Quatro anos trabalhou como livre-docente e em 19 de maio de 1852 transferiu-se para o Brasil, estabeleceu-se numa modestíssima casinha nas matas à margem do rio Garcia, afluente do rio Itajaí, no Estado de Sta. Catarina e entregou-se ao trabalho de clínica quase sem exigir recompensa pelos seus trabalhos profissionais, por alterná-los com árduo exercício na foice [p. 143] e na enxada no seu campo de cultura. Nas horas vagas coletou plantas e animais, estudou a flora e fauna especialmente sob o ponto de vista ecológico. De 1856-67 funcionou como professor no liceu da cidade de Florianópolis, ensinando História Natural e Matemática. Mas graças às suas idéias atéticas e de livre-pensador foi demitido do cargo e voltou novamente para a antiga residência em Blumenau, onde se dedicou, pelo resto da vida, ao estudo da natureza. Tendo demonstrado o seu grande valor para esta atividade, o Museu Nacional do Rio de Janeiro contratou-o naturalista viajante e assim teve, até ao advento da República, o

⁹ Martin Heinrich Carl von Lichtenstein (1780–1857).

¹⁰ Wilhelm Ferdinand Erichson (1809–1848).

¹¹ Johannes Peter Müller (1801–1858).

subsídio modesto que este cargo lhe rendeu, para, em seguida, ver-se novamente coagido a manter-se com o seu braço na lavoura.

Os trabalhos de FRITZ MÜLLER não são extensos. Quase todos apenas pequenas notas, observações e monografias resumidas resultantes da sua experiência própria. Jamais dispôs de grande biblioteca. Os recursos modestíssimos nunca lhe permitiram compulsar as revistas e as obras mais custosas. Com pequenos recursos realizou, porém, o que a maioria dos naturalistas não consegue fazer com muitos e bons. As suas obras primam pela clareza. São sempre ilustradas de próprio punho. Depois do seu falecimento foram colecionadas na Alemanha e editadas em dois grandes volumes ricamente confeccionados, que, se os tivesse visto quando ainda vivo, certamente teriam-no impressionado como um desperdício de dinheiro. Mas, embora muito caras, as suas obras não chegaram para as encomendas, porque o seu nome tornara-se universalmente acatado e respeitado como de uma capacidade intelectual rara.

Quem hoje vai de Jaraguá do Sul para Blumenau, encontra na estrada desta última um largo ao lado da rua, com um pequeno jardim bem tratado, no centro do qual se ergue um suntuoso monumento de FRITZ MÜLLER com a seguinte inscrição: “Príncipe dos Observadores”, no conceito de DARWIN, e sábio decifrador da natureza no Brasil. XIX-V-MCMXXIX.

Das Orquidáceas dedicou ele um trabalho ao gênero Corymorchis (Corymbis THOU.) que atualmente passou a ser Clodia LDL. de acordo com um trabalho recentemente publicado pelo PROF. DR. R. SCHLECHTER, sobre as Orquidáceas do Estado do Rio Grande do Sul. Por este e pelos demais motivos referidos, queremos homenagear este grande vulto das Ciências Naturais do nosso país, no Jardim Botânico de S. Paulo. Já nos referimos, porém, a ele no IV fascículo das “Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil”, saído em maio de 1940, onde também demos reproduções do seu monumento em Blumenau e falamos da bibliografia que se refere a ele.

[p. 144] O DR. J. FERREIRA DA SILVA, prestimoso prefeito de Blumenau, consagrou os méritos de FRITZ MÜLLER como os do DR. BLUMENAU, em destacadas biografias em que ficam registrados os valores dos dois vultos.

3- Fritz Müller no Museu Botânico Dr. João Barbosa Rodrigues

O Museu Botânico foi idealizado por Hoehne e inaugurado no Jardim Botânico de São Paulo em março de 1942, por ocasião do centenário do nascimento do Dr. João Barbosa Rodrigues, naturalista de grande expressão para a botânica brasileira. Além de interessante acervo de plantas herborizadas, representando os ecossistemas presentes no Estado de São Paulo, fotografias ou desenhos emoldurados em tamanho 35x24,5 cm dos botânicos laureados no livro referido¹² encimam as paredes das várias dependências do museu. É uma belíssima homenagem, e lá se encontra



Fritz Müller no salão principal. Trata-se de desenho original, ao qual serviu de modelo uma fotografia do sábio, de 1877, aos 66 ou 67 anos de idade. A autoria dos desenhos é desconhecida.

Fig. 1 – *Nem sempre teve FRITZ MÜLLER, em sua ativíssima existência, momentos de descanso, como este em que o modelaram. Todavia, o vemos com a mão a coífar as barbas, admirado, talvez, de se haver mudado assim o conceito do povo que tantos anos o viu, com o qual tantos anos dividiu tristezas e prazeres. Sirva-nos, este naturalista, de estímulo, quando tudo parece conspirar contra, quando a gratidão parece ter deixado de existir; para que prossigamos sempre, sem esmorecimento, levantada a cabeça, alçado peito, no cumprimento do nosso dever de felicitar ao semelhante por meio daquilo que as nossas forças, a nossa inteligência podem realizar, convictos sempre que o futuro fará justiça.* [Hoehne, 1940: 76⁴]

¹² Rocha, Y.T. & Cavalheiro, F., 2001. Aspectos históricos do Jardim Botânico de São Paulo. *Revta. brasil. Bot.* 24 (4, suplemento): 577-586.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – O BOTÂNICO FRITZ MÜLLER NO CENÁRIO CIENTÍFICO MUNDIAL

O país carece de memória e pouco valor dá aos seus cientistas notáveis. As homenagens de Frederico Carlos Hoehne a Fritz Müller representam a valoração de um botânico autodidata, igualmente notável em realizações e similarmente olvidado nos horizontes acadêmico e popular, despendida no esforço de elevar esse ramo da ciência, dentro da mais ampla concepção de um jardim botânico, que deve atuar nos campos científico, educacional, social, estético, histórico e ecológico¹⁰. Para isso, soube valer-se dos memoráveis da ciência nacional, que encontra em Fritz Müller uma das maiores expressões.

Nesta época de grandes comemorações sobre o evolucionismo darwiniano, com vistas ao ano de 2009, denominado o *Big Year* de Darwin e do evolucionismo, por registrar 200 anos de seu nascimento e 150 anos da publicação de seu clássico livro *Origin of species*, ainda haveria muito a destacar em Fritz Müller, no enorme e imprescindível auxílio que ofereceu a Charles Darwin em diversos campos do conhecimento biológico. Foi significativa sua contribuição ao refinamento das idéias evolutivas e Darwin expressou sua gratidão nas novas edições do seu famoso livro, onde na 6ª edição (considerada a versão final) Fritz Müller é citado 11 vezes, em duas com temas botânicos importantes às proposições do autor. Nos 17 anos de assídua correspondência entre ambos¹³, temas botânicos permearam quase todas as 34 cartas a ele enviadas por Fritz Müller, ora enriquecidas com ilustrações de próprio punho, com detalhes das plantas que descrevia. Os dois grandes naturalistas também permutaram espécimes botânicos e

¹³ Sobre o tema, o leitor deve consultar o excelente livro de onde coligimos essas informações: Zillig, C., 1997. *Dear Mr. Darwin. A intimidade da correspondência entre Fritz Müller e Charles Darwin*. Sky/Anima Comunicação e Design, São Paulo, 241 pp.

Darwin foi agraciado com sementes, bulbos e material herborizado, que germinaram na Inglaterra e enriqueceram os jardins de Dow e o acervo de plantas vivas do jardim Botânico de Kew, por intermédio do botânico Joseph Dalton Hooker, outro correspondente de Fritz Müller¹⁴. Foram muitas as observações botânicas de Fritz Müller, realizadas nas matas, bem como nos jardins e pomar de sua casa em Blumenau, para atender solicitações do próprio Darwin, que lhe dedicava extremada consideração e confiava na sua capacidade de observar e interpretar os fatos da natureza, ou apenas para com ele compartilhar uma descoberta ou um ponto de vista interessante.

O senhor alguma vez já pensou que a família das Amarantáceas também deseja oferecer sementes vistosas, que despertam a atenção dos pássaros? Pois este é o caso de uma Chamissoa trepadeira de nossa flora... [carta de F. Müller a C. Darwin, setembro de 1867¹⁵]

Caso o senhor seja apanhado por uma chuva pesada, eu lhe ficaria muito grato se mantivesse presente esta noção, e olhasse para a posição de tais folhas. [carta de C. Darwin a F. Müller, 12/4/1881¹⁴]

Hoje já chove há mais de cinco horas, e acabo de ir através de meu jardim para ver qual a posição das folhas da Cassia... [carta de F. Müller a C. Darwin, 31/5/1881¹⁶]

A bem da verdade, a enorme contribuição botânica de Fritz Müller permanece pouco valorizada, merece ser mais conhecida no meio acadêmico e amplamente divulgada à população. O conjunto de sua obra é significativo, resultou em muita informação atualmente no âmbito do domínio público, facultou o aprimoramento do paradigma evolutivo darwiniano, que norteia o pensamento biológico no século XX e no atual, e

¹⁴ West, D., 2003. *Fritz Müller, a naturalist in Brazil*. Pocahontas Press, 376 pp. [p. 159]

¹⁵ Zillig, *op. cit.*, p. 64-65.

¹⁶ Zillig, *op. cit.*, p. 19.

se desdobrou em novos conceitos científicos, hoje comprovados, discutidos e aceitos mundialmente. Nesta última categoria se localiza o “mimetismo mülleriano”, assim designado em homenagem ao seu descobridor, Fritz Müller, desenvolvido e exemplificado com borboletas, mas cuja origem remonta a uma constatação botânica, na semelhança entre flores de duas plantas da costa marinha catarinense, uma trepadeira e uma leguminosa¹⁷. Felizmente, os horizontes largos de Hoehne lhe facultaram há mais de 60 anos agraciar, no conjunto de sua grandiosa obra no Jardim Botânico que criou e dirigiu por muitos anos, e apreciar o trabalho botânico de Fritz Müller, um imigrante que se tornou brasileiro por opção e naturalista botânico de renome mundial.

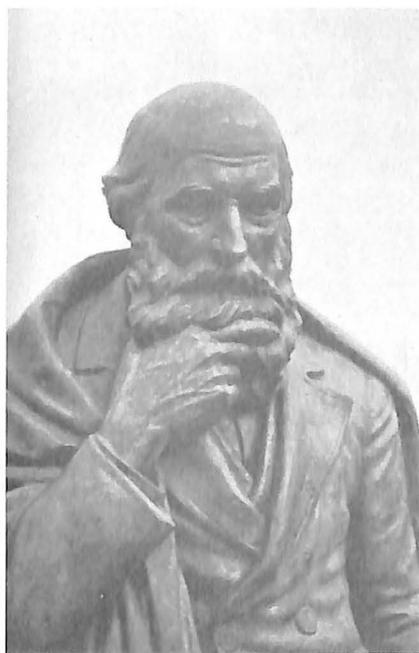


Fig. 2 – *Aqui temos a parte superior do monumento de FRITZ MÜLLER, em que o vemos quando já avançado na idade, mais se comprazia em auscultar a natureza e em registrar as suas observações, que publicava nas revistas do estrangeiro e algumas vezes nos “Arquivos do Museu Nacional”, de onde recebeu, durante alguns anos, os proventos do cargo de naturalista viajante, cargo de que mais tarde foi dispensado. Os trabalhos que publicou acham-se agora reunidos em volumes e são ilustrados. Todavia, assim os ver em vida, nunca lhe foi concedido, muito menos sonhou ele, por certo, em monumento em que o deixaram exposto aos raios solares a*

¹⁷ West, *op. cit.*, p. 161-162: Fritz also reacted to Darwin’s account of Bate’s “wonderful observations of Amazonian Butterflies,” which first appeared in the 4th edition of *The Origin*, and suggested that a previously puzzling similarity between the flowers of two unrelated shoreline plants, a bindweed and a legume, might be of mimetic resemblance. ... This is Fritz’s first reference to mimicry, a phenomenon [p. 162] about which he was already “beating his brains out”, and which would occupy him increasingly over the decade of the 1870s.

contemplar, não mais a natureza que tanto amou, mas os viandantes que passam vindos de Jaraguá, de Brusque e de Itajaí.

Ali está ele para ensinar a gente, a pregar-lhe, pelo exemplo da sua vida, já que não preferiu ser pastor. [Hoehne, 1940: 81^a]

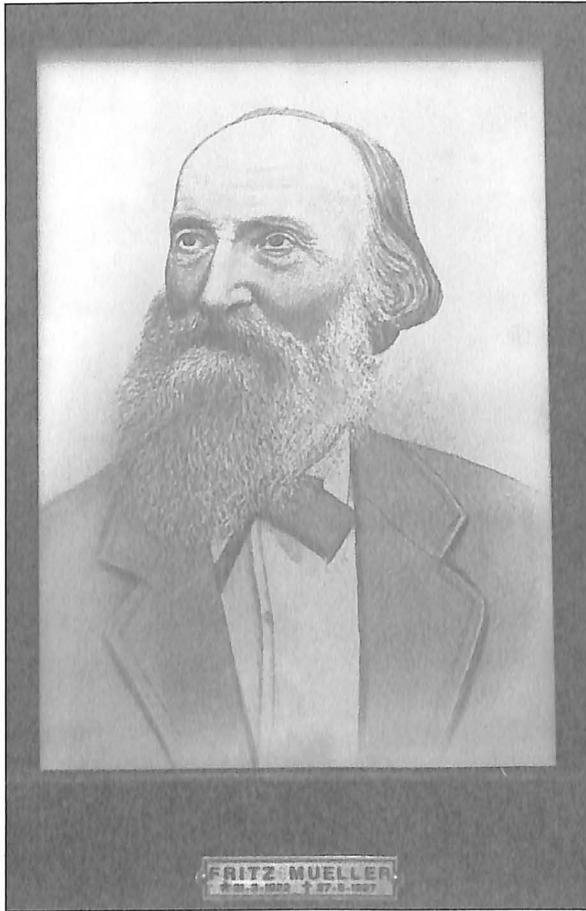


Fig. 3 – Gravura de Fritz Müller no Museu Botânico Dr. João Barbosa Rodrigues. Nanquim em papel, 35x24,5 cm. Autoria desconhecida. Preparada provavelmente no início da década de 1940, para um livro⁵ e para exposição no Museu Botânico.



Uma figura ligada à nossa história:
MIGUEL CALMON

UMA FIGURA LIGADA À NOSSA HISTÓRIA: MIGUEL CALMON

Enéas Athanázio¹

Embora natural da Bahia, Miguel Calmon du Pin e Almeida é uma figura que ficou ligada à nossa História, em especial pela sua atuação como homem público na primeira década do Século XX, merecendo por isso algumas considerações, uma vez que é pouco conhecido entre nós. Nascido em Salvador, no bairro do Caquende, em família rica e influente, integrada entre muitos outros pelo poderoso Marquês de Abrantes, em 18 de setembro de 1879, recebeu primorosa educação nos melhores colégios de então. A família descendia de franceses, daí o nome “du Pin”, adotado por seus membros. Aos 16 anos, muda-se para o Rio de Janeiro, onde faz os preparatórios para ingressar na célebre Escola Politécnica, na qual fez um curso brilhante e se embebeu da filosofia positiva, influenciado por Augusto Comte. Em 30 de março de 1900, aos 21 anos, estava formado em engenharia civil e disposto a dar o salto em direção às grandes realizações. Levava consigo a fama de excelente estudante.

Durante o curso teve como colega o futuro escritor Lima Barreto (1881/1922), que não chegou a se formar. Enquanto Calmon era rico, sempre bem posto e vivendo à larga, Lima beirava a miséria, vestia-se mal e não se interessava muito pelo estudo. Afirmando que Calmon o desfeiteara, criou por ele profunda antipatia que se estenderia por toda a vida. Tão logo Calmon galgou posições de relevo, Lima assumiu contra ele nítida postura de oposição. Para ele, o antigo colega era exemplo do sucesso fácil, baseado no dinheiro e na influência familiar. Sobre ele escreveu páginas que hoje integram suas Obras Completas onde o coloca em situações

¹ Advogado e Escritor.

constrangedoras, comparando-o inclusive a Bel Ami, célebre personagem de Maupassant. Quando embriagado, Lima afirmava ter comprado uma espada para “matar o Bel Ami.” Calmon, no entanto, parece não ter dado maior importância ao fato, pelo menos não me consta que a ele se referisse uma única vez. As críticas de Lima soam algo exageradas, uma vez que Calmon se revelaria técnico competente e exímio administrador. Por vias transversas, porém, elas contribuíram de alguma forma para a permanência do baiano na História.

Formado, Calmon decide regressar à terra natal. Queria mostrar aos conterrâneos seu saber e suas habilidades. Entrega-se, então, a febril atividade, envolvendo-se em diversas empreitadas. Movimenta uma empresa de lenha econômica, em Itaparica, que não parece ter prosperado. Torna-se professor da jovem Escola Politécnica da Bahia, título que usará com orgulho pelos anos a fora. Em 1902, aprofunda-se em estudos sobre álcool combustível e energia solar, temas em que ninguém falava e dos quais foi precursor. Tudo isso chama a atenção e desperta interesse por sua pessoa, não tardando a ser convidado para a Secretaria Estadual da Agricultura, cargo que assume em 26 de setembro de 1902, com apenas 23 anos de idade. Sua gestão é ativa e realizadora, assim reconhecida, e permanece no cargo até 14 de julho de 1905, credenciado a disputar uma vaga no Parlamento. E de fato, no ano seguinte era eleito deputado federal pela Bahia, integrando a bancada conservadora, seguidora do **laissez faire, laissez passer**. Junta-se a outros deputados moços, formando-se a chamada bancada da juventude, por alguns rotulada, em tom sarcástico, como jardim da infância. Mas é ativo e estudioso, fala bem e sua presença não tarda a ser notada.

Para surpresa de muitos e desgosto de outros, recebe convite espontâneo do Presidente Afonso Pena para integrar sua equipe de governo como Ministro da Viação. Depois de consultar o Conselheiro Rui

Barbosa, seu líder político no Estado natal, assume o cargo em 1906. Nesse Ministério trabalhava Machado de Assis, modesto e dedicado funcionário, de quem Calmon foi chefe. Tinha 27 anos de idade, o mais jovem ministro da História do país. Tão logo assume, entrega-se a febril atividade, envolvendo e animando todo o corpo de funcionários da pasta. Viação e povoamento, água para o Rio de Janeiro, saneamento, portos e ferrovias, legislação da área, linhas telegráficas, radiocomunicação, ampliação e melhoramento dos correios, apoio à ação de Rondon e outros assuntos são enfrentados com decisão. Avulta em sua gestão a Exposição de 1908, realizada na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, para marcar o centenário da abertura dos portos brasileiros. O evento tem repercussão internacional e projeta o jovem ministro em todo o país.

Tão logo é empossado parece tomado de autêntica febre ferroviária. Entrega-se de corpo e alma à construção de ferrovias, consciente de que elas integravam o país e constituíam as veias para circulação da riqueza nacional. Inicia trechos e conclui outros, mais curtos ou mais longos, espalhados por todo nosso território. Essa atividade é constante em toda sua gestão, iniciando-se em 1907, perpassando 1908 e prosseguindo em 1909. No período foram construídos trilhos em quilometragem que suplantou tudo que fora construído até então. Como diz seu biógrafo, Pedro Calmon, “foi o seu maior título de benemerência (...) Pela primeira vez, enfim, a construção de estradas de ferro em nosso país atingia a mil quilômetros em um ano!” (“Miguel Calmon, uma grande vida”, Rio, José Olympio/INL, 1983, pp. 57/58). Trilhos entram Mato Grosso a dentro, furando uma região erma e isolada, a despeito da descrença de muitos: nasce a Noroeste do Brasil (NOB). Eles infletem para o sul, ligando o sudeste ao Prata – é a São Paulo-Rio Grande, interligando São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, cruzando nosso território pelo Vale do Rio do Peixe, desde Porto União até Marcelino Ramos (RS). Essa ferrovia, no

entanto, só ficaria concluída em 1910, quando Calmon já não ocupava o Ministério da Viação, embora a ele se deva a iniciativa e a construção de sua maior parte. É nesse período que ele se liga mais de perto à nossa História, merecendo inclusive a homenagem de uma estação com seu nome, hoje o município de Calmon. Não se sabe e não consegui esclarecer se ele veio à região e visitou a estação que levava seu nome. O Presidente Pena também mereceu homenagem semelhante, dando seu nome a outra estação. Seja como for, Calmon está ligado para sempre ao nosso Estado.

Em 14 de junho de 1909 falece Afonso Pena, alterando a fundo a política do país e Miguel Calmon deixa o Ministério. Sai dele consagrado como grande ativista e realizador, ainda que fosse vítima de muitos boatos e suposições maliciosas, inclusive partindo do biógrafo de Percival Farquhar. Mas tais coisas parecem inevitáveis no mundo da política e em nada afetaram o jovem ex-ministro. Em 24 de agosto do mesmo ano, para surpresa geral, casa-se com Alice da Porciúncula, moça de família antiga e tradicional do Rio Grande do Sul, muito rica, em separação de bens, como de praxe. A união do baiano com a gaúcha daria bons frutos, como logo se verá. Rumam para a Europa, onde ele faz atentas observações sobre a educação, tema que o absorve. Voltando, é eleito deputado federal pela segunda vez e o casal vai residir num palacete da rua São Clemente, no Rio, que seria sua morada definitiva. Estuda muito e escreve sobre educação, economia e agricultura. Posiciona-se em favor do catarinense Lauro Muller para candidato à Presidência, sem resultado. Deixando a Câmara, retorna à Europa, agora em pé de guerra, na fase em que as hostilidades estão prestes a começar, e entende que nova e angustiante fase histórica iria transformar o mundo, como de fato aconteceu após a I Guerra Mundial (1914/1918). Volta impressionado com o poderio bélico e os preparativos dos países europeus, e, em conseqüência, percebe a importância da segurança e da defesa nacionais, não com fins belicistas ou militaristas,

mas como pressuposto da soberania. Integra o grupo que batalha pela criação do serviço militar obrigatório, junto com Olavo Bilac e outras figuras de relevo, e a Liga de Defesa Nacional. Custeava de seu bolso as viagens e despesas de Bilac que, com sua musa e seu verbo, esquentava a campanha pelo serviço militar. Nessa época o país é assolado pela gripe espanhola, ocorrendo milhares de mortes e deixando um rastro de tristeza que estendeu um manto de medo e desolação. Na Bahia, Calmon trabalha por Rui Barbosa, como candidato à Presidência, pela segunda vez, mas é derrotado. Campanha violenta e agressiva, quando atentados se sucederam e Calmon revelou inigualável coragem em um deles, escapando ileso por verdadeiro milagre. É outra vez eleito para a Câmara Federal com votação consagradora (1920). Agora sua atuação se volta para o aspecto social e o nacionalismo. Mostrava que a exploração colonial de Java e da Índia, pela metrópole britânica, nada rendera àqueles países, pelos quais muito havia andado. Estavam as coisas nesse pé quando sobrevém novo convite para o Ministério, desta vez para a pasta da Agricultura.

Em 1922 assume a pasta que era um desafio neste “país essencialmente agrícola”, cuja agricultura se desenrolava em moldes primitivos e ultra-conservadores. Nela permanecerá até 1926, quando novos movimentos já começavam a se anunciar no horizonte e desembocariam na Revolução de 1930, provocando profundas mudanças no país. Em sua gestão, voltou os olhos para o álcool combustível, sua produção e consumo, para o trabalhismo pacífico, sem luta de classes, crédito e transporte para a lavoura e tomou medidas administrativas na área do abastecimento, como a criação da Superintendência do Abastecimento, a implantação de feiras livres, levando os produtos diretamente do produtor ao consumidor, sem intermediários, além de incentivos aos produtores. Procurou por todas os meios modernizar a agricultura. Segundo seu biógrafo, já referido, foi uma gestão inovadora e corajosa.

Mas era necessário prosseguir na carreira política. Em 1927 é eleito senador pelo Estado natal. Sua eleição é contestada por adversários rancorosos, mas, apesar de tudo, é reconhecida. Também é eleito presidente do Partido Republicano da Bahia, o que, junto ao novo mandato, lhe confere invulgar posição. Dedicase com esmero à nova função parlamentar enquanto o clima revolucionário vai se implantando no país. A disputa entre Getúlio Vargas e Júlio Prestes é ferrenha, inclinándose Calmon por este último. Como tantos de seu tempo, não viu com clareza e os ventos do sul impuseram novas e profundas mudanças ao país, afastando-o para sempre do cenário político. Com a vitória da Revolução de 1930, refugia-se na Embaixada da Romênia e nela permanece até que baixe a poeira. Depois, com mais calma, rumo para o Exterior, só retornando em 1931 e já sem mandato. Como se dizia na época, era mais um dos “decaídos” ou “carcomidos”, e tratou de se recolher à intimidade do lar e aos negócios particulares. Considerou finda sua longa e vitoriosa carreira política. Não se entregou, porém, ao desânimo e continuou estudando, escrevendo, proferindo palestras. Continuava ligado às entidades de defesa da agricultura e conservou intacta até o fim sua fé na democracia, ainda que nos moldes clássicos, como predominara na República Velha.

Não viveria muito, no entanto, na nova era implantada por Vargas. Em 24 de fevereiro de 1935, aos 56 anos, falecia no Rio de Janeiro, ainda moço e preparado para dar muito ao país. Mas as pessoas na época morriam cedo, a média de vida no Brasil era baixa, roubando das atividades construtivas muitos que acabavam de completar seu preparo intelectual. O sepultamento foi consagrador

Ciosa da memória do marido, sua viúva doou ao Museu Histórico Nacional grande coleção de objetos que justificaram a criação de uma sala especial e lá permaneceram por muito tempo, até que foram dispersos no acervo da instituição. O livro acima mencionado, de autoria

de Pedro Calmon, o antigo reitor da Universidade do Brasil, parece ser a única biografia de Miguel Calmon ou, pelo menos, desconheço a existência de outra. O batismo da cidade catarinense com seu nome foi, no entanto, a maior homenagem a ele prestada. Nela nasceram e continuarão nascendo inúmeras pessoas que levam e levarão o nome de “calmonenses”, assim como tudo que diz respeito à cidade, perpetuando a memória de seu patrono.

Algumas fontes:

“Miguel Calmon, uma grande vida”, Pedro Calmon, Rio/Brasília, José Olympio/INL, 1983.

“Feiras e Mafuás”, Lima Barreto, S. Paulo, Brasiliense, 1956.

“A vida de Lima Barreto”, Francisco de Assis Barbosa, Rio/Brasília, José Olympio/INL, 6ª. ed., 1981.

“Chatô, o rei do Brasil”, Fernando Morais, S. Paulo, Cia. das Letras, 1994.

“Farquhar, o último titã”, Charles Anderson Gauld, S. Paulo, Editora de Cultura, 2006.

“A fabricação do imortal”, Regina Abreu, Rio, Lapa/Rocco, 1996.

Trabalhos de minha autoria, publicados em “Blumenau em Cadernos” e no “Jornal Página 3.”

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
 - R\$ 10,00 (anos 60)
 - R\$ 10,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2007 (Tomo 48). Anexo a este cupom, a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: Número do Cheque:

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - - Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense